

A POESIA

\* A fonte da mocidade \*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A jarra de porcellana

**L**á vem a jarra de porcellana  
com a sua face  
esmerilhada com as pedras  
que os artesãos  
produziram a milia... De dentro vem  
fumar...

**Imprensa Estudantil e Práticas de Escrita e de  
Leitura: a Revista "O Estudo"**

**(Porto Alegre/RS, 1922 a 1931)**

ou mulher

O ESTUDO

FUGAZ ROMANCE  
(Para "O Estudo")

Andréa Silva de Fraga

Alpheu e Arethusa

Porto Alegre  
2012

FELICIDADE

**ANDRÉA SILVA DE FRAGA**

**Imprensa Estudantil e Práticas de Escrita e de Leitura:  
a Revista O Estudo (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Maria Stephanou

**Porto Alegre**

**2012**

CIP - Catalogação na Publicação

Fraga, Andréa Silva de  
Imprensa estudantil e práticas de escrita e de  
leitura: a revista O Estudo (Porto Alegre/RS, 1922 a  
1931) / Andréa Silva de Fraga. -- 2012.  
173 f.

Orientadora: Maria Stephanou.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. História da educação. 2. Práticas de escrita. 3.  
Práticas de leitura. I. Stephanou, Maria, orient.  
II. Título.

**ANDRÉA SILVA DE FRAGA**

**Imprensa Estudantil e Práticas de Escrita e de Leitura:  
a Revista O Estudo (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Aprovada em 11 de outubro de 2012

---

Profa. Dra. Maria Stephanou – Orientadora

---

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai – PPGEDU/UFRGS

---

Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida – UFRGS

---

Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos – PUCRS

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos amigos e amigas que me acompanharam nessa jornada cheia de muita alegria e prazer.

Aos meus primeiros amigos e amados pais, Nilton e Maria, pelo incentivo e apoio em todos os momentos da minha vida.

À minha irmã Jacqueline e ao meu cunhado Moisés, pela ajuda em mídia eletrônica.

À minha avó, Teresinha, e aos meus tios e primos, que este trabalho sirva de inspiração a eles.

À minha equipe de colegas e excelentes amigas do Instituto de Educação, Claudia, Dilza, Maria Beatriz e Rosa Suzana, pelo incentivo e apoio, com quem eu pude dividir a felicidade de estar no mestrado.

À professora Inês, que cuida do arquivo do Instituto de Educação, que me permitiu fazer as cópias das revistas.

Aos meus queridos colegas de pós-graduação Carolina, Carine, Maurício, Regiane, Larissa e Edison, pela amizade e troca de experiências construídas nessa jornada.

À minha querida professora orientadora Maria Stephanou pelo acolhimento nessa jornada, com seu carinho e sua dedicação. E que oportunizou grandes momentos na minha vida intelectual e pessoal.

À professora Maria Helena Camara Bastos por sua colaboração, orientação e carinho dedicados ao ler meu trabalho.

Ao grupo de estudos e colegas Dóris, Luciane, Carla e Carmem, que proporcionou melhor entendimento da obra de um autor referência na dissertação.

E ao Programa de Pós-Graduação em Educação, seus professores e funcionários, pelo trabalho que realizam.

A história das andanças do homem através de seus próprios  
textos está ainda em boa parte por descobrir.  
(CERTEAU, 2009)

## RESUMO

A pesquisa empreende uma reflexão histórica inscrita no campo científico da História da Educação, embasada teoricamente nos pressupostos da História Cultural e da história da cultura escrita e da leitura, com o uso de autores como Michel de Certeau e Roger Chartier. Seu objeto de análise situa-se no âmbito da história da imprensa de educação e ensino, e destaca a produção de *impressos estudantis*. Detém-se na análise de um *corpus* documental que corresponde a 31 exemplares da revista *O Estudo*, publicada entre os anos de 1922 a 1931, pelo Grêmio de Estudantes da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E propõe a compreensão das práticas de escrita e de leitura das alunas através da publicação da revista. Para isso, a proposta de Chartier sobre a análise de práticas de escrita e de leitura se torna essencial, ou seja, estudar as relações entre *o suporte, o texto e as práticas de leitura*. O suporte, isto é a materialização da revista *O Estudo*, com sua apresentação física, sua composição gráfica e sua circulação, propagou textos que foram dispostos, impressos e publicados de maneira diversa. Também revelou os tipos de relação que a equipe de redação procurava estabelecer entre os textos e os leitores. A revista *O Estudo* pode ser compreendida como um produto da cultura escrita de um tempo, no contexto de uma instituição e de uma ação formativo-pedagógica. Nela o escrito se faz presente através de uma vasta produção textual, que contribuiu para uma maior circulação da palavra escrita e para suprir a demanda por material escrito. As alunas coordenaram escrita com leitura ao apresentarem textos referentes às aulas práticas, valendo-se das teorias difundidas no processo de formação e das experiências escolares. As leituras que integram a formação de professoras também estão apresentadas na publicação de textos transcritos, traduzidos e adaptados, recurso amplamente utilizado para a composição d'*O Estudo*. Esses usos dos textos demonstram a forma como foram apreendidos, (re)utilizados, (re)escritos e produzidos no impresso estudantil e dispostos conforme a intenção editorial das alunas. Nesse processo de composição, difusão e apropriação, a instituição escolar passa a ter um contributo significativo, pois além do processo do ensino da leitura e da escrita, também colabora através dos novos usos e práticas que faz dos impressos. A Escola lança mão da prática de escrita de um impresso em formato de revista, um artefato sociocultural existente, incluindo como prática escolar. Isto é, a Escola, e mais especificamente as alunas da Escola Complementar/Normal, *manipularam, compreenderam e apreenderam* a palavra escrita em circulação na sociedade e estiveram envolvidas com a produção de um impresso estudantil, incentivado como prática escolar.

Palavras-chave: imprensa estudantil, práticas de leitura e escrita, história da educação, história cultural.

## ABSTRACT

The research presents a historical reflection inscribed in the scientific field of History of Education, with the purposes of Cultural History and the history of writing and reading, with the use of Michel de Certeau and Roger Chartier. His object of analysis lies in the history of education press and teaching, and highlights the production of student press. Focuses on the analysis of 31 copies of the journal *O Estudo*, published between the years 1922 to 1931, for the Grêmio de Estudantes da Escola Complementar/Normal Porto Alegre, Rio Grande do Sul. For this, the Chartier's proposed on the analysis of practices of writing and reading becomes essential, ie, to study the relationships between the support, the text and reading practices. The support, i.e. the materialization of the journal *O Estudo*, with their physical presentation, graphical composition and circulation, spread texts that were arranged, printed and published in a different way. It also revealed the types of relationship that the editorial team sought to establish between texts and readers. Finally, the students produced the magazine genre in the school and encouraged the production of printed student. The journal *O Estudo* can be understood as a product of the culture of a time writing in the context of an institution and an action pedagogical-training. Here the writing is present across a wide textual production, which contributed to greater circulation of written words and to meet the demand for written material. The students coordinated with reading when submitting written texts related to practical lessons, using theories widespread in the educational process and school experiences. The readings in the training of teachers are also presented in the publication of texts transcribed, translated and adapted, widely used resource for the composition of *O Estudo*. These uses of texts demonstrate how were seized, (re)used, (re)written and produced in student press and arranged according to the intention of publishing students. In the process of composition, diffusion and appropriation, the school institution is replaced by a significant contribution, because beyond the process of teaching reading and writing, also works through new uses and practices that make the print. The school makes use of the practice of writing in a printed journal format, an sociocultural artifact, including how school practice. That is, the school, and more specifically the students of the Escola Complementar/Normal, manipulated, understood and seized the written word circulating in society and were involved with the production of a student press, encouraged as school practice.

Key-words: student press, practices of writing and reading, History of Education, Cultural History

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia do antigo prédio em que funcionou a Escola Complementar.....	14
Figura 2 – Cabeçalho da revista.....	33
Figura 3 – Capa da revista O Estudo, anno I, n. 2, 1922.....	36
Figura 4 – Capa da revista O Estudo, anno I, n. 4/5, 1922.....	36
Figura 5 – Capa da revista O Estudo, anno IV, n.1, 1926.....	38
Figura 6 – Capa da revista O Estudo, anno VI, n. 2/3, 1928.....	38
Figura 7 – Exemplos de sumários nas contracapas.....	41
Figura 8 – Modelo de <i>design</i> gráfico (O Estudo, n. 2/3, 1928, contracapa).....	42
Figura 9 – Fotografias de homenageados: A) Julieta dos Santos Parrot (aluna) (O Estudo, n. 3, 1922, p. 3), B) Professores Alcides F. Soares e Alcides Cunha (O Estudo, n. 2, 1925, p. 9), C) Professoras Florinda T. Sampaio e Olga Acauan (O Estudo, n. 1, 1925, p. 11).....	45
Figura 10 – Fotografia (1) – Aparecida do Norte – São Paulo e Ruínas do Templo de S. Miguel das Missões (O Estudo, n. 2/3, 1928, p. 61); Fotografia (2) – Estrada de Ferro das minas de S. Jeronymo (O Estudo, n. 3, 1922, p. 15).....	46
Figura 11 – Fotografia “ <i>O Club de Sciencias ‘Olga Acauan’ em visita ao Aero Porto, na ilha dos Marinheiros. No centro vê-se o Snr. Otto Mayer, um dos diretores da Condor, que recebem fidalgamente as normalistas, ladeado das professoras Snra. Natercia Vellozo e Snra. Olga Acauan</i> ” (O Estudo, n. 1, 1931, p. 17).....	47
Figura 12 – A mulher adúltera – Signol (O Estudo, n.3, 1922, p. 21).....	48
Figura 13 – Jose Bonifacio constituindo a Nacionalidade com o concurso das três raças (Quadro de Eduardo de Sá) (O Estudo, n. 4/5, 1922, p. 39).....	49
Figura 14 – Modelos de desenhos de alunas (1) O Estudo, n. 1, 1930, p. 40; (2) O Estudo, n.1, 1930, p. 13; (3) O Estudo, n. 1, 1931, p. 6;.....	50
Figura 15 – Modelos de “design gráfico”.....	51
Figura 16 – Modelos de anúncios.....	52

Figura 17 – Anúncios das livrarias publicados na revista.....	55
Figura 18 – Modelo de concurso realizado pela revista (O Estudo, n. 3, 1928, p. 59) e o vencedor do prêmio (O Estudo, n. 6/7, 1928, p. 135).....	67
Figura 19 – Modelo de concurso promovido pela revista (O Estudo, n. 5/6, 1925, p. 48).....	68
Figura 20 – Modelo de concurso destinado à criança (O Estudo, n. 1,1931, p. 25).....	68
Figura 21 – Exemplo de rastros de leitura (1).....	118
Figura 22 – Exemplo de rastros de leitura (2).....	119
Figura 23 – Exemplo de dedicatória.....	120
Figura 24 – Folha de caderno encontrada no interior da revista <i>O Estudo</i> .....	121
Figura 25 – Verso da folha de caderno.....	122
Figura 26 – Exemplo de <i>marginália</i> (1).....	123
Figura 27 – Exemplo de <i>marginália</i> (2).....	124

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados gerais da revista (1922-1931).....	32
Quadro 2 – Números da revista <i>O Estudo</i> que possuem sumário (1922-1931).....	42
Quadro 3 – Tipo de anúncios na revista <i>O Estudo</i> de 1922 a 1931.....	53
Quadro 4 – Equipes responsáveis pela edição da revista (1922-1931).....	60
Quadro 5 – Lista de tipografias/oficina gráfica/editora (1922-1931).....	62
Quadro 6 – Colaboradoras, títulos e classificação dos textos ( <i>O Estudo</i> , 1922 a 1931).....	72
Quadro 7 – Colaboradores da revista (1922 – 1931).....	95
Quadro 8 – Textos teórico-metodológicos publicados na revista <i>O Estudo</i> no período de 1922-1931.....	108
Quadro 9 – Títulos de livros anunciados na revista (1922-1931).....	125

## SUMÁRIO

<b><i>O percurso da pesquisa</i></b> .....	13
Contato com o tema e o corpus documental.....	13
A imprensa de educação e de ensino e o impresso estudantil.....	17
As práticas de escrita e de leitura através do olhar teórico-metodológico.....	24
O trabalho com a revista <i>O Estudo</i> .....	27
Capítulo 1 – <b><i>Fórmula revista: a apresentação do suporte</i></b> .....	29
Gênero revista.....	29
Forma do impresso.....	33
Composição gráfica: capas, sumários, ilustrações, anúncios.....	34
Circulação.....	57
Capítulo 2 – <b><i>O Estudo e a prática de escrita das alunas</i></b> .....	70
Textos literários – os 210 títulos – exemplos das práticas e escrita das alunas.....	78
Textos teórico-metodológicos: ideias e práticas pedagógicas.....	84
A diversidade dos colaboradores – A boemia literária de Porto Alegre.....	93
Capítulo 3 – <b><i>O Estudo dentre as práticas de leitura das alunas</i></b> .....	104
Indicadores das práticas de leitura.....	107
As transcrições, traduções, adaptações na área da pedagogia.....	107
As pequenas citações – “Pensamentos” e epígrafes.....	116
Rastros escritos: as marginais.....	117
Os livros anunciados na revista, leituras em circulação e a formação da Biblioteca do Grêmio de Estudantes.....	125
Outro indicador das práticas de leitura: a leitura silenciosa.....	130
<b><i>Considerações finais</i></b> .....	132
<b><i>Referências</i></b> .....	137
<b><i>Apêndices</i></b> .....	144
Apêndice 1 – Levantamento geral dos exemplares.....	145
Apêndice 2 – Descrição física da revista <i>O Estudo</i> .....	147
Apêndice 3 – Quadro de todos os anúncios publicados na revista <i>O Estudo</i> .....	170

## *O percurso da pesquisa*

---

**O tema central desta dissertação é um estudo que propõe a compreensão das práticas de escrita e leitura de alunas da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre/RS, durante os anos de 1922 a 1931, através da publicação da revista *O Estudo*. A intenção foi refletir sobre a história da cultura escrita e da leitura, no âmbito da História da Educação e através da mediação das lentes da História Cultural.**

A pesquisa, portanto, percorreu determinados caminhos, que passaram pela *escolha do tema, pela busca e seleção do corpus documental, pela formulação do problema de pesquisa, e pela mediação teórico-metodológica*. Momentos da trajetória de pesquisa que conduziram até a escrita final, isto é, a construção da narrativa histórica. Momentos que se inscrevem numa concepção de História que almeja compreender o passado, da maneira mais “plausível, possível, que aspira a ser tomada como a mais próxima possível do real acontecido” (PESAVENTO, 2008, p. 61).

### **CONTATO COM O TEMA E O CORPUS DOCUMENTAL**

Inicialmente, a trama desta narrativa utilizará linhas que correspondem ao primeiro contato com a revista *O Estudo*, como e por que eu a construí em meu objeto de pesquisa.

Sou professora da disciplina de história no Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul – comumente conhecido por seu antigo nome, Instituto de Educação, carinhosamente apelidado de IE. Esta escola durante muitos anos foi considerada referência para o ensino público estadual, principalmente com relação à formação de professores. De acordo com Kraemer Neto (1969), a Escola Normal da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul<sup>1</sup> foi instituída em 5 de abril

---

<sup>1</sup> A denominação desta escola, ao longo de sua história, foi sendo alterada. Iniciou como Escola Normal da Província de São Pedro (1869); depois Escola Distrital de Pôrto Alegre (1901); Escola Complementar (1906); Escola Normal (1929); Escola Normal General Flôres da Cunha (1937); Instituto de Educação (1939); Instituto

de 1869 pelo Regulamento do Curso de Estudos Normais, assinado pelo presidente da Província Antônio da Costa Pinto e Silva<sup>2</sup>.

No ano de 1906, com a denominação de Escola Complementar e de nível secundário, reaparece como órgão formador do magistério, que incluiu as disciplinas de psicologia, pedagogia e prática de ensino. Na Escola Complementar foi acrescido mais um ano, somando o total de quatro anos de curso. A Escola localizava-se na Rua Duque de Caxias, esquina Marechal Floriano, em Porto Alegre, no antigo prédio do Ateneu Rio-Grandense.<sup>3</sup>

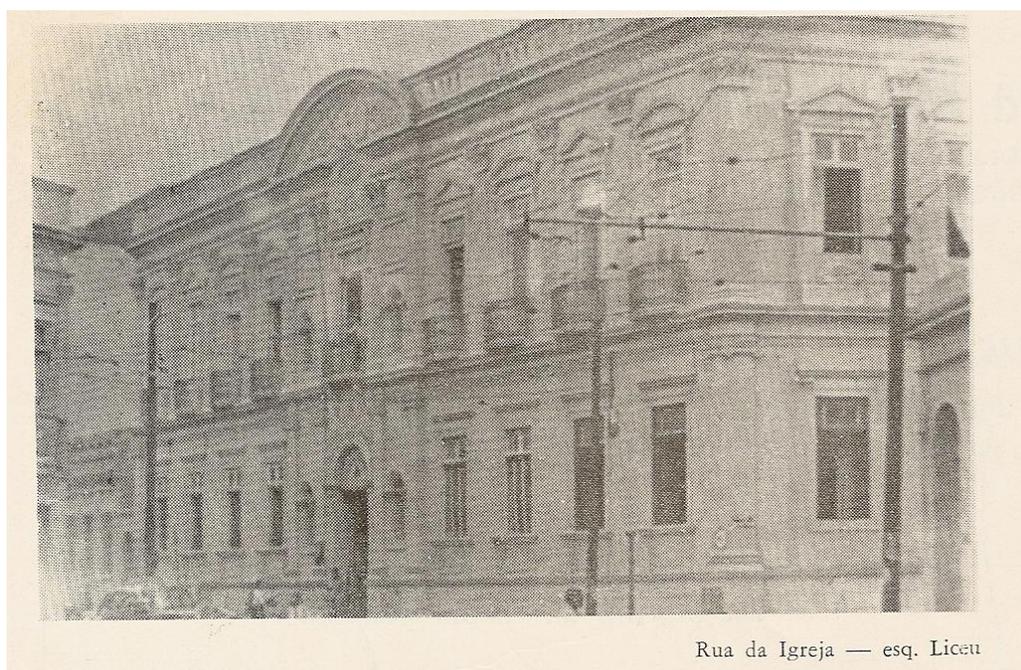


Figura 1 – Fotografia do antigo prédio em que funcionou a Escola Complementar

Em 1929, a Escola Complementar deu lugar à Escola Normal com a seguinte estrutura: Curso Complementar (já existente e que foi reduzido para três anos), Curso de Aperfeiçoamento (com duração de dois anos), Escola Primária, Jardim de Infância – estes dois últimos destinados à prática de ensino do Curso Normal. No ano de 1937, logo após ser

---

de Educação General Flôres da Cunha (1959); Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha (2003).

<sup>2</sup> Em Porto Alegre, no ano de 1881, a Escola Normal oferecia um curso de dois anos, cujo currículo apresentava para o primeiro ano regras de caligrafia, gramática nacional explicada, geografia geral, aritmética e álgebra, desenho linear, catecismo, história sagrada e da igreja; no segundo ano, gramática nacional, noções elementares de geometria e de escrituração mercantil, história geral, pedagogia. Em 1891, foi acrescido mais um ano, com a adição dos seguintes estudos: princípios elementares das ciências físicas e naturais.

<sup>3</sup> O Ateneu Rio-Grandense foi aberto em 1871, no lugar do Liceu D. Afonso que foi fechado em 1870. Localizava-se na Rua da Igreja (hoje Duque de Caxias). E, em 1872, passou a dividir o espaço com a Escola Normal da Província de São Pedro.

transferida para o atual prédio na Oswaldo Aranha<sup>4</sup>, a Escola Normal ganhou o nome de Escola Normal General Flôres da Cunha. Em 1939, tem início uma nova fase, a Escola se torna Instituto de Educação, e sua estrutura passa a contar com os seguintes cursos: Jardim de Infância, Escola Experimental, Escola Secundária, Escola de Professores<sup>5</sup>.

De acordo com Guacira Louro (1986), a escola foi fundada no tempo do Império para a formação de professores, tanto do sexo masculino quanto do feminino, porém a escola foi notadamente marcada por uma inserção muito maior de alunas, e por essa razão acabou se tornando uma instituição dirigida, principalmente, para a formação de jovens alunas e futuras professoras. Como escola pública e gratuita, estava aberta ao público em geral, especificamente ao feminino de todos os grupos sociais, porém as alunas matriculadas, em sua grande maioria, representavam as camadas médias da sociedade gaúcha. A Escola oferecia uma carreira no magistério e esta representava a possibilidade da formação mais ampla (de nível secundário) e uma opção profissional para essas moças. O magistério preparava para a prática docente, uma profissionalização que naquele momento acreditava-se que harmonizava com funções naturais femininas, de futura esposa, mãe e, conseqüentemente, professora, pois as jovens possuíam os atributos necessários ao desempenho de todas elas, ou seja, seriam competentes, dedicadas e amorosas.

A Escola, como órgão público, foi considerada “uma escola oficial, ligada ao estado, localizada na capital, e tendo como seus dirigentes pessoas de confiança do governo” (LOURO, 1986, p. 28). É por essa razão que, durante muitos anos, foi considerada uma escola padrão e um modelo de educação a ser seguido por outros cursos normais do estado do Rio Grande do Sul.

Durante sua existência, a Escola foi se modificando. No período que corresponde aos anos de publicação do impresso estudantil *O Estudo*, ou seja, nas décadas de 1920 e 1930, o setor educacional do país vive o momento de ascensão do Movimento da Escola Nova, cuja proposta direcionava-se à qualificação do ensino através da reforma dos currículos, dos métodos de ensino, a qualificação técnica dos professores e a criação de laboratórios técnicos. Neste sentido, buscando a qualificação de seus docentes, grupos de professores gaúchos participavam de viagens de estudos ao Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, para

---

<sup>4</sup> Em 1934, teve início a construção dos pavilhões que abrigaram a Exposição do Centenário Farroupilha, no Parque da Redenção. De 1934 a 1935, o prédio atual do Instituto de Educação foi construído e, durante o ano de 1935, serviu de Pavilhão Cultural dessa Exposição. Em 1936, a Escola Normal foi transferida para seu novo prédio.

<sup>5</sup> Em 1955, o Instituto de Educação modifica-se novamente em sua estrutura, correspondendo à Escola Maternal, Jardim de Infância, Curso Primário, Curso Ginásial, Curso Normal de II Ciclo (seis semestres e mais um de estágio supervisionado).

conhecerem e observarem novos métodos e processos de ensino. Mas da mesma maneira que a Escola apresentava um discurso modernizador vinculado ao escolanovismo, de outra parte reafirmava postulados do discurso tradicional. Combinava, enfim, novidades educacionais, através das teorias pedagógicas em voga, com a tradição de seus rituais, seus hinos e seus símbolos, com metas e valores permanentes, atrelados ao estado e em obediência às orientações governamentais (LOURO, 1986, p. 90).

Enfim, é nesta instituição histórica, repleta de memórias vinculadas às suas paredes, às escadarias, aos alunos e aos professores que por ali passaram, frequentaram, deixaram suas marcas; é nesta escola produtora de um imaginário escolar idealizado pelos pedestres que, na atualidade, diariamente transitam pela Avenida Oswaldo Aranha, pela população em geral, que deseja colocar seus filhos nessa escola; é nesta escola repleta de representações da cultura escolar e da educação no estado, que atuo diariamente, convivendo e trocando experiências com alunos e colegas.

Nesta Escola monumental teço reflexões acerca de minha profissão, dos últimos acontecimentos no campo da educação pública do estado do Rio Grande do Sul, e da importância que um governo atribui a esta pasta. Escolas estão sendo desfeitas, escolas estão caindo aos pedaços, paredes de metal estão substituindo paredes de madeira ou alvenaria. A escola pública parece ser um *locus* onde políticas públicas das últimas décadas não têm investido significativamente em obras que mantinham o número de prédios qualificados para abrigarem alunos e profissionais da educação

Preocupada com a educação pública, com meu ofício, com meus alunos e minha escola decidi dar início à pesquisa sobre o Instituto de Educação. Fui ao local responsável pela documentação da escola, ou seja, ao arquivo para levantar algumas informações sobre a história da Escola. O arquivo do Instituto de Educação corresponde a uma pequena sala, com armários (do chão ao teto) totalmente ocupados com documentos.

Ao conversar com a professora responsável por este arquivo, explicar-lhe meu interesse, e ao perceber que espalhados pelo chão havia muitos pacotes de documentos que ainda não tinham sido organizados nos armários, perguntei se poderia dar uma olhada à procura de algo que me interessasse. Num canto da sala se encontrava um material descartado pela biblioteca da Escola e enviado ao arquivo. Ali, naquele monte, encontrei uma “pilha” de revistas, que o formato e qualidade do papel indicavam que não correspondiam a um material atual. Ao tomar a pilha e levá-la para a mesa de trabalhos, movida por um impulso, misto de estranheza e curiosidade, descobri que se tratava de vários números de uma revista. Ao ter em minhas mãos um exemplar (o primeiro que se encontrava na pilha) dei vazão ao desejo de

saber mais, de responder dúvidas quanto ao que se tratava. Estranhei, e ao mesmo tempo achei fascinante, perceber que consistiam em revistas cuja manutenção era realizada pelo Grêmio de alunos da Escola Complementar. Logo em seguida, meus pensamentos levaram a fazer uma comparação com os últimos eventos e a inexistência de um Grêmio de alunos na Escola. Como foi possível que na década de 1920 o Grêmio se encontrasse organizado o suficiente para publicar uma revista? E como, no atual momento, o Grêmio praticamente inexistente devido à desestruturação interna?

Mesmo aquele documento ou vestígio do passado que possa ter chegado até nós por puro acaso foi produzido no seu tempo obedecendo a intencionalidades, ou seja, as evidências em seu próprio tempo são fabricadas. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 25)

Ao constatar do que se tratava, embora não sendo do meu interesse naquele momento, pedi para que a professora responsável pelo arquivo guardasse com cuidado aquele material, porque o “faro de historiadora” me dizia que ali havia um rico material de pesquisa.

Este acontecimento ocorreu cerca de um ano antes de dar início ao mestrado. Já como mestranda, nas primeiras conversas com minha orientadora, comentei a existência deste material e ela me despertou o interesse em pesquisá-lo como foco central da dissertação.

Sendo assim, o objeto de pesquisa foi delimitado e se constitui de um *corpus* documental composto de 31 exemplares da revista *O Estudo*, publicada entre os anos de 1922 a 1931, pelo Grêmio de Estudantes da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre. E assim comecei a trabalhar com a História da Educação, através do campo metodológico da História Cultural, ressaltando a história da cultura escrita e da leitura.

## **A IMPRENSA DE EDUCAÇÃO E DE ENSINO E O IMPRESSO ESTUDANTIL**

A revista *O Estudo* é um impresso estudantil publicado em Porto Alegre/RS, entre os anos de 1922 a 1931. E na condição de impresso estudantil apresentava-se como criação do Grêmio de Estudantes da Escola Complementar/Normal.

Nas últimas décadas, a historiografia a respeito da educação e do ensino brasileiro tem produzido pesquisas cujo *corpus* documental provém da imprensa. A imprensa como meio de comunicação faz uso de vários veículos para difundir o texto impresso – jornais, revistas, folhetos, entre outros. Sua ligação com a história da educação encontra-se na publicação de

vários textos educacionais transportados por estes veículos da imprensa, e que estão presentes no contexto brasileiro pelo menos desde o século XIX<sup>6</sup>.

A justificativa para a escolha do impresso estudantil como foco privilegiado à pesquisa é dada por vários autores estrangeiros e brasileiros. O primeiro destaque escolhido é a apresentação do livro “Educação em Revista” (1997) em que Denice Catani e Maria Helena C. Bastos propõem que a imprensa de educação e ensino<sup>7</sup> pode ser pensada como

[...] um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. (CATANI; BASTOS, 1997, p. 5)

Nessa obra, as autoras mencionam pesquisadores estrangeiros preocupados com a temática, dentre eles Pierre Ognier, Pierre Caspard e António Nóvoa.

Segundo as autoras, para Pierre Ognier, a imprensa de educação e ensino “é um *corpus* documental de vastas dimensões, pois se constituem em testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional” (OGNIER, 1984 *apud* CATANI; BASTOS, 1997, p. 5).

Para Caspard, por sua vez, a imprensa de educação e ensino permite

[...] escrever a história da educação de um outro modo: menos centrado no papel do Estado ou dos grandes pedagogos e mais atento à riqueza das iniciativas locais, institucionais, ideológicas, sócio-profissionais e também ao atendimento de expectativas de vez que, diferentemente do livro, a imprensa periódica é uma mídia interativa na orientação da qual os leitores participam de um modo ou de outro, quer escrevendo para ela, quer assinando-a ou deixando de fazê-lo. (CASPARD, 1993 *apud* CATANI, 1996, p. 117)

E para Nóvoa (1997) existem três razões para o uso da imprensa de educação e ensino. A primeira refere-se à internalidade do sistema de ensino depreendida da análise desta documentação, bem como o papel da família e das diversas instâncias de socialização das crianças e jovens. A segunda refere-se à natureza da informação fornecida pela imprensa, pois

Estamos perante reflexões muito próximas do acontecimento, que permitem construir uma ligação entre as orientações emanadas do Estado e as práticas efetivas na sala de aula. [...] A imprensa é, talvez, o melhor meio para compreender as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática: o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um

<sup>6</sup> No trabalho de Bastos, Bencostta e Cunha (2004), há uma cartografia da pesquisa em história da educação na região sul, onde, em seu “Quadro 6 – Temas examinados” (p. 30), o tema “imprensa: professores/alunos” aparece contabilizado no total de 23 trabalhos, sendo 6 do Paraná, 17 do Rio Grande do Sul e nenhum de Santa Catarina.

<sup>7</sup> “Pierre Caspard em sua obra “La presse d’éducation et d’enseignement” define a imprensa do ensino como o “conjunto de revistas que, destinados aos professores, visam principalmente a guiar a prática cotidiana de seu ofício, oferecendo-lhe informações sobre o conteúdo e o espírito dos programas oficiais, a conduta da classe e a didática das disciplinas. Essa imprensa constitui um elo indispensável no conhecimento do que tem sido durante quase dois séculos (no caso francês), o sistema de ensino, já que ela representa, por vezes, o espaço onde se desdobra e o ponto no qual se concentra todo o conjunto de teorias e práticas educativas de origem tanto oficial quanto privada”.” (CASPARD (1981) *apud* CATANI, 1992, p. 3)

discurso educativo que se constrói a partir dos diversos actores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.). (NÓVOA, 1997, p. 13)

E a terceira razão está no fato de que a “imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva” (NÓVOA, 1997, p. 13).

No mesmo sentido, Silvia Finocchio (2009) destaca a importância da imprensa de educação e ensino. Para a autora, o conjunto dessa imprensa constitui um caminho para se conhecer sobre os projetos e princípios educativos, assim como os detalhes da cultura do dia a dia escolar. A imprensa de educação e ensino permite a identificação das políticas educativas do Estado, assim como a micropolítica das próprias instituições escolares. Pois, “permite adentrarse tanto en el saber pedagógico que producen y difunden los centros de producción de conocimiento, como en el que crean y recrean los docentes en la propia institución escolar” (FINOCCHIO, 2009, p. 23).

Dentre os autores brasileiros que trabalham com imprensa de educação e ensino destaco as autoras supracitadas, em especial Catani (1996) que estudou a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918). Com este material ela conclui que

[...] a partir da reconstrução do ciclo de vida do período, foi possível investigar e caracterizar o funcionamento do campo educacional sob os seguintes aspectos: o nascente movimento dos professores e as reivindicações por salário e condições de trabalho, bem como a constituição dos discursos sobre a qualidade do ensino, o trabalho do professor e a organização do sistema, forjados na ótica dos próprios docentes. Foi possível também recompor a emergência de questões de ensino que viviam a se tornar temas consagrados no terreno da didática, tal é o caso da avaliação, disciplina, interesse e motivação e outros. (CATANI, 1996, p. 120)

Também Bastos (1997, 2002) apresenta as suas razões para examinar este farto material da imprensa periódica educacional, especialmente aquela produzida para professores, como é o caso da Revista do Ensino/RS. Destaco pelo menos dois argumentos apresentados pela autora. O primeiro afirma que, ao estudar “o lugar da imprensa pedagógica no discurso social” e as “estratégias editoriais face aos fenômenos educacionais e sociais”, esta se mostra rica em informações para pesquisadores interessados em analisar o discurso pedagógico, as práticas educacionais do cotidiano escolar, o “grau de submissão dos professores aos programas e instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovação e de continuidade que representa, das contradições do discurso” (BASTOS, 1997, p. 48; BASTOS, 2002, p. 154). O segundo argumento diz respeito às possibilidades de conhecimento que o estudo da imprensa periódica educacional pode proporcionar:

A imprensa pedagógica – jornais, boletins, revistas, magazines, feita por professores para professores, feita para alunos por seus pais ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe,

Igreja – contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, as práticas educativas. (BASTOS, 1997, p. 49)

Outros autores brasileiros também utilizam a imprensa periódica educacional em suas pesquisas no campo da história da educação, como é o caso de Giana Lange do Amaral (2002) que compreende os impressos como:

[...] importantes suportes materiais de vários discursos que constituem as práticas escolares. [...] representam um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma determinada época. [...] produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico. (AMARAL, 2002, p. 121-122)

O levantamento da produção historiográfica referente ao uso da imprensa de educação e ensino identificou, ainda, os estudos de Cynthia Pereira de Sousa (1997), que examinou uma revista publicada pelo Colégio Santa Inês, em São Paulo, chamada *Revista Auxilium*, portavoz da direção do colégio. A análise correspondeu ao estudo de 201 números publicados entre os anos de 1930 e 1960, e desta pesquisa Sousa conclui que:

Esse periódico possibilita, além do estudo do seu ciclo de vida, estabelecer por meio de várias seções que compõem (editoriais, artigos, listas bibliográficas, cartas de leitores, consultas, respostas da redação, anúncios de livros e livrarias, etc.), as mensagens de orientações de conduta da leitora, traduzidas em normas prescritivas de comportamento e modelos de atitude diante dos livros e das leituras, entendidos como parte significativa da sua formação mais geral e, acima de tudo, da formação do seu caráter, de sua moralidade. (SOUSA, 1997, p. 93)

O estudo de Maurilane de Souza Biccias (2002) é outro que se destaca. A autora realiza a análise da *Revista do Ensino*, publicação oficial do estado de Minas Gerais, que circulou entre os anos de 1925 a 1940. Esta revista caracteriza-se por ter sido criada pelo governo mineiro para servir de guia de ensino, ou seja, para ajudar na formação, instrução e orientação do professorado mineiro com relação aos métodos de ensino e aprendizagem. A partir deste impresso, Biccias trabalha na perspectiva de uma história da leitura, ou seja, objetiva estudar a revista na “perspectiva de compreendê-la como produtora de novos leitores e leitoras, de novas práticas de leitura e também como uma conformadora do campo pedagógico mineiro” (BICCAS, 2002, p. 175).

Embora não tomando a imprensa como objeto direto de pesquisa, cabe neste momento destacar um breve entendimento da *imprensa* como meio de comunicação mais amplo. No que diz respeito à utilização desta como fonte de análise para a pesquisa histórica, Laura Antunes Maciel (2004) destaca uma questão importante, que é não tomar a imprensa como espelho do real. Em suas palavras,

[...] é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social

constituente da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa. (MACIEL, 2004, p. 15)

Contudo, a imprensa pode ser fonte de atenção às modalidades informais de educação, porque elas “podem ter muito a dizer sobre o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas” (PALLARES-BURKE, 1998, p. 145). É nesta direção que Maria Lúcia Pallares-Burke (1998) demonstra que a partir do século XVIII, na Europa, o jornalismo passou a constituir-se num poderoso projeto iluminista com vistas a mudar as ideias e as maneiras das pessoas comuns. Portanto, a imprensa periódica passou a exercer funções de agente da cultura, mobilizadora de opiniões e propagadora de ideias. No Brasil, o modelo se repete, e os periódicos incorporam o papel educador do público, e em alguns aspectos reformador da educação. Nas palavras de Bastos (2002),

Um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, portadora e produtora de significações. A partir da necessidade de informar sobre fatos, opiniões e acontecimentos, a imprensa procura engendrar uma mentalidade – certa maneira de ver – no seu destinatário, constituindo um público-leitor. (BASTOS, 2002, p. 151-152)

Os autores e propostas de trabalho até aqui relatados procuram demonstrar a importância da imprensa de educação e de ensino, e apresentam, analisam, refletem a partir de *impressos publicados e dirigidos a um público-leitor específico, ou seja, professores e/ou alunos*, aqueles que fazem parte de uma cultura escolar<sup>8</sup>.

Os trabalhos que utilizam impressos estudantis como foco de suas pesquisas são restritos, porém chamo a atenção para o trabalho de Silvana S. Piñeda (2003) em sua dissertação *Hyloea: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)* que propõe um estudo da revista *Hyloea*, publicação do Colégio Militar de Porto Alegre<sup>9</sup>. Também a dissertação de Emerson C. da Silva (2009) *A configuração do Habitus*

<sup>8</sup> Sobre o conceito de cultura escolar ver Dominique Julia (2001). Entende-se por cultura escolar o conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. E para Viñao (2002), é constituída por um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras, e compartilhadas por seus atores, no seio das instituições educativas.

<sup>9</sup> Silvana S. Piñeda estuda o universo feminino frequentemente presente em diferentes números desse periódico, analisando as representações femininas em textos e fotografias, e se vale da perspectiva da História Cultural e da análise do discurso para empreender a investigação. Também aborda o cotidiano escolar, esportes, humor, mulher, ressaltando-se a análise textual das matérias veiculadas na revista (contos, poemas, crônicas), assim como, o levantamento dos colaboradores, das imagens, dos anunciantes, da periodicidade e das características do suporte, ou seja, uma análise interna do próprio impresso e seu ciclo de vida.

*Professoral para o aluno-mestre: a Escola Normal secundária de São Carlos (1911-1923)* apresenta uma análise da revista *O Excelcior!*. E a dissertação de Mirelle A. da Silva (2009), *A função do jornal O Lavrador como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte*, que também analisa o impresso estudantil produzido durante os anos de 1934 a 1974.

Outros exemplos estão nos trabalhos de Dóris Almeida (2010) onde a autora examina 23 exemplares da Revista *O Clarim*, impresso produzido pelo grêmio de alunos do Colégio Farroupilha, em Porto Alegre/RS, durante o período de 1945 a 1965. E no trabalho de Flávia Werle, Lenir Britto e Gisele Nienov (2007) são apresentados dados referentes ao impresso estudantil *A Voz da Serra*, publicado pelos alunos da Escola Normal Rural La Salle, de Cerro Largo/RS, entre os anos de 1946 a 1950. Com esse trabalho as autoras concluem que:

A relevância de tais impressos como documentos que trazem indicativos para a história institucional decorre do seu conteúdo, de seus autores, de seus censores, dos espaços em que circulam, dos temas que lhe são interditos e das abordagens e ênfases que oferecem aos acontecimentos. Os impressos estudantis expressam temporalidades, interações, ajudam a descortinar um contexto, selecionam e mapeiam fatos, reúnem, num conjunto, dados da instituição. (Werle; Britto; Nienov, 2007, p. 103)

Um aspecto importante apontado por estas últimas autoras é a contribuição dos estudos sobre impressos estudantis, tanto *O Clarim* como *A Voz da Serra*, para a História da Educação. A partir de suas considerações, é possível identificar aspectos que ajudam a elucidar e refletir sobre a pesquisa com a revista *O Estudo*. Primeiramente, a refletir sobre o fato de que muitos escritos estudantis estiveram vinculados às agremiações de estudantes, assim como a revista *O Estudo* também foi produzida e mantida pelo grêmio de alunas. Sendo assim, os impressos estudantis, nas palavras de Amaral (2002), registram a manifestação dos atores estudantes. Para a autora, são impressos que possibilitam uma visibilidade da produção estudantil:

[...] é interessante salientar a profusão de impressos estudantis que circulam em várias cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1960. A explicação para tal fato deve ser buscada no contexto brasileiro da época, em que é crescente a participação social e política dos estudantes. Ressalta-se, também, que neste período a imprensa ainda representava um espaço fundamental como meio de comunicação social. (AMARAL, 2002, p. 123)

Deste modo é possível perceber que os estudos apresentados contribuem às maneiras de observar através dos impressos, sejam os valores, costumes, interesses que norteiam as relações estudantis, sejam os indícios das apropriações feitas a partir da cultura escolar e da instituição a qual os estudantes estavam ligados (AMARAL, 2002, p. 124).

Ao observar mais atentamente, para além de uma mera curiosidade e fascínio, a revista *O Estudo*, produzida pelas alunas da Escola Complementar/Normal, percebe-se que esta oferece um olhar sob novo prisma para a cultura escolar, fundamentalmente direcionando à atenção para um grupo de jovens estudantes e futuras professoras, entre as décadas de 1920 e 1930, presentes no decurso da publicação desse impresso.

O que a publicação da revista *O Estudo* traz de específico é o fato de que é um impresso que possui atributos diferenciados. O primeiro aspecto refere-se à materialidade do suporte e do formato, pois *O Estudo* se apresenta como revista e não como jornal (suporte mais comum nas apresentações de impressos estudantis). Trata-se de aspecto relevante à análise, pois se o suporte varia, também variam as práticas de leitura. Como afirma Roger Chartier, “Os textos não estão fora dos materiais de que são veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados” (2002, p. 61-62). Segundo aspecto, a revista era mantida e produzida por alunas normalistas de Porto Alegre, um grupo específico de discentes que se vinculam diretamente à formação de futuras professoras, diferentemente da variada presença estudantil de outros impressos. Terceiro aspecto condiz à inserção desta pesquisa no âmbito da história da cultura escrita e da escrita escolar, ou seja, os impressos estudantis são analisados como práticas de escrita e de leitura das alunas-autoras.

Neste sentido, o estudo da imprensa de educação e ensino possibilita, além da compreensão do sistema de ensino, o entendimento da internalidade de instituições escolares, pois fornece ao historiador dados, vestígios de informações acerca da vida escolar. É como um destes indícios que os impressos estudantis estão inseridos no amplo conjunto da imprensa de educação e ensino; e possibilitam perceber uma fração da vida escolar, que corresponde a uma imprensa produzida por alunos que, durante o tempo escolar, deixam rastros de suas práticas de escrita e leitura, de suas representações sobre a escola, do seu dia a dia, de suas opiniões, de suas expectativas e experiências como estudantes e junto aos professores, de seus contatos com a comunidade externa à escola, das propostas de formação escolar e dos valores a serem compartilhados.

## AS PRÁTICAS DE ESCRITA E DE LEITURA ATRAVÉS DO OLHAR TEÓRICO-METODOLÓGICO

As palavras de Nóvoa (2005), apresentadas na introdução da obra “Histórias e Memórias da Educação no Brasil”, organizada pelas professoras Maria Stephanou e Maria Helena C. Bastos, elucidam claramente o porquê e para quê história da educação. Ou seja, para voltarmos ao passado, não apenas como saudosistas entusiasmados de um processo educativo que passou, mas sim, críticos e conscientes de que os problemas do presente podem ter respostas no passado. Porém ele deve ser pensado e estudado de forma analítica, assim como, compreender os indivíduos como produtores de história. Desta forma, estudar a História da Educação possibilita uma compreensão de que “O conhecimento dos mecanismos de transmissão da herança cultural, como se manifesta concretamente nas diversas sociedades, mostra que não há povo [...] sem um conjunto de meios educativos que asseguram sua continuidade no tempo e no espaço” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 425).

Neste sentido, Francisco Falcon (2006) cita Solà para arguir sobre como a educação é um objeto de investigação necessário à compreensão da formação cultural de uma sociedade:

[...] o sentido da história educativa não se esgota no escolar, e que o educativo (e o escolar) fazem parte de uma complexa engrenagem cultural e social. Passa-se por cima da questão de que a história do fato educativo se inscreve na história da cultura, da transmissão cultural, da formação e da reprodução de mentalidades e atitudes coletivas... Esquece-se a vital inserção da história da educação na história da sociedade *tout court*. (SOLÀ (1995) *apud* FALCON, 2006, p. 333)

Sendo assim, o campo da História da Educação, nesta dissertação, vincula-se à História Cultural por perceber que esta última está orientada para um recorte e análise dos objetos culturais e por privilegiar os pressupostos metodológicos que têm em vista a abordagem das representações e das práticas sociais (FALCON, 2006, p. 335).

A reflexão histórica acerca da educação, a partir da História Cultural, possibilita ao campo de pesquisa e investigação em História da Educação uma caracterização multifacetada e pluridisciplinar, pois apresenta vários temas e vários objetos de análise, tais como: história das instituições de ensino, história das ideias pedagógicas, história do currículo, história da profissão docente, história das culturas escolares, história da imprensa de educação e de ensino, história da cultura escrita e história da leitura, história das políticas educacionais, entre outros<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Mais detalhes com relação ao levantamento das pesquisas, dos temas e objetos em História da Educação, ver Diana Vidal e Luciano Faria Filho (2005) e José G. Gondra (2005).

Mas a História Cultural tem um desafio, o de “pensar a articulação entre os discursos e as práticas” (CHARTIER, 2009, p. 47). Para Chartier,

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer. (CHARTIER, 2009, p. 49)

Uma preocupação atenta ao indivíduo (ou comunidade) e à tênue linha que, nas relações de dominação, separa a capacidade inventiva da capacidade restritiva das próprias práticas, caracteriza a história cultural. Neste sentido, se faz necessário

[...] compreender, ao mesmo tempo, como as representações e os discursos constroem as relações de dominação e como eles próprios dependem dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles cuja potência legitimam daqueles ou daquelas cuja submissão asseguram (ou devem assegurar). (CHARTIER, 2009, p. 51)

Dos caminhos percorridos pela história cultural, três noções ganham destaque: representação, apropriação e prática. Tais categorias classificam, dividem e delimitam a organização da apreensão do mundo social (CHARTIER, 1990, p. 17).

A História como campo de produção de conhecimento procura estudar a produção humana, suas práticas e representações num tempo e espaço específicos. Para isso, o historiador utiliza fontes, vestígios, etc. Porém, como alerta Robert Darnton (2010), assim como os microfilmes contendo cópias de jornais impressos “não devem ser confundidos com os originais, a história não deve ser igualada às suas fontes. Ela é uma argumentação a partir de indícios, não os indícios em si”. (DARNTON, 2010, p. 140) A História, como campo do conhecimento, objeto de análise e disciplina acadêmica, por si só não existe se deixarmos de lado a ideia de que os historiadores são aqueles que a ela atribuem variados sentidos e usos. São eles, por seu ofício, atravessados por sua subjetividade, em seu tempo, a partir de suas teorias, que constroem a escrita e a leitura do passado. É neste sentido que Michel de Certeau diz que a escrita da história, no mundo ocidental, “A partir de um corte entre um sujeito e um objeto de operação, entre um *querer escrever e um corpo escrito* (ou a escrever) fabrica a história ocidental. A *escrita da história* é o estudo da escrita como prática histórica”. (CERTEAU, 1982, p. 10)

Por conseguinte, como a História tem a sua prática de escrita, deter-me-ei nos estudos acerca da história da cultura escrita e da leitura.

A escrita e a leitura como práticas culturais há séculos vêm sendo modificadas, como pertencentes a uma longa duração histórica – do manuscrito (rolo, códex) passando pelo

impresso (Gutenberg) e chegando aos nossos dias através da tecnologia digital. Portanto, nessa longa duração, o foco de análise da história da cultura escrita e da leitura se deterá nas formas com que os indivíduos manipulam, compreendem e apreendem os textos escritos. Isto é, nos usos diferenciados e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos e das mesmas ideias (CHARTIER, 1992).

As práticas de escrita e de leitura são pensadas em seus usos e funções. Sendo assim, pensar no escrito, também é pensar nas técnicas de execução da escrita, nos utensílios e suportes da escrita. Pois, como afirmam Antonio Viñao Frago (2001), Chartier (2002) e Antonio Castillo Gómez (2003), a mudança de suporte, de utensílio ou da técnica de execução, de disposição gráfica afetam tanto aquele que escreve e lê, como os contextos, meios e finalidades para quem se escreve e se lê, isto é, as funções, os usos e as práticas sociais relacionados ao escrito são afetados.

E pensar na história da leitura é se deter nas relações estabelecidas entre o leitor e seus textos. Compreendendo que o ato de ler corresponde a uma atividade perceptiva que implica o uso da mente e do corpo como um todo, é uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. O leitor, ao se relacionar com o texto, lhe dá vida e o recria, dele se apropria. Portanto, produz diferentes maneiras de ler, isto é, múltiplos usos, múltiplas leituras.

No mundo de textos conquistados, apropriados por leitores, três são os focos de interesse: *o objeto que comunica o texto (suporte)*, *o próprio texto* e *o ato que o apreende*. Na tensão entre estes três polos é produzida a mudança de significado. Por exemplo, um texto pode originar diversas leituras, pois, como apresenta para Chartier (1992), “as aptidões e expectativas são tão diferenciados de acordo com os usos extremamente variados que os leitores fazem do mesmo texto”<sup>11</sup>. Por fim, se um texto ao ser lido pode produzir vários significados, o que de fato corresponde ao ato de ler? “Não obstante, a experiência mostra que ler não significa apenas submissão ao mecanismo textual. Seja lá o que for, ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros” (CHARTIER, 1992, p. 214).

A problemática norteadora desta pesquisa diz respeito às práticas de escrita e leitura das alunas na revista *O Estudo*, para isso, a ideia axial de Chartier sobre a análise das práticas de escrita e de leitura se torna essencial, ou seja, estudar as relações entre *o suporte, o texto e as práticas de leitura*. Como fazer? A História, ao se aproximar da Antropologia, apropriou-

---

<sup>11</sup> Nesta mesma direção, Certeau enfatiza que toda leitura modifica seu objeto: o leitor dá sentido ao escrito; ele produz nos textos outra coisa que não era a intenção do autor, portanto, tem uma capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações (2009, p. 241).

se de um método conhecido como *descrição densa*. E é nesta direção que se encontra a análise da tríade – suporte, texto e práticas de leitura, pois a descrição densa não significa apenas descrever o objeto, “mas sim aprofundar a análise do mesmo, explorar as possibilidades interpretativas que ele oferece, o que só poderá ser dado por meio de um intenso cruzamento com outros elementos, observáveis no contexto ou mesmo fora dele” (PESAVENTO, 2008, p. 66). A análise da revista *O Estudo* não se restringe apenas a sua descrição física, porém, dirige-se à descrição do suporte (sua materialidade e ciclo de vida), ao exame dos textos veiculados, seja sob a perspectiva das práticas de escrita, seja das práticas de leitura das alunas normalistas da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre/RS.

### **O TRABALHO COM A REVISTA *O ESTUDO***

Após a localização da revista *O Estudo*, o trabalho iniciou com a cópia e gravação em arquivo PDF fac-símile dos 31 números encontrados. Fiz as cópias a partir de exemplares que estavam em melhor condição de manuseio. Decidi por esse critério para não danificar ainda mais os exemplares. Para melhor manuseio, foi feita uma cópia em papel de todo o conjunto, além da encadernação ano a ano. Os originais encontram-se guardados e organizados cronologicamente em uma pasta no arquivo do Instituto de Educação.

Com os arquivos em PDF fac-símile foi confeccionado, por sugestão da Professora Maria Helena Camara Bastos, um DVD contendo os 31 exemplares. O mesmo acompanha o texto final da dissertação.

No início da pesquisa, inspirada pela ideia de uma “gramática discursiva” (GVIRTZ, 1997) do objeto de pesquisa, procurei identificar os traços mais visíveis, o que era mais frequente, a descrição física, os dados gerais, etc., presentes na revista. Para isso foram realizados vários levantamentos que resultaram em quadros informativos e descritivos que contribuíram na análise final desta dissertação.

O primeiro passo foi realizar o levantamento geral dos exemplares analisados que se encontram no arquivo do Instituto de Educação (conforme Apêndice 1).

O próximo mapeamento que realizei foi um levantamento descritivo dos 31 números analisados (Conforme Apêndice 2). Nele foram colocados dados como ano, número, tamanho, estado físico da revista, sumário, total de páginas, equipe responsável, valor, editora, imagens e anúncios.

A partir desses dois levantamentos, outros foram realizados e resultaram nos quadros incorporados à dissertação. Por exemplo, o arrolamento de todos os anúncios, classificados pela categoria e a localização na página da revista (Conforme Apêndice 3). Tal levantamento contribuiu para a formação do Quadro 3 – Tipos de anúncios na revista, apresentado no capítulo 1.

A escrita da dissertação manteve nas citações transcritas da revista *O Estudo* a grafia original, assim como sua estrutura em três capítulos parte da ideia de se descrever e aprofundar a revista *O Estudo* a partir dos três eixos: suporte, texto e leitura.

Sendo assim, o primeiro capítulo apresenta a materialidade, o *suporte – revista*, um impresso que possui característica e fórmula próprias – o *gênero revista*. Também apresenta a forma com que foi apropriado pelas alunas ao criaram a revista *O Estudo*, através da apresentação física do impresso e sua composição gráfica (capas, contracapas, sumários, ilustrações fotografias, anúncios), e de sua circulação (periodicidade, equipe de redação, tipografia, permuta, assinaturas e concursos).

No segundo capítulo discuto as práticas de escrita através do exame dos textos veiculados na revista. Analisei os textos de autoria das alunas, dos professores da escola e dos colaboradores externos, a partir dos levantamentos realizados sobre toda a produção textual presente na revista. Primeiramente, me detive sobre os textos classificados como *textos literários* escritos pelas alunas. Em seguida analisados os textos teórico-metodológicos produzidos por elas. E, por fim, a diversidade dos colaboradores e seus escritos (professores da escola e colaboradores externos).

E, no terceiro capítulo, foram tratadas as práticas de leitura das alunas presentes na revista, através da busca por identificadores de leitura, tais como, os textos transcritos, traduzidos, adaptados, as pequenas citações e epígrafes, os rastros de leitura, as marginálias, os indícios de leitura através dos anúncios de livros e a formação da Biblioteca do Grêmio de Estudantes, assim como, o ensino da leitura silenciosa em detrimento da leitura em voz alta.

Por fim, apresento as considerações finais sintetizando as reflexões desenvolvidas ao longo de todo o texto da dissertação.

## Capítulo 1

### *Fórmula revista: a apresentação do suporte*

---

*Texto, suporte e leitura* é o tripé de análise, segundo Chartier (1992), essencial para uma história da leitura e da escrita. Seus vértices encontram-se unidos por laços de existência e dependência, porque o texto torna-se objeto, através de sua materialização, ou seja, quando transposto a um suporte. Para o suporte existir, como veículo material do escrito, é necessária a presença do texto. E ambos são pensados e criados para serem manuseados, transportados, colecionados, vistos, ouvidos e lidos, enfim, sujeitos a várias utilizações, assim como, a participação na construção de práticas culturais e seus significados.

Desta tríade – *suporte, texto, leitura*, o suporte, ou melhor, a revista *O Estudo*, em sua materialidade, ganhará aqui destaque. Portanto, este capítulo discorre sobre a descrição do suporte e dos diferentes aspectos que caracterizam *O Estudo* como objeto impresso, de modo a compreender sua composição e especificidades.

O capítulo está organizado em quatro momentos: a) a produção do suporte como gênero *revista*; b) sua forma física – formato, tamanho, diagramação/composição; c) a composição gráfica – capas, sumários, ilustrações, anúncios; d) por fim, sua circulação – periodicidade, equipe de redação, tipografias, tiragem, eventuais permutas com outros periódicos, assinaturas e concursos.

#### **GÊNERO REVISTA**

Um dos suportes do texto escrito relaciona-se à imprensa periódica e todas as formas, modalidades e práticas de escrita e de leitura que esta ensejou. Para Castillo Gómez (2001), o século XIX caracteriza-se como o século dos leitores da imprensa periódica e de livros populares. Dos usos de tais impressos emerge um novo modelo de leitor, aquele “apressado e superficial”, interessado em notícias das últimas vinte e quatro horas, por exemplo.

Concomitante ao aumento da demanda leitora de imprensa periódica, de semanários e de revistas ilustradas, o investimento em tecnologia de reprodução dos textos e das ilustrações foi incentivado. Foi criada a linotipia, a litografia, a fabricação de rolos de papel contínuo e o aparecimento da prensa rotativa, que possibilitaram imprimir, dobrar e cortar dezenas de milhares de periódicos a cada hora. Além dos avanços técnicos nas gráficas e tipografias e do alto preço do livro, houve um expressivo aumento da população leitora da imprensa periódica. A imprensa periódica e as leituras populares foram produzidas ao mesmo tempo em que ocorreu a expansão da escolarização e da alfabetização, gerando modificações na aprendizagem da leitura, assim como nos usos e práticas sociais da mesma (CASTILLO GÓMEZ, 2001, p. 324).

Tratar do início do século XX e do que circulava como veículo de comunicação é examinar um suporte de leitura específico, isto é, as *revistas ilustradas*. A publicação do gênero revista teve seu início no século XIX e com o passar do tempo foi se transformando em um suporte de textos e de leitura cada vez mais presente, que ultrapassou o continente europeu e chegou ao território brasileiro. A publicação de jornais e/ou revistas se constitui em veículo de informação com características específicas. Para Ana Luiza Martins (2008), os jornais, em sua grande maioria, dedicam-se a noticiar conteúdos com teor político e de divulgação imediata e as revistas apresentam temas variados e com informações mais elaboradas. Neste caso, a revista tem:

[...] o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguiu-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos. (MARTINS, 2008, p. 40)

A diversificação de informações, o formato leve, com poucas páginas (em comparação com o livro), o uso recorrente de imagens são características marcantes do suporte revista e que chegam ao Brasil. Nas palavras de Nicolau Midosi (1879), editor da *Revista Brasileira*,<sup>12</sup> citado por Martins (2008, p. 63), percebe-se o sentido e a importância do modelo de impresso que a revista passa a ter nesse momento da história brasileira. Na opinião de Midosi,

---

<sup>12</sup> A Revista Brasileira tem em sua história oito fases. A primeira em 1855, com o título: Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria, fundada e dirigida por Francisco de Paula Menezes. A segunda, dirigida por Candido Baptista de Oliveira com o nome de Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes. A terceira fase é dirigida por Midosi (1879-1881) apenas com o nome de Revista Brasileira. Atualmente, a Revista está na sua oitava fase e é editada pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Para mais detalhes MARTINS, 2008, p. 64 e site da ABL: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=31> (acesso em 28/05/2012).

A Revista, transição racional do jornal para o livro, ou antes laço que prende esses dois gêneros de publicação, afigura-se-nos por isso a forma natural de dar ao nosso povo conhecimentos que lhe são necessários para ascender à superior esfera no vasto sistema das luzes humanas. Na Revista dão-se a ler, sem risco de cansaço, artigos sobre todos os conhecidos assuntos por onde anda o pensamento, a imaginação, a análise, o ensino do homem. Não se trata ali de uma só matéria, como de ordinário no livro singular, ou de muitas matérias em rápido percurso como no jornal, mas de todas com a conveniente demora, em forma de extensão, proporcionadas aos espíritos [...], qualquer que seja o grau de instrução de cada um, a intensidade de sua convicção, as tendências de seu gosto, a ordem de seu interesse. (Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 1879, n.1, p. 19 *apud* MARTINS, 2008, p. 63)

As palavras de Midosi, com relação aos usos do impresso revista, pertencem a um espaço e tempo específicos, o Brasil do final do século XIX. Nessas revistas está enfatizada a ideia de levar ao povo conhecimento diverso, proporcionando-lhe leituras agradáveis, ligeiras, variadas, ou seja, propondo novas práticas de leituras.

Nesse sentido, a criação da revista *O Estudo*, concebida como uma das maneiras de escrever e publicar das alunas da Escola Complementar/Normal significou uma espécie de mimetização de um veículo de comunicação popularizado e de grande circulação nos anos de 1920, ou seja, a moda das revistas ilustradas e de variedades. Com relação ao aspecto “variedades”, Tania de Luca (2005) afirma que as revistas ilustradas e de variedades no Brasil tiveram início com a publicação, no ano de 1900, da *Revista da Semana* de Álvaro Teffé, na cidade do Rio de Janeiro. A partir dessa publicação ocorreu o que ela caracteriza como os “tempos eufóricos” deste modelo de impresso que se destacava pela

[...] apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reserva amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades. (LUCA, 2005, p. 121)

E não é por acaso que a revista *O Estudo* inscreveu-se, seguindo a fórmula nominal de uma *revista mensal, ilustrada, litteraria, scientifica, didactiva*: “objeto imprescindível daquele cotidiano, fosse para homens de negócios ou mães de família, crianças em idade escolar, moçoilas românticas e/ou em busca do último figurino” (MARTINS, 2008, p. 97).

A vida urbana trouxe novos interesses, assim como, novas práticas e novos usos do escrito e da leitura, e isso refletiu na proposta da revista “de variedades”: atingir um amplo público, pois na maioria das vezes eram revistas masculinas, femininas, infantis, esportivas, humorísticas, científicas, literárias, pedagógicas e educacionais, entre outros.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Nos primeiros anos do século XX, no âmbito nacional, foram publicados a *Ilustração Brasileira* (RJ, 1902), *O Malho* (RJ, 1902), *A Avenida* (RJ, 1903), *Kosmos* (RJ, 1904), *Fon-Fon!* (RJ, 1907), *Careta* (RJ, 1908), *O Pirralho* (SP, 1911), *A Cigarra* (SP, 1914), *Dom Quixote* (RJ, 1917). Em especial, no Rio Grande do Sul, o

Em vista disso, o impresso revista manteve uma “fórmula” cujas características compreendem os seguintes aspectos:

- a) A formatação do suporte, em forma de brochura (e não em folhas soltas); presença de uma capa; a periodização geralmente mais espaçada (para diferenciar-se do jornal).
- b) A revista é, em geral, uma criação em grupo: editores, vários autores. No caso da revista *O Estudo*, era órgão do grêmio de alunos da Escola Complementar/Normal (instituição que figura como editor) e contava com a colaboração de vários autores, entre eles, alunas da escola.
- c) Para se diferenciar de um jornal, a revista se associava mais à publicação literária e menos à informativa. Oferecia um *menu revisteiro* com contos, crônicas, poesias, notas sociais, publicidade.
- d) Um veículo de proposta ligeira, condensada (intermediária entre o jornal e o livro) e, portanto, de maior facilidade à leitura.

A revista *O Estudo* mantém essa tendência, isto é, a mesma “fórmula revista”. Nos 31 números analisados, apresenta um trabalho de composição gráfica com qualidade tipográfica profissional: formato, composição gráfica, circulação. O quadro abaixo evidencia essa “fórmula revista”.

Quadro 1 – Dados gerais da revista (1922-1931)<sup>14</sup>

Ano	1922	1923	1925	1926	1927	1928	1929	1930	1931
N <sup>os</sup> . publicados	7	1	6	4	1	9	1	1	1
Páginas por número (média)	27	26	24	24	16	20	32	43	36
Formato (cm)	18 x27								
Capa	Sim								
Cores	Sim								

A visão geral proporcionada pelo quadro número 1 será detalhada nos próximos parágrafos.

---

destaque para *Kodak* (1912), *Máscara* (1918), *A Madrugada* (1926) e a *Revista do Globo* (1929), entre outras que apareceram nas décadas seguintes.

<sup>14</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado.

## FORMA DO IMPRESSO

A revista *O Estudo* apresenta-se no formato de brochura: composta por uma capa, com folhas presas e de menor tamanho. Deste modo, a intenção da revista em apresentar-se como meio-termo entre o jornal (folhas soltas e em formato tabloide) e o livro ganha materialidade.

O formato adotado pela revista *O Estudo*<sup>15</sup> corresponde ao tamanho de 18x27 cm<sup>15</sup>. Os números apresentam capas ilustradas e coloridas. A maior parte dos exemplares analisados apresentam numeração de página, apenas em dois números esta não aparece (n.2/1922 e n.1/1927). Única exceção corresponde às cinco edições de 1928 em que a numeração aparece de forma contínua, ou seja, da página número 1 até a página número 174.

Em geral, o número de páginas apresentadas em cada número corresponde a uma variação entre 16 e 43 páginas em média. A maior quantidade de páginas por edição aparece em edições que abarcam dois números conjuntamente (1922, 4/5, 6/7; 1925, 5/6; 1926, 3/4; 1928, 2/3, 4/5, 6/7, 8/9). A publicação bimestral provavelmente está relacionada às dificuldades encontradas pelas alunas diante das atividades escolares (realização de exames), assim como a dificuldade em ter material para compor a revista, pois aparecem publicados constantes pedidos por colaborações de alunas e professores (incluindo de profissionais de outras localidades) para que enriqueçam com os “primores da sua intellectualidade e com os conceituados conselhos”<sup>16</sup> as páginas da revista.

A primeira página do periódico segue uma regra: é destinada à apresentação de dados informativos, através de um cabeçalho, como mostra a imagem a seguir:



Figura 2 – Cabeçalho da revista

<sup>15</sup> O mesmo formato é adotado em algumas revistas em circulação no Brasil no mesmo período, como é o caso da revista *Fon-Fon!* revista ilustrada produzida de 1907 a 1945, no Rio de Janeiro. E era um “semanário alegre, político, crítico e efusivo, noticioso avariado, telegraphia sem arame, chronica epidemica”, conforme ela se apresentava. De acordo com Claudio Machado Jr. (2009), a revista *Fon-Fon!* refletia o sentimento cosmopolita que pairava na capital brasileira e que buscava uma afinidade muito grande com Paris, pois “na década de 1920, o Rio de Janeiro dividia-se entre Hollywood e Paris, num conglomerado de culturas que ditava aquilo que se costuma denominar como modernidade carioca” (MACHADO, 2009, p. 90).

<sup>16</sup> O ESTUDO, n. 3, 1922, p. 7.

O cabeçalho conserva o mesmo modelo em todas as edições, o que é alterado corresponde aos dados informativos: nomes da diretoria e comissão fiscalizadora, dados sobre valores e dados do período de publicação.

Logo abaixo do cabeçalho, a revista apresenta a produção textual. A primeira intitulou-se “A educação da donzella”, de Janet Erskine Stuart, publicada em capítulos a partir do número 2 de 1922 até o número 1 de 1923, sendo ao todo seis números. É comum apresentar apenas um título na primeira página que via de regra corresponde a contos ou crônicas. Há algumas exceções, como a presença de mais títulos (O ESTUDO, n.1, 1926), ou a presença de editorial (O ESTUDO, n.1, 1925 e n.1, 1931).

Após essa breve apresentação dos aspectos mais formais da revista *O Estudo* (formato, tamanho, páginas), a análise de sua materialidade detém-se sobre a composição gráfica.

#### **COMPOSIÇÃO GRÁFICA: CAPAS, SUMÁRIOS, ILUSTRAÇÕES E ANÚNCIOS**

A materialidade do impresso, observada por sua forma e por sua composição gráfica, permite que os textos sejam lidos e/ou manuseados, o que implica um processo de criação e escolha de indivíduos envolvidos na publicação do impresso. Tal processo se chama *mediação editorial*.

As pesquisas em torno da história do livro têm demonstrado interesse no processo de mediação editorial. As escolhas feitas pelos editores participam da construção de significados atribuídos aos textos pelos leitores. Neste sentido, Darnton (2010) propõe um *modelo geral* para analisar o surgimento e propagação do livro nas sociedades ocidentais, que contempla um rastreamento do ciclo de vida ou do circuito de comunicação do livro. Este modelo de análise do livro propõe um circuito de comunicação que passa por seis agentes responsáveis pela sua criação: 1-Autor, 2-Editor, 3-Impressor, 4-Distribuidor, 5-Livreiro, 6-Leitor/Autor. O circuito de comunicação:

[...] transmite mensagens, transformando-as no caminho, enquanto passam do pensamento à escrita e daí aos caracteres impressos, até voltarem ao pensamento. A história do livro se interessa por cada fase desse processo e com o processo como um todo, em todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas as suas relações com outros sistemas – econômicos, sociais, políticos e culturais – no ambiente que o cerca. (DARNTON, 2010, p. 194)

Deste modo, cada parte ou o todo do processo interessa aos historiadores do livro ou dos textos impressos. Como exemplificação, tem-se como recorte desta trajetória a mediação editorial (ou o “Editor”).

Como referido acima, a mediação editorial está envolvida diretamente na fabricação da materialidade que carrega o texto, o chamado suporte e suas várias formas. O suporte é o veículo através do qual o leitor tem acesso ao texto escrito, permite o manuseio, a visão, a leitura, a audição, assim como participa da construção de práticas culturais e seus significados.

Chartier (2004) proporciona um exemplo desta forma de intervenção editorial ao analisar a Biblioteca Azul, coletânea de textos publicados em livros de baixo custo, impressos em grande quantidade e vendidos por ambulantes na França do Antigo Regime (século XVI ao XVIII). Para isso, a Biblioteca Azul seguia uma fórmula editorial que envolvia: o formato dos livros, segundo dispositivos tipográficos específicos, livros de brochura encapados na cor azul (na sua maioria); a presença de imagens, como uma possível síntese do texto, predominando na primeira ou na última página do livro; e o preço, considerado menor do que os outros disponíveis. Para essa mediação os editores da cidade de Troyes (França) escolhiam textos de ordem variada e de diversos gêneros: literatura de devoção, ficção, contos de fada, romances de cavalaria, livros de práticas (como o livro do jardineiro), ou ainda, obras que já haviam sido publicadas e que eram conhecidas por boa parte do público francês. O que os editores troyenses faziam era remanejar os textos na hora da impressão, ou seja: remodelar a própria apresentação do texto, multiplicando os capítulos para tornar menos densa a distribuição do texto sobre a página; reduzir e simplificar o texto através de cortes no texto, abreviaturas em certos episódios; e cortes no texto como censura textual (CHARTIER, 2004).

Aí estão algumas das estratégias realizadas por indivíduos responsáveis pela publicação, que tentaram “impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto” (CHARTIER, 1992, p. 215). E no caso dessa pesquisa, apresento, portanto, as escolhas e realizações que deram aos textos impressos da revista *O Estudo* sua forma material.

## ❖ AS CAPAS

No mundo dos impressos, características específicas vão sendo criadas, forma, tamanho, conteúdo, logotipos, etc. E a capa é uma delas. Ela se torna essencial no gênero revista, proporcionando-lhe um perfil e uma marca distintiva, principalmente para se diferenciar do jornal.

Uma capa pode conter três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. A construção composicional é caracterizada por elementos linguísticos verbais e não verbais que compõem a diagramação (layout) da capa, tais como, imagens, cores no plano de fundo, formato e cores das letras, qualidade do papel, etc. Serão estes os elementos descritos nos próximos parágrafos.

A imagem de uma capa de revista pode ser considerada um protocolo de leitura, e como tal tem por propósito comunicativo sugerir ao leitor uma maneira de ler e produzir uma significação do texto. Conforme Chartier (1998b), a imagem pode se constituir para o leitor em um “lugar de memória”, que indica através de uma representação a história, o ensinamento ou constrói como uma figura simbólica o sentido que o texto deve ter ao ser lido.

Nos 31 números analisados, há 12 modelos diferentes de capas. Dentre eles, foram identificadas quatro formas de apresentação.

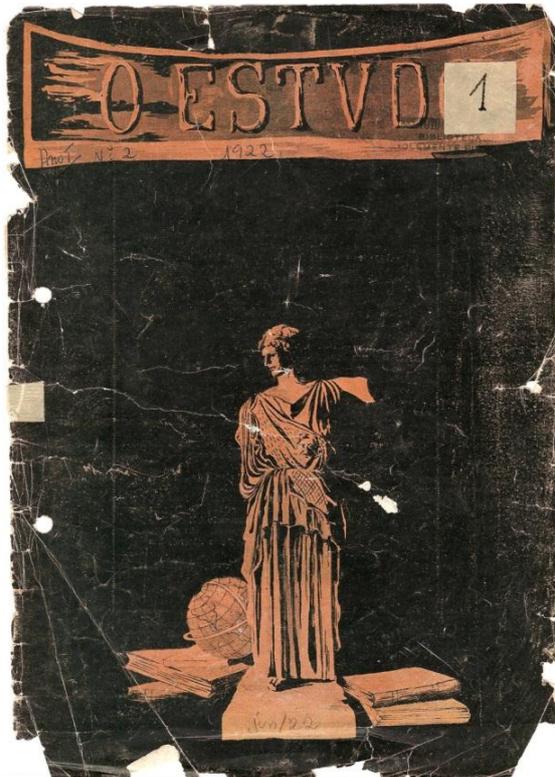


Figura 3 – Capa da revista O Estudo, ano I, n. 2, 1922.

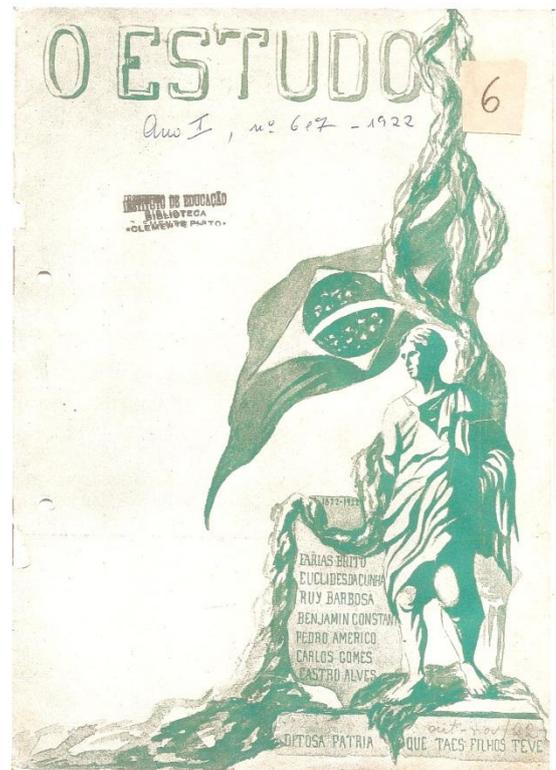


Figura 4 – Capa da revista O Estudo, ano I, n. 4/5, 1922.

Na primeira forma (figura 3), há objetos da cultura escolar, representados por uma imagem central ao estilo greco-romano, livros e globo terrestre, sobre um fundo escuro<sup>17</sup>. Nesta capa, o único texto presente corresponde ao título da revista, não figurando mais informações e trabalho gráfico-editorial. A capa aparece no início da publicação da revista, é entremeada por outro modelo, mas após um ano em que a revista não foi publicada (1924) ela reaparece nos primeiros números do ano de 1925.

Quanto à segunda forma (figura 4), as capas aparecem coloridas. Os quatro números<sup>18</sup> que adotavam este modelo, variam apenas quanto à cor do papel: capa em marrom, rosa, verde e azul. O contraste está na diferenciação do tom da cor usada na diagramação, que vai do mais claro, ao fundo, ao mais escuro usado na imagem e no título da revista. A mudança da capa durante as edições do ano de 1922 ocorreu na edição de número 4/5 (agosto/setembro), e coincide com as comemorações do centenário da Independência do Brasil. Nesta capa, o título permanece na parte superior. No canto direito consta uma imagem que representa uma alegoria da Pátria, com a apresentação da bandeira nacional. Ao lado desta, encontram-se as datas de 1822-1922 e uma lista de intelectuais e artistas brasileiros: Farias Brito, Euclides da Cunha, Ruy Barbosa, Benjamim Constant, Pedro Américo, Carlos Gomes e Castro Alves. E logo abaixo a frase “Ditosa pátria que taes filhos teve” (O ESTUDO, 1922, n. 4/5).

Nos dois primeiros modelos de capa apresentados nas figuras 3 e 4, o imaginário social acerca da cultura escolar e do civismo estão representados pelos objetos escolares, pela alegoria feminina e pela bandeira nacional. De acordo com José Murilo de Carvalho (1990), “o imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias [...], mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais e mitos” (p. 10). Nesse sentido, o imaginário pode ser utilizado na educação pública para ajudar na “formação das almas”. O uso da figura feminina, em destaque nas capas, remonta à alegoria empregada pelos revolucionários franceses e que os republicanos brasileiros aderem com a mesma simbologia. A presença de imagens femininas de inspiração greco-romana, evocando divindades da antiguidade representam ideias, valores e sentimentos referentes à república, à liberdade e à revolução (CARVALHO, 1990, p. 14). A presença da figura feminina e da bandeira, o uso dos símbolos nacionais, também faz parte dessa evocação cívica<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> Este modelo de capa aparece nos números 2 e 3 de 1922 e do número 1 ao 5/6 de 1925.

<sup>18</sup> Os números que possuem esta imagem na capa são 4/5, 6, 6/7 de 1922 e o número 1 de 1923.

<sup>19</sup> Os positivistas se fazem presentes nos debates acerca das escolhas dos símbolos – alegoria feminina e bandeira nacional. A visão da mulher positivista representa não somente a preservação da espécie, mas também, como mãe, a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão (CARVALHO, 1990, p. 130).

Na terceira forma (figura 5), a imagem feminina é substituída pela apresentação do sumário. Nesta fase, a cor de fundo varia entre o tom cinza e o branco. E a diagramação é composta por uma moldura e flores em marca d'água nos tons de marrom, amarelo e rosa<sup>20</sup>, assim como, por apenas uma moldura com tom marrom em um fundo claro<sup>21</sup>. Nestas capas, além do sumário, estão presentes outros dados como os créditos da editoria, da redação e do complemento que descreve a revista como “mensal, ilustrada, literária, científica, didáctica, mantida pelo Gremio dos Estudantes da Escola Complementar”.

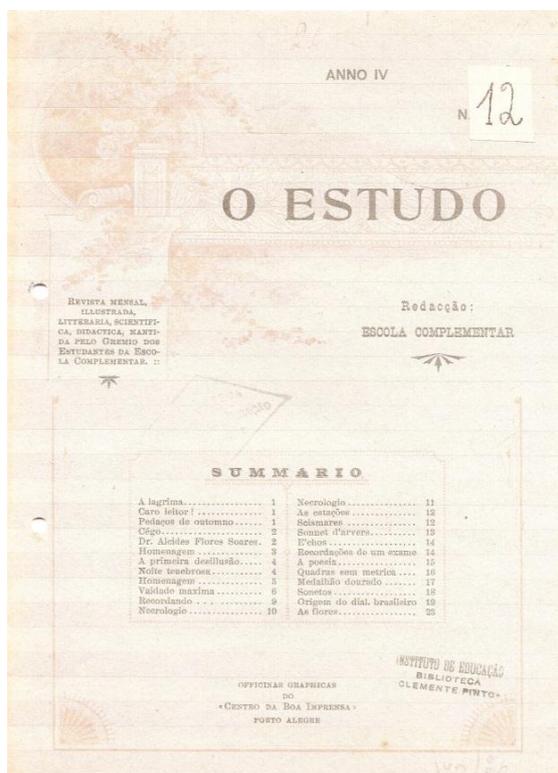


Figura 5 – Capa da revista O Estudo, anno IV, n.1, 1926.

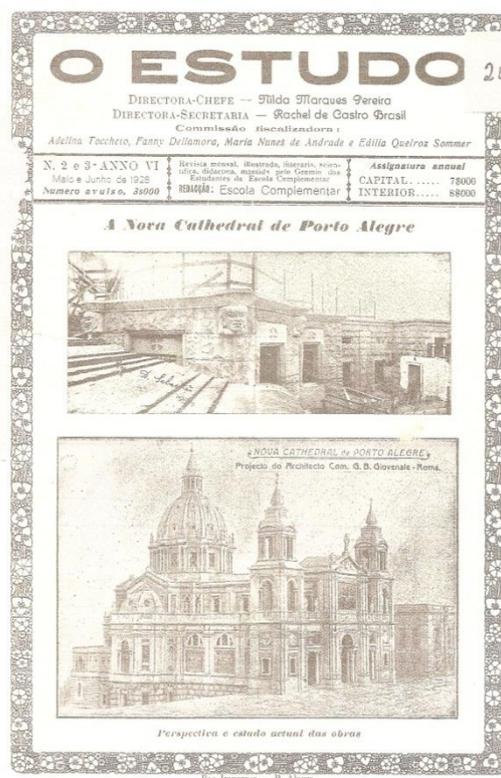


Figura 6 – Capa da revista O Estudo, anno VI, n.2/3, 1928.

Na quarta forma (figura 6) são destacadas fotografias e ilustrações de edifícios, locais e professores homenageados pelas alunas<sup>22</sup>. Apresenta o fundo claro em contraste com uma moldura em torno da página e as letras nos tons de marrom, azul ou verde. Os professores da escola que foram homenageados pelas alunas são Alcides Flores Soares, Oswaldo Aranha e Alcides Cunha. As fotografias de homenageados não apresentam legendas, somente no conteúdo da revista há a alusão ao homenageado. E os locais em destaque correspondem à

<sup>20</sup> Este formato está presente nos números 1, 2 e 3/4 de 1926.

<sup>21</sup> É o caso do número 1 de 1927 e do número 1 de 1931.

<sup>22</sup> Os números que apresentam fotografias em suas capas correspondem do número 1 ao 8/9 de 1928, número 1 de 1929 e número 1 de 1930.

Catedral de Porto Alegre, Basílica de São Pedro em Roma, Antigo Seminário de Porto Alegre e uma vista de São Leopoldo. Nas ilustrações e fotografias de locais e edifícios há legendas de identificação. A questão que se levanta, a partir dessas ilustrações e fotografias, principalmente com referência às edificações e lugares, é por que, em se tratando de uma instituição pública e laica, as imagens apresentadas referem-se à Igreja Católica, já que três (das quatro) ilustrações correspondem a prédios importantes para o catolicismo (Basílica de São Pedro, Catedral de Porto Alegre e Antigo Seminário de Porto Alegre)? Nenhum indicativo de resposta foi encontrado no interior da revista, o único indício para um entendimento está no fato de que estes números, em especial, foram publicados pelas Oficinas Graphics do Centro da Boa Imprensa, oficina gráfica ligada à Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

A revista *O Estudo* contempla em suas páginas tanto o ideário religioso como o laico ao tratar de assuntos da “moderna pedagogia” e do civismo nacional, por essa razão veicula imagens e artigos com essas temáticas. E como tal, encontra-se na passagem de uma educação anterior vinculada à Igreja a uma educação pública e laica de responsabilidade do Estado republicano, e nesse caso sem apresentar críticas ao ensino religioso. Maria T. Santos Cunha (2002), ao analisar os discursos de formatura impressos na revista *Pétalas*<sup>23</sup>, enfatiza que as normalistas do Colégio Coração de Jesus (Florianópolis/SC) representavam em seus discursos uma idealização do magistério e de uma educação apoiada no tripé civilidade, moralidade e religião.

Esse tripé também esteve presente nas escolas laicas da época. É o caso da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre onde estão veiculadas imagens sacras e de locais religiosos, compondo a representação da moralidade e religião, enquanto os símbolos e alegorias da pátria representam a civilidade na revista *O Estudo*.

A capa de uma revista proporciona ao leitor o primeiro contato tátil-visual com os suportes e os textos. Nesse contato, ela dá indícios que sugerem um enquadramento do sentido dos textos transmitidos à leitura. Como protocolo de leitura, a capa, dispositivo tipográfico, fruto do trabalho da mediação editorial, proporciona mobilidade às possíveis atualizações do texto (CHARTIER, 2009, p. 100). E nada mais atualizável do que textos

---

<sup>23</sup> A revista *Pétalas* foi criada em 1933 pela Direção do Colégio Coração de Jesus e publicada até 1961. Segundo Cunha (2003), esse impresso “se insere na prática de utilização do impresso escolar como forma de divulgar notícias (sempre laudatórias) da Instituição e, muito especialmente, a produção literária de suas alunas. [...] Em suas pode-se encontrar, ao lado das notícias sobre o cotidiano da escola, redações das alunas, fotos das atividades promovidas pela escola, discursos de formatura [...]” (CUNHA, 2003, p. 216).

publicados em uma revista, pois novos textos são postos em circulação a cada número lançado.

No caso das capas<sup>24</sup> da revista *O Estudo*, o conteúdo temático varia em retratar e informar o leitor sobre as representações da escola, através de símbolos alusivos à instituição, como a imagem de alguns livros, do globo terrestre, de uma estátua greco-romana, até o civismo, como a homenagem à Independência do país, através da impressão de nomes de intelectuais e da bandeira nacional. As capas também se reportam ao conteúdo da revista, apresentando-o ao leitor, que assim se depara com um contato inicial com seu conteúdo através do sumário. Outras vezes, as capas homenageiam professores ou dão destaque a determinados prédios religiosos e locais do estado.

Essas foram as mudanças e alterações realizadas nas capas pela mediação editorial, que em alguma medida pode-se supor como elemento de tornar a revista *O Estudo* mais atraente aos leitores.

#### ❖ AS CONTRACAPAS

A revista *O Estudo* destina o espaço das contracapas interna e externa à apresentação do sumário ou para propaganda, através da publicação de diversos anúncios.

A maior parte dos números apresenta na primeira contracapa interna somente o sumário, porém há alguns em que constam o sumário e anúncios, ou somente anúncios. Também é possível notar que nos números em que a capa apresenta o sumário, ou aparece a fotografia de um lugar ou de um professor homenageado, a contracapa varia em se apresentar em branco ou iniciar diretamente com a primeira página da revista.

A segunda contracapa interna e a contracapa externa dedicam-se exclusivamente à publicação de anúncios, em todos os exemplares examinados (conforme figura 7).

---

<sup>24</sup> Sobre mais informações a respeito da análise de capas de revistas, ver Bastos (2007). Neste artigo, a autora estuda as capas da Revista do Ensino/RS (1951-1978) “que reproduzem fotos do cotidiano escolar e/ou composições gráficas elaboradas pela equipe editorial, com o objetivo de analisar o que expressam em termos educativos-pedagógicos e como dispositivos de subjetivação da professora moderna” (p. 179).

## ❖ OS SUMÁRIOS

O sumário é uma estratégia que anuncia previamente a localização, a seleção de informações e temas que constam no interior da revista, deixando ao leitor a escolha quanto ao que ler, conforme seu interesse e sem a necessidade de folhear ou percorrer toda a revista. Portanto, o sumário desenvolve o papel de estimular e atrair possíveis leitores do periódico, assim como, ajudar o leitor frequente em suas consultas e pesquisas.

SUMMARIO	
Visita triste — Darcy Azambuja.....	1
Caçador de ilusões — Anor Carlos.....	3
Assumpção de Nossa Senhora — P. L. N.....	4 e 5
Sciencia da Educação — Alexandre Bain — Tradução de M. P.....	6
Homenagem d'O Estado.....	9
Manchil — Innocencio G. de Queiroz.....	10
Ironia — Sergio de Gouvea.....	10
A ogeúinha — Magda.....	11
Esperanto — Mi Men.....	12
Um caso — Maria Luiza.....	13
A felicidade — Lior.....	14
Prof. Ignacio Montanha — Albano G. Oliveira.....	14
Pelo telephone — Marian.....	15
Educação e Ensino — Leoncio Correia (Trans- crição).....	16
Historia antiga — Alnoba.....	17
A' beira-mar — Nina.....	18
Jubileu.....	18
Neurologia.....	18
Mãe — Leon.....	19
A palmeirinha milagrosa — Aiba.....	20
A' distincta collega Marina Martins de Souza — — — — — Ephyge.....	20
Aniversario.....	20
Desejo inutil — Henrique de Casaca.....	21
Patria — Joto do Rio, (Transcrição).....	22
A mathematica entre as sciencias — G. F.....	23
Logogrifos.....	24
Soneto — Guilherme de Almeida.....	24

OFFICINAS GRAFICAS DO CENTRO DA BOA IMPRESSA  
P. ALEGRE — ANT. SEMINARIO — TELEPH. AUT. 4516.

SUMMARIO	
A educação da mulher — Versão de Monse- nhor Marcano.....	1
Despedida.....	3
Homenagem do Estado ao professor Emilio Meyer.....	4
Retrato do professor Em. Meyer.....	4
Relios do Centenario.....	5
Manhã de inverno (poesia) — Machado de Assis.....	6
Higiene do sono — Dr. Renato Kehl.....	7
Embarque de carvão em S. Jeronymo (illus- tração).....	7
Amotacao — Cesar de Castro.....	9
Pegueno guacho, Estrella (ilustração).....	9
Lazarias divinas (poesia) — Theophilo Dias — Ieda Ramalho.....	10
O poder da fraqueza — Ieda.....	12
Retrato da Srta. Luiza Lutz (ilustração).....	13
Hay un secreto oculto... (poesia) — L. M.....	14
Na serra, ao alvorecer — Laura di Laurea.....	16
Pulsagem, Estrella (ilustração).....	17
Estudio de Grego e de Letão.....	18
Carta aberta — Marie Eyse.....	21
Diano de uma caverna (poesia).....	21
Do racionalismo no grão como base de for- mação da Patria Nova — Anuario do En- sino.....	22
Jesus no collo de Magdalena (poesia) — L.....	24
Delphino dos Santos.....	24
Pragmatico Companhia Swift, Rio Grande (ilustração).....	23
Mela volta à direita e um passo à frente.....	25
O Espanto.....	26
Secção charadistica.....	27

**LIVRARIA DO GLOBO**  
Livros científicos, didacticos e literarios. Objectos  
de escritorio. Fabrica de livros em branco  
272 — RUA DOS ANDRADAS — 274  
**BARCELLOS, BERTASO & C.**  
FILIAES: Santa Maria e Pelotas

Figura 7 — Exemplos de sumários nas contracapas

O seguinte quadro evidencia que o sumário é algo presente em 50% das publicações e que a maioria das edições exibe páginas numeradas (com exceção do n. 2/1922 e n. 1/1927 que possuem sumário, porém não apresentam numeração em suas páginas). O ano de 1928 não apresenta sumário em suas edições, e isso pode estar relacionado ao fato de que, neste ano, as páginas foram numeradas em sequência (totalizando, em cinco edições, 174 páginas).

Quadro 2 – Números da revista *O Estudo* que possuem sumário (1922-1931)<sup>25</sup>

Ano	1922					1923	1925					1926			1927	1928					1929	1930	1931	Total
Número	2	3	4/5	6	6/7	1	1	2	3	4	5/6	1	2	3/4	1	1	2/3	4/5	6/7	8/9	1	1	1	31
Sumário	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	X	X	16
Com título e autoria	X	-	-	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
Com título	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	X	X	9
Presença de números das páginas	-	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	X	X	12
Localizado na capa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Localizado na contracapa	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	12

Os sumários localizam-se, na maior parte, nas contracapas internas, proporcionando ao leitor um maior contato com o periódico, que neste caso deverá folheá-lo para obter mais informações sobre os conteúdos que a revista veicula. As informações que constam nos sumários não seguem uma regra, uma parte apenas informa aos leitores os títulos dos textos e a outra oferece mais detalhes, como o título e autoria.

Os sumários também informam antecipadamente as ilustrações e fotografias que a revista veicula no número correspondente.

#### ❖ AS ILUSTRAÇÕES E FOTOGRAFIAS

A revista *O Estudo* caracteriza-se por ser um periódico que contempla mais textos do que ilustrações e fotografias. Das 726 páginas da revista, nos 31 números examinados, são veiculadas em torno de 108 imagens sem contar com o *design* gráfico da diagramação dos textos e páginas.



Figura 8 – Modelo de *design* gráfico (*O Estudo*, n. 2/3, 1928, contracapa)

<sup>25</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado.

Quanto à localização ou disposição das ilustrações e fotografias no espaço das páginas, pode-se dizer que não possuem um local fixo. As imagens podem ser encontradas logo abaixo do título, ou anteriores ao texto, ou entre o texto (local onde a maior parte se encontra), ou após o texto. E, ainda, podem ocupar todo o espaço de uma página.

Algumas das ilustrações e fotografias não apresentam relação direta com os temas abordados nos textos, porém a maioria das imagens aparece como complemento dos textos publicados, ilustrando de maneira informativa os conteúdos enfocados. Dessa forma, as ilustrações e fotografias visam assegurar a clareza das informações difundidas, direcionar o entendimento daquilo que se pretende transmitir. É nesse sentido que Chartier (2004), ao analisar as ilustrações nos livros da Biblioteca Azul, afirma:

Quando a imagem é única, ela se encontra mais frequentemente ou nas primeiras páginas do livro ou na última. Instaura-se assim uma relação entre ilustração e o texto em seu todo, e não entre a imagem e esta ou aquela passagem particular. Colocada no começo, a ilustração induz a leitura, fornecendo uma chave que diz através de que figura o texto deve ser entendido, seja porque a imagem leva a compreender o todo do texto pela ilustração de uma de suas partes, seja porque propõe uma analogia que guiará a decifração. [...] Colocada na última página, a imagem tem outra função, já que permite fixar e cristalizar, em torno de uma representação única, aquilo que foi uma leitura entrecortada e quebrada. Ela fornece, assim, a memória e a moral do texto. (CHARTIER, 2004, p. 276-277)

Portanto, o uso das ilustrações e fotografias entendidas como elementos gráficos dispersos nos textos tem por propósito o fornecimento de chaves decifradoras que indicam ao leitor a compreensão do texto, assim como, intenta a cristalização da memória do que foi lido e, conseqüentemente, uma determinada produção de significados a partir da leitura.

No caso d'*O Estudo*, as fotografias<sup>26</sup>, em especial, são imagens requisitadas pelo grupo redator da revista, como consta no editorial intitulado “Correspondentes”, onde as alunas afirmam: “Lembramo-lhes também o nosso pedido relativo á remessa de photographias de edifícios escolares, grupos de alumnos e, sobretudo, paisagens pittorescas que nos tornem conhecidos os recantos admiraveis do nosso Estado” (O ESTUDO, n. 3, 1922, p. 7).

Como apresentado pelas alunas, as ilustrações e fotografias enriquecem a revista com informações sobre a cultura escolar e locais pitorescos do estado gaúcho. Essas imagens analisadas como elementos de composição gráfica da revista, após terem sido identificadas,

---

<sup>26</sup> De acordo com Marcia Padilha (2001), ao analisar a revista *A cigarra* (de 1914 a 1954), demonstra que as fotografias ainda eram novidades nos anos de 1920. “As revistas exploravam a admiração causada por seus aspectos técnicos e por seu caráter supostamente imparcial. A qualidade técnica das fotografias era um atrativo amplamente aproveitado pelos periódicos, que muitas vezes, dispensavam qualquer justificativa temática para a impressão de seus clichês. Pipocavam em *A cigarra* retratos, fotografias de grupos, de ruas, paisagens e outros temas, acompanhados apenas de uma breve legenda, sem nenhuma relação com o restante do conteúdo de suas páginas” (PADILHA, 2001, p. 45).

foram distribuídas, para fins de análise, em sete grupos, de modo a apreender os vários tipos utilizados pela mediação editorial. Os grupos seguem descritos:

a) *Fotografias de homenageados*. Grupo composto por 36 fotografias, em preto e branco, de indivíduos ligados à escola, principalmente, de professores homenageados e paraninfos, de homenagens póstumas às colegas falecidas. A lista de nomes compõe-se de:

- “Dr. Alfredo Clemente Pinto” (n. 2, 1922, p.5)
- “Alayde Kraemer” (n. 2, 1922, p. 6)
- “Prof. Andre Leao Puente (falecido a 23 de outubro de 1920)” (n. 6, 1922, p. 14)
- “Prof. Emilio Meyer” (n. 6/7, 1922, p. 4)
- “Retrato da Srta. Luisa Luisi” (n. 6/7, 1922, p. 13)
- “Alcides Flôres Soares” (n. 1, 1923, p. 8)
- “Exma. Sra. D. Florinda Tubino Sampaio” (fotografia que se repete – n.1, 1923, p. 14 e n. 1, 1927, p. 15)
- “Tenente Paulo Bidan” (n. 1, 1923, p. 18)
- “Ilmo. Sr. Dr. Sarmiento Leite Filho” (n.1, 1925, p. 3)
- “Heloisa Ubatuba” (n. 3, 1925, p. 5)
- “A mimosa Iria, galante filhinha do casal Tubino-Sampaio” (n. 3, 1925, p. 11)
- “A graciosa Leonor, encantadora filhinha do casal Palmeiro-Sarmiento Leite F.” (n. 3, 1925, p. 11)
- “Capitão Paulo Bidan – Lente de francês do 2º, do 3º e do 4º anno da Escola Complementar” (fotografia que se repete – n. 4, 1925, p. 3 e n.1, 1927, p. 7)
- “Affonso Guerreiro de Lima – Ilustrado lente de geografia e escripturação mercantil da Escola Complementar” (fotografia que se repete – n. 4, 1925, p. 3 e n.1, 1927, p. 7)
- “Dr. Alcides Flores Soares, Director da Escola Complementar” (fotografia que se repete – n. 1, 1926, p. 3; n. 1, 1927, p. 13; n. 1, 1928, capa; n. 4/5, 1928, p. 81)
- “Olinda Boekel Bandeira” (n. 1, 1926, p. 5)
- “Achylles Porto Alegre” (n. 1, 1926, p. 10)
- “Maria Agueda Vieira Pires” (n. 1, 1926, p. 11)
- “Ilse Woobcke” (n. 1, 1927, p. 5)
- “Dr. Protasio Alves” (n. 1, 1927, p. 11)
- “Emilio Kemp”<sup>27</sup> (n. 1, 1928, p. 11)
- “Dr. J. Alcides Cunha” (n. 4/5, 1928, capa)
- “Sr. Dr. Eduardo Sarmiento Leite” (n. 4/5, 1928, p. 81)
- “Srta. Olga Aida Acauan” (n. 4/5, 1928, p. 81)
- “Ilmo. Snr. Dr. Oswaldo Aranha” (n. 1, 1930, capa)
- “Ilmo. Snr. Dr. Emilio Kemp – Director da Escola Normal” (n.1, 1930, p. 7)

---

<sup>27</sup> O Professor Emílio Kemp foi diretor da Escola durante os anos de 1927 a 1935.

A seguir alguns exemplos de fotografias – homenagem póstuma a colegas, e professores homenageados na revista *O Estudo*:



Figura 9 – Fotografias de homenageados: A) Julieta dos Santos Parrot (aluna) (*O Estudo*, n. 3, 1922, p. 3), B) Professores Alcides F. Soares e Alcides Cunha (*O Estudo*, n. 2, 1925, p. 9), C) Professoras Florinda T. Sampaio e Olga Acauan (*O Estudo*, n. 1, 1925, p. 11).<sup>28</sup>

b) *Fotografias de localidades/monumentos/prédios*. Perfazem 29 fotografias que decorrem do desejo das alunas de apresentarem o que havia de mais pitoresco no Estado do Rio Grande do Sul. Desse total, apenas duas fotografias fazem referência ao pedido de imagens de edifícios escolares, o “Gymnasio Julio de Castilhos” e o “Antigo Seminário”.

As legendas dessas fotografias contêm as seguintes informações:

- “Monumento que as classes conservadoras dos Estados Unidos da America do Norte offerecerão a Nação Brasileira no Centenário da Independencia” (n.2, 1922, p. 8)
- “Um aspecto da antiga Praça da Harmonia” (n. 2, 1922, p. 10)
- “Canal que liga Porto Alegre a Torres” (n.3, 1922, p. 5)
- “Estrella” (n.3, 1922, p. 11)
- “Monumento General Bento Gonçalves, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil” (n.6, 1922, p. 21)
- “Embarque de carvão em S. Jeronymo” (n. 6/7, 1922, p. 7)

<sup>28</sup> Para facilitar o leitor transcrevo o conteúdo das páginas. A) *A nossa saudosa collega Julieta dos Santos Parrot, fallecida em 1920*. B) *Homenagem do Estudo – Dr. Alcides Flores Soares, DD. Director da Escola Complementar. Major Dr. Alcides Cunha. Dignissimo Lente de Português do 3º anno da Escola Complementar*. C) *Homenagem d'O Estudo. D. Florinda Sampaio. Srta. Olga Acauan. Ouvimos em aula de Pedagogia que o primeiro cuidado do mestre deve se o de captivar a affeição e estima dos alumnos. E isso plenamente conseguiram Olga Acauan e Florinda Tubino, respectivamente professoras de Pedagogia e de Historia. Ao talento, energia e distincção, sabem alliar a modéstia, a delicadeza e o carinho. De intelligencia brilhante, estudando sempre com louvável constância, tornaram-se já auctoridades nas matarias que leccionam. O Estudo vem prestar ás queridas mestras uma homenagem singela, porém dictada pelo affecto e gratidão que lhes votamos.*

- “Pequeno gaúcho, Estrella” (n.6/7, 1922, p. 9)
- “Paisagem, Estrella” (n.6/7, 1922, p. 17)
- **“Gymnasio Julio de Castilhos”** (n.1, 1923, p. 10)
- “Frigorifico Cia. Swift, Rio Grande (n.6/7, 1922, p. 23)
- “Porto Alegre – Delegacia Fiscal e Correio-Telegrapho” (n.1, 1923, p. 17)
- “Restos do antigo Cabildo de São Nicolau (n.2, 1925, p. 17)
- “Porto Alegre – Praça da Matriz (n.3, 1925, p. 15)
- “Rio Uruguay – Rio Grande do Sul” (n.5/6, 1925, p. 11)
- “Ponte Natural – Rio Grande do Sul” (n.5/6, 1925, p. 23)
- **“Edificio do Antigo Seminario, visto da rua Cel. Fernando Machado”** (fotografia que se repete – n. 5/6, 1925, p. 38 e n.6/7, 1928, capa)
- “Pia Instituição Pedro Chaves Barcellos” (fotografia que se repete – n. 2, 1926, p. 17 e n. 2/3, 1928, p. 39)
- “Paisagem de Navegantes” (n.3/4, 1926, p. 25)
- “A nova Cathedral de Porto Alegre” (n.2/3, 1928, capa)
- “Basilica de S. Pedro em Roma” (fotografia que se repete – n. 2/3, 1928, p. 39 e n. 1, 1929, capa)
- “Lourdes – A Basilica” (n. 2/3, 1928, p. 53)
- “Lourdes – A benção dos doentes” (n. 2/3, 1928, p. 53)
- S. Leopoldo – Vista do Seminario Provincial e a Egreja Matriz (fotografia se repete – n. 2/3, 1928, p. 57 e n. 8/9, 1928, capa)

A seguir, dois exemplos de fotografias que retratam imagens de prédios e localidades que ilustram a revista *O Estudo*:

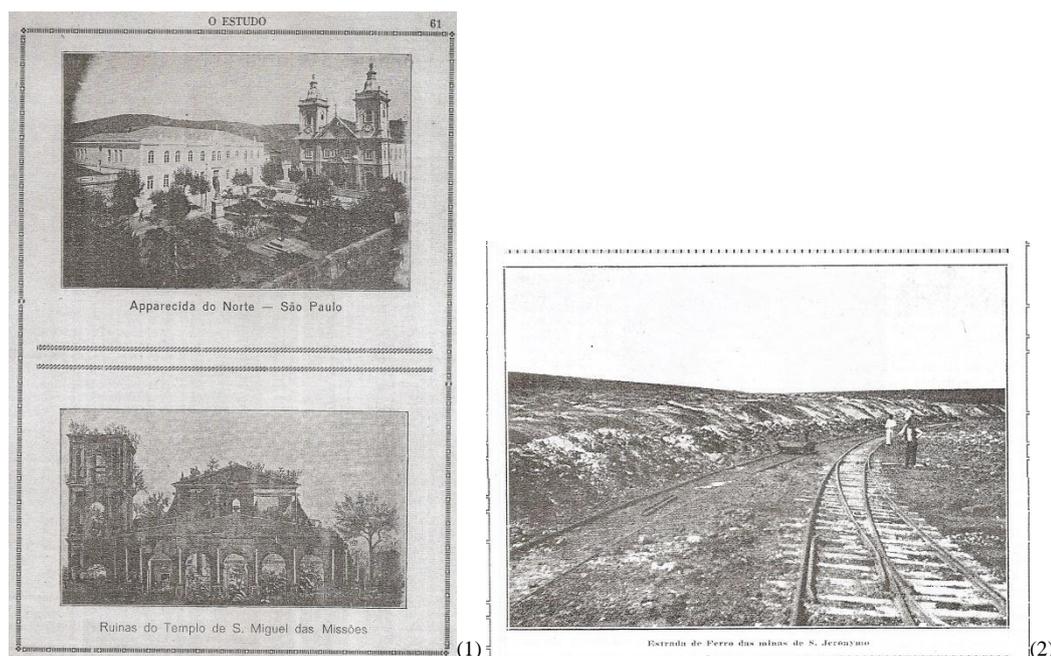


Figura 10 – Fotografia (1) – Aparecida do Norte – São Paulo e Ruínas do Templo de S. Miguel das Missões (O Estudo, n. 2/3, 1928, p. 61); Fotografia (2) – Estrada de Ferro das minas de S. Jeronymo (O Estudo, n. 3, 1922, p. 15)

c) *Fotografias de alunas (com ou sem professores)*. As 13 fotografias identificadas retratam imagens das alunas da Escola Complementar/Normal e, também, de outras escolas, demonstrando que o pedido por fotografias de grupos de alunos de outras escolas foi atendido. Suas legendas possibilitam identificá-las, como consta abaixo:

- “Collegio Elementar” (de Livramento) (n. 6, 1922, p. 5)
- “Collegio Narciso Berlese – São Francisco de Assis, 1º Centenario da Independencia do Brasil” (n. 6, 1922, p. 9)
- “Collegio Elementar Venancio Aires de Cruz Alta” (n. 6, 1922, p. 18) Com esta legenda está contida duas fotografias de alunos, uma de meninas e outra de meninos.
- “Um grupo de alumnas do IV anno” (n. 3/4, 1926, p. 41)
- “Photographias tiradas por ocasião da entrega dos diplomas ás alumnas-mestras de 1929 e gentilmente cedidas pelo Diario de Noticias” (n. 1, 1930, p. 20)
- “Fotografia apanhada por ocasião da festa do III ano. Sentados veem-se o paraninfo e homenageados da atual turma, de pé, a comissão organizadora da festa” (n. 1, 1931, p. 4)
- “A direção do Instituto Protasio Alves e vários professores” (n. 1, 1931, p. 15)
- “Fotografia tirada na festa da posse da nova diretoria do Gremio, vendo-se esta acompanhada da consultora, professora Anady Coelho e do presidente honorário Dr. Emilio Kemp” (n. 1, 1931, p. 26)
- “Flagrante da ‘Hora da Arte’ oferecida pelas alunas do III ano, ao paraninfo e homenageados da atual turma”. Com esse título são apresentadas três fotografias com as seguintes legendas: 1) A família Zé Fidêncio, 2) Alunas que executaram diversos bailados e 3) Crianças do Jardim de Infancia em Dansa do Moinho” (n. 1, 1931, p. 33)

A fotografia, a seguir, é um exemplo deste grupo, onde aparecem alunas e professores, em atividade fora da escola.



Figura 11 – Fotografia “O Club de Ciencias ‘Olga Acauan’ em visita ao Aero Porto, na ilha dos Marinheiros. No centro vê-se o Snr. Otto Mayer, um dos diretores da Condor, que recebe fidalgamente as normalistas, ladeado das professoras Snra. Natercia Vellozo e Snra. Olga Acauan” (O Estudo, n. 1, 1931, p. 17)

d) *Reproduções de pinturas*. Foram levantadas 15 imagens, nas quais 11 representam imagens sacras. São elas:

- “Lição de Anatomia – Rembrandt” (n. 3, 1922, p. 9)
- “A Flora – Tiziano” (n. 3, 1922, p. 17)
- “Tocador de alude – Quadro de Tintoretto” (n. 3, 1922, p. 23)
- “Sagrada Família – Quadro de Murillo” (n. 1, 1923, p. 6)
- “Rafael – Os esposais da Virgem” (n. 1, 1925, p. 7)
- “Jesus e as crianças” (n. 1, 1925, p. 9)
- “Nossa Senhora da Glória” (n. 2, 1925, p. 5)
- “Santa Theresinha” (n. 4, 1925, p. 19)
- Imagem de uma santa (n. 5/6, 1925, p. 5)
- Imagem de uma cena bíblica – natal (n. 5/6, 1925, p. 33)
- Imagem de Jesus Cristo (n. 2, 1926, p. 10)
- “Defesa de Numancia – Vera” (n. 3/4, 1926, p. 37)
- “Santa Theresinha do Menino Jesus” (n. 2/3, 1928, p. 25)
- “Jesus amigo das crianças” (n. 4/5, 1928, p. 111)

Na próxima figura, destaca-se a imagem que se encontra no centro de uma página, entremeando o texto intitulado “Sentidos – Higiene dos orgaos e dos sentidos – sentidos da visão – importancia da visão – cultura da visão”. A imagem representa uma cena religiosa que não corresponde ao contexto temático, característica comum a muitas outras ilustrações e fotografias.

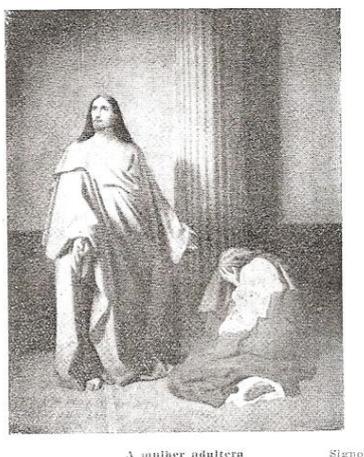


Figura 12 – A mulher adúltera – Signol (O Estudo, n. 3, 1922, p. 21)

e) *Reproduções de personagens históricos e músicos*. Neste grupo foram encontradas cinco imagens, a saber:

- “D. Pedro I – Tela existente no Archivo Publico Nacional doo Rio de Janeiro” (n. 4/5, 1922, p. 15)
- “Tiradentes” (n. 4/5, 1922, p. 27)
- “Antonio Carlos Gomes” (n.1, 1923, p. 23)
- “Franz Liszt” (n. 1, 1923, p. 24)

A imagem que homenageia José Bonifácio e que se encontra em destaque, centralizada e como a única informação na página.



Figura 13 – Jose Bonifacio constituindo a Nacionalidade com o concurso das três raças (Quadro de Eduardo de Sá) (O Estudo, n. 4/5, 1922, p. 39)

f) *Desenhos de alunos*. Este grupo é composto por dez imagens que ilustram redações de alunos como resultado de aula prática do curso de aperfeiçoamento ou complementar. A lista de desenhos corresponde aos seguintes títulos:

- “Redacção illustrada pela alumna Lygia Sperb, 8 annos” (n. 1, 1930, p. 5)
- “Quem será?” (n. 1, 1930, p. 27)
- “Illustração de lição de leitura ‘Não quero’ – Arlette Costa Ribeiro – 10 annos” (n. 1, 1930, p. 34)
- “Apare a bola, senhorita!” (n. 1, 1930, p. 36)
- “Illustração da redacção de uma alumna do 5º anno” (n. 1, 1930, p. 43)
- Mapa do Brasil e alguns rios (n.1, 1931, p. 20)
- “Concurso infantil” (n. 1, 1931, p. 25)

Nos três exemplos a seguir, a primeira imagem ilustra um desenho espontâneo a partir de uma leitura realizada; a segunda corresponde a uma narrativa em texto e imagem e a

terceira homenageia o diretor Emilio Kemp. São exemplos da aplicação prática na sala de aula do ensino primário.

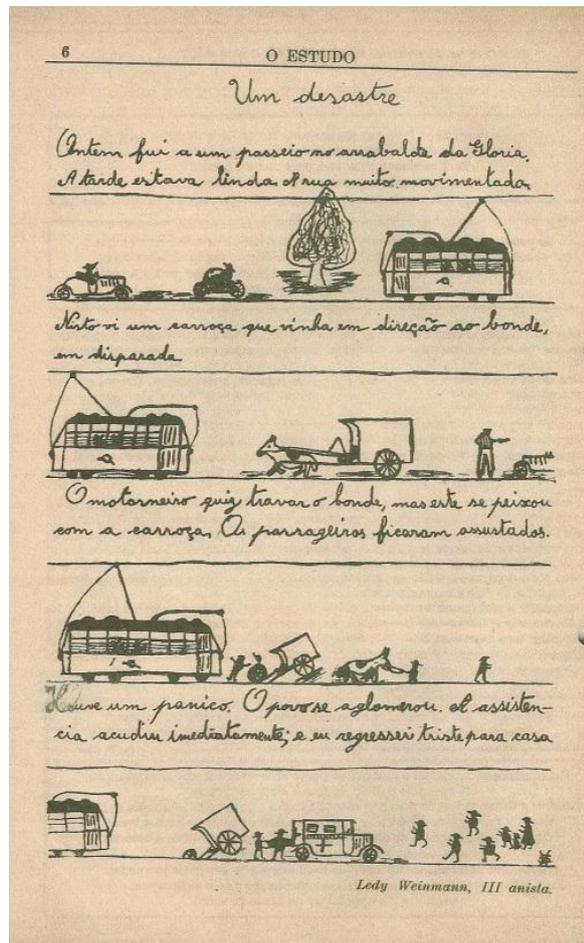


(1)



O nosso prezado director, segundo o lapis de M. A.

(2)



(3)

Figura 14 – Modelos de desenhos de alunas (1) O Estudo, n. 1, 1930, p. 40; (2) O Estudo, n.1, 1930, p. 13; (3) O Estudo, n. 1, 1931, p. 6 (mais informações sobre esse modelo encontram-se no cap. 2, p. 84).

g) *Design gráfico*. Chamei de “design gráfico” os recursos editoriais usados na tipografia para ilustrar as páginas e os textos da revista, e podem aparecer no início ou final da página. Assim como as molduras, o design gráfico aparece como recurso decorativo, pois muitas vezes essas imagens não correspondem diretamente ao conteúdo do texto. Constituem, contudo, protocolos de leitura, sinalizadores de um sentido a ser atribuído a esses textos por seus leitores.

Os três exemplos, abaixo, foram escolhidos porque no primeiro e no terceiro as imagens mostram o design gráfico finalizando o texto, e no segundo porque a imagem encabeça o texto. O primeiro e segundo correspondem a um padrão tipográfico comum utilizado principalmente no ano de 1928, correspondendo a, mais ou menos, 15 estilos de imagens que parecem narrar uma cena.

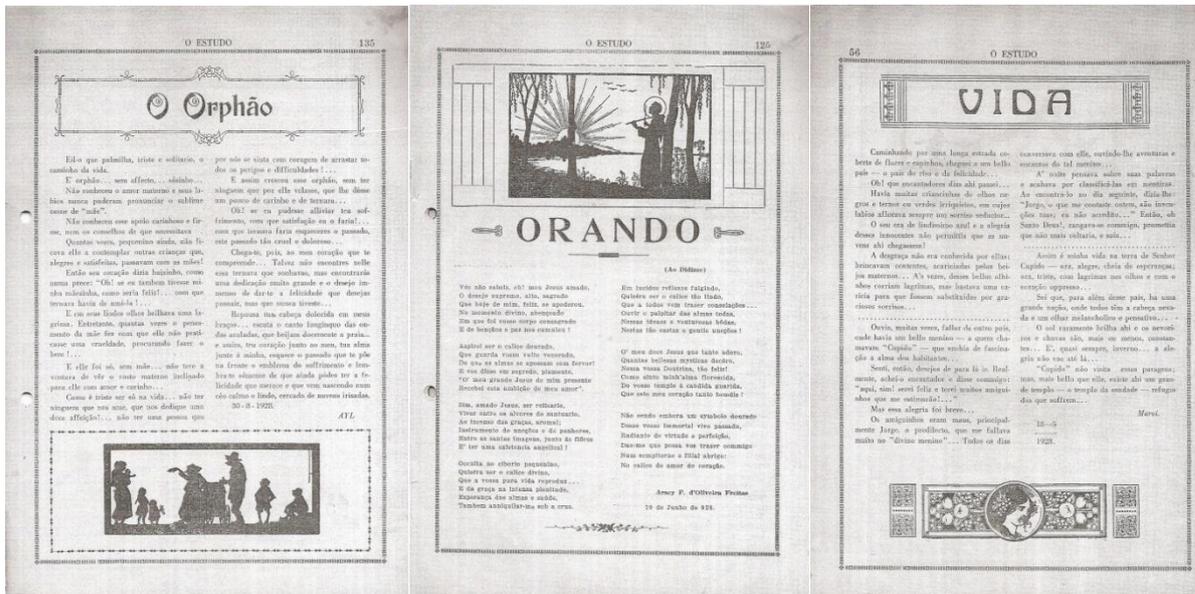


Figura 15 – Modelos de “design gráfico”

As ilustrações e fotografias aqui apresentadas fazem parte da composição da revista *O Estudo*, seja como adorno, sem relação direta com os temas abordados nos textos, seja como complemento destes. Desta forma representam

[...] a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto. Uma segunda maquinaria, puramente tipográfica, sobrepõe seus efeitos variáveis segundo a época, aos de um texto que conserva a sua própria letra o protocolo de leitura desejada pelo autor (CHARTIER, 2009, p. 97).

Enfim, n' *O Estudo* as imagens constituem, indiscutivelmente, protocolos de leitura que dizem respeito aos textos, à matéria tipográfica, ao editor, à mediação editorial. Um leitor é idealizado e os protocolos compõem o corpus de atitudes do ato de ler.

## ❖ OS ANÚNCIOS

Na revista das alunas normalistas, os anúncios estão presentes e são numericamente significativos. De acordo com Martins (2008), existe uma relação entre o gênero revista e os anúncios nela veiculados.

Dos vários suportes que se prestaram à propaganda e à publicidade, a revista talvez tenha sido dos mais efetivos, concentrando a força da propaganda e a evolução dinâmica da publicidade, expressando-as em suas representações mais acabadas. Para a última, em particular, tornou-se de tal forma o veículo ideal que, em sua essência, quase se confundia com ela, uma vez que ambas, *revista e publicidade*, direcionavam-se para o mesmo propósito, qual seja: dar-se a conhecer, divulgar-se, “produzir-se para vender-se”, razão pela qual muitos periódicos revelaram-se economicamente viáveis, tão-só pela proposta de divulgação de produtos, isto é, pelo seu caráter publicitário. A revista, pois, *era* a publicidade; ou por outra, no periodismo da época, a revista transformou-se na embalagem ideal para o produto publicidade. (MARTINS, 2008, p. 244)

Nesse sentido, perceber a revista como embalagem para o produto publicidade implicou analisar a presença de 164 anúncios que ocupam as páginas da revista *O Estudo*, meio de divulgação dos seus produtos ou serviços.

Os anúncios encontram-se, em sua maioria, nas contracapas da revista, poucos estão colocados nas páginas centrais. Com relação ao tamanho, uso de imagens e quantidade por páginas, não há uma regularidade conforme a próxima figura.



Figura 16 – Modelos de anúncios

Diversos tipos de produtos e serviços foram anunciados nas páginas da revista, desde máquina de escrever, automóveis, instrumentos musicais, livros, tecidos e serviços, até anúncios farmacêuticos, dentistas, tinturarias, tipografias, entre outros.

Um amplo mapeamento desses anúncios aparece no quadro 3, onde foram catalogados todos os anúncios dos exemplares da revista analisados, inclusive foram contados em suas repetições. As categorias utilizadas correspondem ao tipo de anúncio e seus produtos.

Quadro 3 – Tipo de anúncios na revista *O Estudo* de 1922 a 1931<sup>29</sup>

ANO	1922					1923	1925				1926			1927	1928				1929	1930	1931	Total			
NÚM.	2	3	4/5	6	6/7	1	1	2	3	4	5/6	1	2	3/4	1	1	2/3	4/5	6/7	8/9	1	1	1		
Farmácia	1		1			4			1															7	
<b>Livraria</b>	<b>1</b>	<b>3</b>		<b>2</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>				<b>1</b>	<b>2</b>		<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>				<b>4</b>	<b>1</b>	<b>2</b>		<b>27</b>
Armazém		1	2									1			1										5
Ferragem			1			1					1			1	1										6
<b>Casa de Tecidos</b>	<b>1</b>	<b>2</b>		<b>2</b>		<b>2</b>	<b>3</b>	<b>1</b>				<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>								<b>1</b>			<b>16</b>
Loteria		1						1																	2
<b>Cosmético</b>	<b>1</b>		<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>			<b>1</b>	<b>1</b>																<b>7</b>
Plantas Medicinais	1							2					1						1	1					6
Carro (modelo) e venda de automóvel	1	1				1	1								1										5
<b>Atelier de Costura</b>		<b>1</b>																							<b>1</b>
Sapataria		1			1	1	1				1														5
Tinturaria		1							1																2
<b>Joalheria/ Relojoaria</b>			<b>2</b>				<b>1</b>						<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>					<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>			<b>9</b>
Dentista			1	1	1																				3
Despachante			1																						1
Material médico e medicamento			1								1														2
Viagens/ Passagens			1					2																	3
<b>Tipografia/ Of. Gráfica</b>				<b>1</b>			<b>1</b>			<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>								<b>2</b>				<b>8</b>
Banco				2				2		1															5
Fotógrafo				1																			1		2
<b>Artigos Finos</b>			<b>1</b>	<b>1</b>			<b>1</b>								<b>1</b>										<b>4</b>
<b>Curso/ aula partic.</b>					<b>1</b>		<b>1</b>									<b>1</b>									<b>3</b>
Casa de chá						1																			1
<b>Instrumentos Musicais</b>						<b>2</b>	<b>1</b>					<b>1</b>			<b>1</b>										<b>5</b>
<b>Máquina de escrever</b>							<b>1</b>						<b>1</b>		<b>1</b>										<b>3</b>
Venda de terrenos											1														1
Jornal												1													1
Depósito												1													1
<b>Bazar</b>												<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>					<b>1</b>	<b>1</b>				<b>5</b>
Instalações elétricas															1		1	1	1						4
Importadora															2										2
<b>Chapelaria</b>																<b>1</b>					<b>1</b>				<b>2</b>
Associação																1									1
Seguro de vida																1	1								2
Fábrica de doces																			1						1
Bebidas e alimentos																1							1		2
Molduras																							1		1

<sup>29</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado.



Livrarias Americana, Selbach (que também era frequentada pela Escola Complementar/Normal) e Globo fazem parte de um circuito de frequentadores da cidade de Porto Alegre, principalmente de intelectuais, mas também de senhoras, moças e estudantes. E se a revista fazia propaganda desses espaços, assim como “O Estudo acha-se a venda na Escola Complementar, na Livraria do Globo, na Livraria Echenique<sup>34</sup> e na Livraria Americana”, significa que a população circulante e frequentadora desse espaço teve contato com este periódico.

**LIVRARIA DO GLOBO**  
Livros científicos, didáticos e literários. Objectos de escriptorio. Fabrica de livros em branco.  
  
Rua dos Andradas, 272  
**Barcellos, Bertaso & C.**  
Filias: Santa Maria e Pelotas

**Livraria Americana**  
TYPOGRAPHIA—ENCADERNAÇÃO—PAUTAÇÃO  
DOURAÇÃO—OBJECTOS PARA ESCRITORIO.  
PAPEIS DE TODA CLASSE—FABRICA DE LIVROS EM BRANCO DE QUALQUER MODELO.  
Telegrammas: «Americana» — Teleph. 149  
411 — ANDRADAS — 413  
**J. O. RENTSCH & CIA.**  
PORTO ALEGRE

**LIVRARIA SELBACH**  
J. R. DA FONSECA & CIA.  
RUA MARECHAL FLORIANO 10 — PORTO ALEGRE  
Caixa n. 52  
Telegramas SELBACH  
Telefone 4894  
Fonogramas SELBACH  
AGENTES DA  
Maquina de escrever „TORPEDO“, a mais aperfeiçoada maquina dactilografica até hoje fabricada, e da Maquina de calcular „TRIALES“  
ARTIGOS RELIGIOSOS  
LIVRARIA - TIPOGRAFIA - ENCADERNAÇÃO  
LIVROS EM BRANCO - ESTEREOTIPIA  
ARTIGOS PARA ESCRITORIO  
MAQUINAS DE FAZER MALHA E DE MEIAS

**ARTIGOS DE PINTURA**  
Aquarella, Oleo, Modelos, Pinceis, Figurinos, Livros escolares, Cadernos para : : Musica, etc. : :  
**LIVRARIA IDEAL**  
**HERRMANN & CIA.**  
Rua dos Andradas, 1766—P. *Al gre*

**ROCAMBOLE**  
GRANDE SORTIMENTO DE LIVROS ESCOLARES E SCIENTIFICOS, CADERNOS, REVISTAS E JORNAES  
Duque de Caxias, 1370  
MENEZES IRMÃOS

Figura 17 – Anúncios das livrarias publicados na revista

Além das livrarias, outros anúncios estão relacionados com os estudos e a cultura escolar. É o caso do anúncio da máquina de escrever Royal (que se encontrava a venda na loja de *Barcellos, Bertaso & Cia*), assim como, o anúncio do curso oferecido pela Escola Remington Official para formar “dactylographos”, pois o “commercio do Brasil de norte a sul, precisa” desse profissional. Também são ofertadas aulas de francês e piano, juntamente com

<sup>34</sup> Livraria que pertencia a Carlos Echenique, fundada na década de 1880. Conhecida como Livraria Universal, possuía lojas em Pelotas e Porto Alegre. Especializada na venda de livros importados, assinatura de jornais nacionais e estrangeiros, livros de instrução – ensino primário, secundário e superior (TORRESINI, 2010, p. 246).

os anúncios de instrumentos musicais, oferecidos pela *Casa D'Alo*, e pianos pela *Casa Pratt S.A.*

Os anúncios arrolados também têm ligação com o fato de as editoras da revista serem mulheres, por isso é significativo o número de casas de tecidos, joalheria/relojoaria e de outros produtos de consumo feminino. As casas de tecido oferecem “fazendas, modas e miudezas – especialidade em tecidos para vestidos”, assim aparece no anúncio de *F. Nunes Dias*. A *Casa Brito* oferta as mesmas coisas e mais artigos para noivas. O *Atelier de Costuras Palais Royal* “que aceita toda e qualquer encomenda”. Os anúncios que fazem menção ao vestuário feminino se completam com a presença de sapatarias, que vendem calçados finos para senhoras e meias de seda, e com as casas de artigos finos e chapéus encontrados na *Paris Modes*.

Dos anúncios ligados ao embelezamento femininos estão as joias e relógios anunciados pela loja *A Esmeralda* e pela *Casa Masson*, que possui um “bellíssimo sortimento de aneis na secção de venda em prestações”, além de oferecer os serviços de um gabinete para exame dos olhos. Os cosméticos como o *Pó de Arroz Lady*, *Brancol* ou *Cêra mercolisada de Lisboa* “última palavra em embelezamento feminino”, também fazem parte desse universo feminino dos anúncios.

Com o mapeamento, também é possível perceber que os anunciantes correspondem aos comerciantes do centro da cidade, relativamente próximos da Escola Complementar/Normal, pois esta se localizava na Rua da Igreja (hoje Duque de Caxias). Foram levantados os seguintes logradouros: Rua dos Andradas, Rua Uruguay, Rua Mar. Floriano, Rua Vig. José Ignacio, Rua General Victorino, Rua Fernando Machado, Rua Voluntários da Pátria. O único anúncio que corresponde a um endereço na Rua Boa Vista, no bairro Partenon, é o da *Fabrica Rio-Grandense de Velas para Filtros e Louças de Barro*, que aparece somente uma vez, no ano de 1931. Uma hipótese para tamanha mudança no endereço do anunciante esteja no fato de estar relacionado com uma rede de sociabilidade, ou seja, tenha ligação direta com uma das alunas e, portanto, apoiador da revista.

De acordo com Biccás (2008), os anúncios pretendem comunicar ao público as qualidades de um determinado produto. Nesse sentido, os anúncios apresentam imagens e outros recursos que produzam “sentidos no público que se queira atingir” (BICCAS, 2008. p. 119).

Portanto, a variedade de anúncios permite afirmar que a revista *O Estudo*, para além da presença feminina na editoração e de uma leitura especificamente de gênero, era lida por leitores de diferentes segmentos sociais. Foram encontrados anúncios voltados para o público

feminino, assim como, em menor número, para o público em geral. Os anúncios, assim, sugerem a diversidade dos leitores: aquele interessado em comprar um carro *Ford*, ou em comprar algum material na ferragem *Lindolpho Bohrer & Cia* e instalações elétricas na *Casa Lux*, ou ainda, interessado em arrumar os dentes com o dentista *Prudente de Castro* e comprar medicamento na *Pharmacia Central*. Ou investir no *Banco Nacional do Commercio* e utilizar os serviços tipográficos da *Typographia Esperança*, entre outros anúncios.

## CIRCULAÇÃO

Os dados que permitem vislumbrar a circulação de uma revista correspondem à sua periodicidade, tiragem, permuta com outros impressos, assim como aquelas informações que ajudam na confecção do impresso, como o grupo editorial, as tipografias e outras estratégias como assinaturas e concursos.

### ❖ PERIODICIDADE

A periodicidade de *O Estudo* corresponde às edições mensais, que foram mais regulares nos anos de 1922, 1925 e 1928, e colocaram em circulação entre 6 a 9 números anuais. Nestes anos, não houve uma regra para o mês inicial de publicação, pois este variou de abril (1928) a maio (1922)<sup>35</sup>, e julho (1925). Nos demais anos, os meses foram junho (1923, 1926), agosto (1927, 1930), setembro (1931). No ano de 1929, o número 1 corresponde ao período de janeiro a junho, ou seja, o primeiro semestre do ano e não foi localizada qualquer explicação das autoras para esse fato.

A variação do mês de publicação do primeiro número da revista está relacionada ao calendário escolar e ao fato de que o grupo responsável pela manutenção é composto por alunas do último ano de curso, as mesmas que concorrem e são eleitas ao Grêmio de Estudantes. Como a cada início de ano letivo a formatura é comemorada nos meses de março ou abril, conforme consta no livro de *Actas de entrega e premios e titulos de alumnas-mestras da Escola Complementar*, é após este período que o novo grupo de estudantes toma posse na diretoria do grêmio e da revista. O livro de atas fornece dados empíricos, como uma lista de

---

<sup>35</sup> Que corresponde ao número 1, não consultado diretamente, mas por dedução acredita-se ser este o mês de lançamento, uma vez que o número 2 corresponde ao mês de junho de 1922.

nomes das alunas formandas (e em alguns casos indica a presença de alguns alunos formandos). Neste mesmo material, também é possível ressaltar que na Escola Complementar e Normal a titulação dada às formandas era de “Alumnas-mestras”, e com a criação do Curso de Aperfeiçoamento (de um ano) a titulação dada às alunas formandas era a de “Professôra”. Nas atas também se encontra, em seu texto, o tom solene que cercava a formatura, desde o local do evento (sala da Escola Complementar/Normal, Club Caixerai, Bibliotheca Publica, Teatro São Pedro), a presença dos paraninfos (Olga Acauan, Florinda Tubino, Dr. Alcides Flôres Soares, Dr. Emilio Kemp, Dra. Natercia Velloso, entre outros) que segundo o texto proferiram “inspirada alocução” nessas solenidades.

Outros indícios estão presentes em alguns artigos que informam sobre eventos escolares. Um deles corresponde ao artigo intitulado “Collação de grau das alumnas mestras da 2ª turma de 1928”, onde consta como foi a cerimônia de formatura realizada no dia 04 de abril de 1929, no Club Caixerai, assim como, a transcrição na íntegra do discurso da paraninfa Dra. Natercia Velloso (O ESTUDO, n. 1, 1929, p. 23). Páginas à frente, no mesmo número, noticia-se a posse da diretoria do Grêmio de Estudantes e da revista *O Estudo*:

#### Posse da Directoria de 1929

No dia 5 de Abril, no salão do 3º anno da Escola Normal, em presença do Director da mesma, exmo. sr. dr. Emilio Kemp, do exmo. Professor Guerreiro Lima, e commissões representativas do 1º e 2º anno, e numerosas alumnas, foi empossada a Directoria do Gremio da Escola e da revista “O Estudo”, a qual ficou assim constituída:

Do Gremio:

Presidente – Dina Rocco

Vice Presidente – Hercilia Kemp

1ª secretaria – Celia Travassos Alves

2ª secretaria – Ilza Menezes

1ª thesoureira – Lilia Gouvêa

2ª thesoureira – Julieta Pedrazzi

Bibliothecarias – Nilda Lopes e Laura Guimarães

Oradora official – Maria Amelia Ribeiro

Commissão de contas – Graziella Ribeiro, Julieta Pedrazzi, Nelly Oliveira

Commissão de festas – Amelia Nonohay, Anita Filipozzi, Betina Castro, Maria Franco, Cyra Levis, Maria A. W. Ribeiro, Talitha Faillace e Zulmira Pereira

Porta-bandeiras – Betina Castro, Cyra Lewis e Maria Franco

Da Revista:

Directora-chefe: Dina Rocco

Directora-secretaria – Celia Alves

Commissão fiscalizadora – Adelia Bastos, Angelina Costa, Conceição Gouvêa, Cassiana Praia e Hercilia Kemp

Commissão de anuncios – Clecy Kaempffe, Conchita Pereira, Jurema Faillace, Maria Mendes e Nilda Lopes

As thesoureiras e a commissão de contas são as mesmas do Gremio. (O ESTUDO, n.1, 1929. p. 32)

Mas este não é o único motivo que explica o atraso na publicação da revista. As alunas dependiam das atividades escolares, como informa o “Aviso” (O ESTUDO, n.4/5, 1928, p.

109), que alega o motivo do segundo exame parcial, realizado naquele mês, para o fato de que os dois números da revista viessem a ser publicados no mês seguinte. Portanto, até que a nova diretoria do Grêmio fosse eleita e assumisse suas funções, incluindo a edição da revista, ou por depender das atividades escolares, o cronograma de publicação não seguia uma regularidade.

Cabe aqui ressaltar o ano de 1924, em que não foi publicado nenhum número. A edição número 1, de 1925, em seu primeiro artigo, escrito pelo professor Dr. Eduardo Sarmiento Leite Filho, e intitulado “Exordio”, refere-se à volta do periódico. Em suas palavras, a revista teve “imprevistos varios, contratemplos inesperados que interromperam de inopino a marcha ascensorial do ‘O Estudo’”, porém agora volta “Sem solução de continuidade, há de alentar o animo da juventude estudiosa, inculcando-lhe n’alma o amôr ao trabalho, o espírito de sacrificio, ensinando-lhe a cultivar o Bom e o Bello, infundindo-lhe a virtude da perseverança, incitando-a prosseguir avante e sempre avante” (O ESTUDO, n. 1, 1925, p. 1-2)<sup>36</sup>. Assim também são reiteradas as desculpas, pois devido aos “Imprevistos varios, inesperados contratemplos” (O ESTUDO, n. 1, 1927, p. 2) a revista não foi editada entre os meses de setembro de 1926 a agosto de 1927.

#### ❖ EQUIPE DE REDAÇÃO

Uma vez estabelecida a escolha do suporte revista, por que foi criado *O Estudo*? Com que propósito? Em alguma medida a resposta consta no editorial do número 1, ano 1, de 1922, que infelizmente não foi localizado para esta dissertação. Entretanto, algumas pistas podem ser colhidas em outras edições.

O grupo responsável pela edição da revista aparece no cabeçalho de cada número do periódico (conforme figura 2). Os editores ou equipe de redação é composto pelas alunas do último ano do curso Complementar/Normal, as mesmas eleitas para compor o Grêmio de Estudantes. Seus nomes seguem no próximo quadro:

---

<sup>36</sup> Nesse mesmo número, na página 21, é publicado dois textos com o título “Acta nº 17” e “Acta nº 18”, neles consta a posse da nova diretoria do grêmio e da revista, episódio que aconteceu no dia 9 de maio de 1925. Verifica-se, aqui, mais um indício de que para dar início à publicação da revista era necessária a posse da nova diretoria, pois, no ano de 1925, o número 1 corresponde ao mês de julho. Em 1928, a diretoria tomou posse em 17 de março, e o número 1 apareceu em abril.

Quadro 4 – Equipes responsáveis pela edição da revista (1922-1931)<sup>37</sup>

Edições:	Equipe responsável:
1922, n.2 até 1923, n.1.	Directora-chefe: Ida Silveira Directora – secretaria: Maria Amorim Comissão fiscalizadora: Heloisa Sarmiento, Marieta Almeida, Flora Marques, Maria Lima, Sara Pardelhas, Alda Andrade Redacção: Escola Complementar
1925, n.1 até n. 5/6.	Directora-chefe: Antonhinhinha Azambuja Fortuna Directora – secretaria: Rosa de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Emilia Fronza, Silvia Filippozzi, Darcy Pereira, Ruth Caldas, Dionela Macalão, Marina Lima e Adalina Cunha Redacção: Escola Complementar
1926, n. 1 até n. 3/4.	Directora-chefe: Constança de Moraes Fernandes Directora – secretaria: Eugenia Budianski Comissão fiscalizadora: Martha Helm, Dora Bastos, Delia Santiago, Maria Cunha, Maria P. Oliveira, Ilza Krausneck, Celina Martins e Alice Pacheco Redacção: Escola Complementar
1927, n. 1.	Directora-chefe: Esther Menna Barreto Costa Directora – secretaria: Ondina Fauth Comissão fiscalizadora: Nady Ungaretti, Marina Esther de Oliveira, Nair Ramos Pires, Rachel Menna Barreto Costa, Estella Budinsky, Adylles Pagano e Normelia Schein Redacção: Escola Complementar
1928, n. 1 até n. 8/9.	Directora-chefe: Hilda Marques Pereira Directora – secretaria: Rachel de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Adalina Toccheto, Fanny Dellamora, Maria Nunes de Andrade e Edilia Queirós Sommer. Redacção: Escola Complementar
1929, n. 1.	Directora-chefe: Dina Rocco Directora – secretaria: Celia Alves Comissão fiscalizadora: Adelia Bastos, Angelina Costa, Conceição Gouvêa, Cassiana Praia e Hercília Kemp. Redacção: Escola Normal
1930, n. 1.	Redactora-chefe: Elsa Leivas Redactora – secretaria: Zelia Benicio Roballo Comissão fiscalizadora: Carmelita Marroni, Dalva Dupuy, Maria de Lourdes Vallamil, Balita Drumond, Helga Panitz. Redacção: Escola Normal
1931, n. 1.	Redactora-chefe: Armely Lindenmeyer Redactora – secretaria: Ruth Issler Comissão fiscalizadora: Candita Cezimbra, Jandyra Teixeira, Maria Bocorny, Ilse Drüg e Alice Moura. Redacção: Escola Normal

Os números publicados por essas estudantes não apresentam com regularidade um editorial, mas sim, artigos que noticiam as atividades escolares, acontecimentos festivos, pedidos de colaboração, agradecimentos, avisos, esclarecimentos aos leitores sobre os objetivos da revista. Eles ocupam espaços aleatórios na página, sem uma localização específica, encontram-se tanto nas páginas iniciais como nas centrais ou ao final de cada

<sup>37</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado. Foi mantida a ortografia original.

número. Porém, são esses artigos que indiciam e fornecem detalhes da composição da revista *O Estudo*.

Da análise de 16 artigos<sup>38</sup>, foi possível mapear o trabalho de uma equipe de redação, ou seja, a produção de textos como espécie de editorial e informações ao público leitor. Os textos tratam de pedidos e agradecimentos pela colaboração, explicações sobre ausência de publicação, notificação do recebimento de correspondências, pedidos de doação de livros para a biblioteca do Grêmio e, principalmente, os objetivos da revista. É o caso do artigo “O Estudo” (n. 6/7, 1922, p. 26), onde é abordado o encerramento do ano de 1922, com um agradecimento aos colaboradores, aos assinantes, aos professores e às alunas do “4º ano, fundadoras d’O Estudo”. No mesmo, as alunas ressaltam que devido às férias será interrompida a publicação, porém que a mesma voltará no próximo ano, com uma nova equipe diretiva, que manterá os mesmos ideais e

[...] os mesmos fins elevados de propalar os modernos methodos de pedagogia, de promover a união, entre o professorado do Estado, de ligar por uma especie de interesse comum e sympathia aquelles que já exercem a dignificante carreira do magistério e os que se preparam, entusiastas e idealistas, para compartilhar das suas glorias e dos seus pesares. (O ESTUDO, 1922, p. 26)

Portanto, a partir desse texto, percebe-se que a revista *O Estudo* tem por propósito *divulgar os modernos métodos da pedagogia*. Objetivo novamente destacado no artigo “Aos professores e aos alunos”, em que diz: “Aos nossos professores das mais esquecidas villas, esta revista levará noticias dos modernos aperfeiçoamentos introduzidos nos methods de ensino” (O ESTUDO, n.1, 1925, p. 2). É demonstrada a intenção da equipe de redação de publicar uma revista que proporcione aos professores-leitores as tendências e novidades do campo educacional.

Outra função da equipe de redação da revista aparece no texto “Notas da Redacção”. Nele consta o trabalho da equipe de redação quanto ao pedido de colaboração e de avisar aos colaboradores que os textos a serem publicados passarão por uma seleção. Assim escrevem: “Os artigos que não estiverem de accôrdo com os nossos fins, não serão publicados. Os originais, embora não publicados, não serão devolvidos” (O ESTUDO, n. 1, 1925, p. 23). No entanto, os critérios de seleção dos artigos não são explicitados em nenhum momento.

---

<sup>38</sup> Foram encontrados 16 artigos (alguns repetem o mesmo título): *Ao Publico* (n. 2, 1922, p. 12), *Correspondentes* (n.3, 1922, p.7), *O Estudo* (n. 6/7, 1922, p. 26; n. 1, 1930, p. 2; n. 1, 1931, p. 1). *Notas da Redacção* (n. 1, 1923, p. 7; n. 1, 1925, p. 23). *Exordio* (n. 1, 1925, p. 1-2). *Aos professores e alunos* (n. 1, 1925, p. 2). *Acta n. 17 e Acta n. 18* (n. 1, 1925, p. 21). *Aviso* (n. 5/6, 1925, p. 31; n. 2/3, 1928, p. 109). *Caro Leitor* (n. 1, 1926, p. 1). *Aos leitores* (n. 1, 1927, p. 2). *Posse da Directoria* (n. 1, 1928, p. 54; n. 1, 1929, p. 32). *Agradecimento* (n. 1, 1928, p. 169).

As alunas redatoras da revista assim descrevem suas atividades de editoras e colocam em circulação um periódico que se propõe a ser uma *revista mensal ilustrada, litteraria, scientifica, didactica*. Mas o trabalho da equipe de redação se materializa com a impressão, e neste caso, a realização é feita por órgão especializado, ou seja, a tipografia.

### ❖ TIPOGRAFIA

As tipografias ou editoras se encarregavam de manter o mercado editorial com a publicação e venda de livros e periódicos<sup>39</sup>. No caso da revista *O Estudo*, o levantamento do próximo quadro apresenta que os 31 números publicados foram impressos em cinco tipografias.

Quadro 5 – Lista de tipografias/ oficina gráfica/ editora (1922-1931)<sup>40</sup>

Ano	1922					1923	1925					1926			1927	1928					1929	1930	1931	Total
Número	2	3	4/5	6	6/7	1	1	2	3	4	5/6	1	2	3/4	1	1	2/3	4/5	6/7	8/9	1	1	1	
Officinas Graphics do Centro da Boa Imprensa – Antigo Seminário Porto Alegre	x						x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x			15
Livraria do Globo Porto Alegre		x	x																					2
Typographia Esperança				x		x																		2
Officinas Graphics da Sul Graphica Ltda. Porto Alegre															x									1
Typ. J. R. da Fonseca & Cia. Porto Alegre																						x		1
Sem notas tipográficas					x																		x	2
Total	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	23

Das tipografias levantadas pelo quadro, a historiografia gaúcha não faz referência aos estudos da história do livro no Estado. A tipografia e livraria mais pesquisada é a Livraria do

<sup>39</sup> Conforme Torresini (2010), os vendedores de livros já estavam presentes na província de São Pedro do Rio Grande do Sul na década de 1820. E “o comércio de livros acontecia na tipografia, na casa do vendedor, na rua ou numa casa de negócios” (p. 237).

<sup>40</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado.

Globo, que imprimiu apenas dois exemplares d'*O Estudo*, em 1922. Sobre ela, Torresini (1999) narra que, no final do século XIX a papelaria com nome de Livraria do Globo transforma-se em tipografia, e em 1916 lança seu grande empreendimento tipográfico, o Almanaque do Globo. Na década de 1920 passa a editar livros de autores gaúchos e no final da década lança a Revista do Globo (1929).

A Oficinas Graphics do Centro da Boa Imprensa corresponde à tipografia que mais imprimiu *O Estudo*. Sobre ela, há nas páginas do impresso a referência de que pertencia à Cúria Metropolitana de Porto Alegre ou Antigo Seminário Episcopal<sup>41</sup>. Em alguns artigos, a equipe de redação escreve agradecendo ao Cônego Leopoldo Neis, diretor da Oficina, “a solicitude com que sempre nos acolheu, a presteza com que nos serviu e o valioso auxílio material que nos dispensou” (O ESTUDO, n. 8/9, 1928, p. 169).

Ao pesquisar no Instituto de Educação à procura de informações acerca da revista, encontrei um papel, com uma anotação manuscrita sem maiores detalhes de quem a escreveu e de onde a retirou, contendo a seguinte transcrição:

Em 1928 a revista era impressa nas oficinas dirigidas pelo Cônego Leopoldo Neis.  
Off. n. 77  
15/06/1930.  
Illmo. Sr. J. R. da Fonseca e Cia.  
Conforme autorização do Sr. Secretario do Interior podeis imprimir a revista “O Estudo” do grêmio de estudantes desta Escola, correndo a despesa por conta do Thesouro do Estado.  
O preço da página da revista será de vinte mil réis, não podendo cada número ter mais de 50 páginas.  
Saúde e fraternidades.  
Director.

Por essa anotação, percebe-se que a tipografia Centro da Boa Imprensa foi substituída e os serviços de J. R. da Fonseca foi contratado, responsável pela edição n.1 de agosto/1930. Essa pequena anotação também traz outras informações, a de que a revista era impressa com o financiamento de dinheiro público e que o diretor da escola, que na época era Emílio Kemp, interferia no processo editorial estipulando o número total de páginas e o valor de capa da revista. Não há, contudo, mais detalhes sobre a tiragem do impresso. Uma hipótese para o uso do financiamento público está no fato de que a Escola era considerada modelo padrão para outras escolas normais do Estado (LOURO, 1986, p. 28), e como modelo, nada mais significativo que investir em “práticas escolares”, como a produção de um impresso

---

<sup>41</sup> Conforme Sérgio da Costa Franco (2006), a construção do prédio iniciou em 1865 e terminou em 1888. (p. 380)

estudantil. Também nos princípios da “moderna pedagogia”, havia o estímulo à produção de impressos escolares, especialmente de periódicos estudantis<sup>42</sup>.

#### ❖ TIRAGEM

Quanto à tiragem da revista *O Estudo*, nenhuma informação explícita foi encontrada. Entretanto, com base em outros indicadores, a tiragem parece ter sido significativa, pois deveria cobrir um amplo espaço de venda, ou seja, era possível comprá-la fora do âmbito escolar, em locais como as livrarias da cidade. Assim também, havia um número de exemplares que foram destinados à permuta e à assinatura.

#### ❖ PERMUTA COM OUTROS PERIÓDICOS

A permuta com outros periódicos ajuda a entender os espaços de circulação e as comunidades leitoras da revista *O Estudo*. Através da publicação de informações acerca de revistas recebidas pelo Grêmio de Estudantes, dos mais diferentes gêneros e localidades do Estado, é possível perceber a troca de impressos, pois se estes chegam até à Escola Complementar/Normal, a revista desta instituição também era enviada. Até porque um dos objetivos da sua edição afirmava: “Collaborae, pois, conosco, para que “O Estudo” consiga desempenhar o seu programma e levar aos quatro campos do Rio Grande do Sul o éco dos ensinamentos proveitosos que nos são ministrados pelos competentes professores de nossa Escola” (O ESTUDO, n. 1, 1925. p. 2).

Dentre os 31 exemplares analisados, em dez exemplares aparecem os nomes das revistas, boletins e jornais recebidos pela equipe editorial d’*O Estudo*: dois exemplares da revista *O Nacionalista*, órgão da Liga Rio-Grandense Nacionalista; dois exemplares da revista *Ceres*, órgão do Grêmio de Estudantes do Curso de Capatazes Rurais de Viamão; seis exemplares da revista *Hyloea*, órgão da Sociedade Cívica e Literária do Colégio Militar<sup>43</sup>; um exemplar do Boletim da Associação Esportiva e Literaria do Collegio Cruzeiro do Sul, intitulado *O Pindorama*; um exemplar da revista *Silhueta* (sem identificação de quem a produz); dois exemplares da revista *Hygia* (revista dos estudantes da faculdade de medicina

<sup>42</sup> Sobre, ver AMARAL, 2002 e 2003.

<sup>43</sup> Sobre, ver PIÑEDA, 2003.

de Porto Alegre); um exemplar da *Revista Comemorativa do Centenário de Independência*, da Vila de Palmeira (sem mais referências); e um exemplar do *Jornal Comemorativo do Centenário da Independência*, de Venancio Ayres.

Infelizmente, as notícias sobre o recebimento de tais impressos não oferece mais detalhes acerca dos mesmos, tais como, edição, número, localização, etc., apenas os notifica apresentando o título do periódico e o agradecimento por tal envio. Porém, se existe a constatação de que houve o recebimento de impressos, significa que a revista *O Estudo* também foi enviada a outros grupos de editores e equipes de redação. Assim indicia a seguinte notícia: “O jornal ‘Republica’, que se publica na adiantada capital do visinho Estado de Santa Catarina, em seu numero de 3 de Agosto, traz uma elogiosa referencia a ‘O Estudo’. Penhoradas pela distincção, agradecemos” (O ESTUDO, n. 4/5, 1922, p. 36).

A circulação de um impresso também pode ser analisada a partir de outras estratégias que, no caso do gênero revista, encontra-se na fórmula de assinaturas e concursos.

#### ❖ ASSINATURAS E CONCURSOS

O alcance de circulação da revista *O Estudo* pode ser percebido por ela se encontrar à venda em livrarias de Porto Alegre – Livraria do Globo, Livraria Echenique e Livraria Americana (O ESTUDO, n. 6, 1922. Contracapa interna), assim como pelo sistema de assinaturas.

A *assinatura* é uma estratégia utilizada para vender e divulgar o periódico. Com o dinheiro arrecadado das assinaturas, garante-se a publicação e a situação financeira num determinado período de tempo. No caso da revista *O Estudo*, a assinatura era anual e abrangeu a capital e o interior do Estado, nos valores de 7\$000 réis (capital) e 8\$000 réis (interior).<sup>44</sup>

É possível perceber que o sistema de assinaturas, de uma certa maneira, funcionava, pelo teor dos avisos e editoriais publicados na revista:

#### AVISO

Pedimos aos nossos assignantes ainda em debito que effectuem suas assignaturas, até dia 20 de Dezembro.

A respectiva importancia poderá ser enviada em vale postal, dirigido á secretaria da Escola. (O ESTUDO, n. 6, 1922, p. 24)

<sup>44</sup> O valor avulso de cada exemplar da revista variou entre 1\$000 réis (nos anos de 1922, 1923, 1927), 1\$500 réis (nos anos de 1925, 1926, 1928, 1930), 2\$000 réis (nos anos de 1926, 1931) e 3\$000 réis (nos anos 1928, 1929). Apenas o valor da assinatura anual permaneceu sem alteração durante os anos editados.

## AVISO

Pedimos aos nossos assignantes, ainda em debito, que effectuem o pagamento de suas assignaturas.

A respectiva importancia podera ser enviada em vale postal á secretaria da Escola, até o dia 2 de janeiro e dahi por diante á casa de Alice Outeiral dos Santos, [tesoureira do grêmio] Rua Sto. Antonio nº 117. (O ESTUDO, N. 5/6, 1925, p. 31)

## O Estudo

[...] Com nossas despedidas o “O Estudo” apresenta também votos sinceros pela felicidade de todos os seus assignantes e ledores. [Editorial] (O ESTUDO, n. 6/7, p. 26)

## Notas da Redacção

[...] A importancia das assignaturas poderá ser remetida á secretaria da Escola Complementar, em vales postaes.

Aos amigos que angariarem dez assignaturas da revista, presentaremos com uma assignatura gratis. (O ESTUDO, n. 1, 1925, p. 23)

...

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de enviar a importancia relativa á sua assignatura, após o recebimento do primeiro número do ESTUDO, a qual poderá ser dirigida ao Gremio de Estudantes da Escola Complementar. (O ESTUDO, n. 1, 1926, p. 9)

Esses excertos explicitam a importância do pagamento das assinaturas, já que *O Estudo* dependia dessa arrecadação para sobreviver financeiramente. Por essa razão, proporcionam aos seus assinantes a quitação do débito na forma de pagamento através de “vale postal”, que podia ser remetido à Secretaria da Escola ou à casa da tesoureira do Grêmio ou ao próprio Grêmio de Estudantes. Havia, ainda, o aspecto promocional das assinaturas, através do oferecimento a alguém que obtivesse dez assinantes, a sua gratuidade.

O *concurso* foi mais uma estratégia para aumentar a circulação e incentivar a aquisição da revista:

A assinatura e a venda nas charutarias, livrarias, estações de ferro e hotéis, somados à figura do agente-representante converteram-se em expedientes corriqueiros de colocação efetiva do periódico no mercado. Uma vez lançado, importava condicionar o leitor ao seu consumo, vinculá-lo às seções, torná-lo dependente do jornal e/ou revista, garantindo a renovação da assinatura, a conquista definitiva do cliente leitor. Estratégias de toda ordem foram experimentadas pelos editores, muitas delas reveladoras do interesse do momento, de valores em curso, de atrativos em voga. (MARTINS, 2008, p. 237)

O concurso proporcionava ao leitor uma maior interação com o periódico. Tal participação indica ao pesquisador um traço das práticas de leitura. É o caso da figura 18, que promove o concurso de escolha do nome premiado, e ao vencedor era dado “grande prêmio”, que corresponde a uma assinatura anual ou exemplares já publicados da revista. O nome premiado e o nome do vencedor foram publicados.

Os concursos promovidos pela revista correspondiam ao palpite certo ou à solução de um exercício (figura 19). Mas no caso da figura 20, a revista promoveu uma atividade destinada ao público infantil. Uma competição literária: a partir de uma “historieta muda”

propôs a criação de um nome e um texto<sup>45</sup>. Isso demonstra que a revista também direcionava-se ao público infantil, principalmente aos alunos das futuras alunas-mestras da Escola Normal.

## Grande premio

Iniciamos hoje uma diversão agradável e que naturalmente ha de satisfazer nossos leitores.

Abaixo ha varios nomes; entre elles ha um premiado. Quem quizer enviar seu palpite, enchendo, porém, o "coupon". Não serão validos os palpites sem "coupon". O que acertar, terá um premio á escolha; ou uma assignatura d' O ESTUDO para o anno corrente ou todos os numeros d' O Estudo (excepto os deste anno), desde a sua fundação.

As alumnas do IV anno não podem participar do concurso.

Sigillo absoluto. O nome que dá direito ao premio, ficará em poder das directoras-chefes.

Alda	Alba	Bertha
Cléo	Circe	Dóra
Edith	Eva	Flavia
Gloria	Gemma	Hilda
Jocasta	Jenny	Kodiva
Luisa	Lili	Lola
Liana	Lysia	Laura
Martha	Maria	Myriam
Mara	Mimi	Magdalena
Nady	Nadyr	Nora
Nise	Neusa	Nina
Olga	Olympia	Oyára
Olivia	Ondina	Onda
Paulina	Paula	Palmyra
Pedrita	Querida	Rita
Rivadavia	Sylvia	Sylvana
Tirzah	Tora	Ureulu
Vera	Wanda	Yolanda
Yveite	Zelia	Zenith
Zilda	Zaira	Zazá

Nome : .....

Residência : .....

Localidade : .....

Palpite : .....

## CONCURSO

Venceu o concurso do numero 3 da nossa Revista o Sr. Ruy Vieira da Rocha, residente nesta capital, á rua General Lima e Silva, 307.

O nome que deu direito ao premio, foi TIRZAH.

O premio acha-se á disposição do Sr. Vieira da Rocha, na nossa Escola.

Figura 18 – (1) Modelo de concurso realizado pela revista (O Estudo, n. 3, 1928, p. 59) e (2) o vencedor do prêmio (O Estudo, n. 6/7, 1928, p. 135)

<sup>45</sup> De acordo com Martins (2008), as competições literárias voltadas ao público infantil eram procedimentos correntes. Revistas infantis, como o *Pequeno Polegar* (1905) e *Nenê, Jornal da Infância* (1906) anunciavam competições em seus programas (p. 241).

**O ESTUDO**

**Secção Charadística**

**ADJESTIVAS**  
O instrumento está no fruto - 2 - 2.  
A unidade se encerra da rapela. - 1 - 3.  
O modelo existe no instrumento do carpinteiro - 3 - 2.  
Este lugarão é muito grosseiro - 2 - 2.  
De árvore, é também nome do locum - 2 - 2.

**NOVINERIAS**  
A vogal, não, é ído, sendo nome. - 1 - 1.  
Aquí, não é feito, na cabeça - 1 - 2.  
A Bir, nome paiz é distrito coliga - 2 - 2.  
Observei o prónome na materia de uma mobilis - 1 - 1.

**ENIGMA**  
Com - v - sou via do comunicação.  
Com - e - estou na mesa.  
Com - i - sou secreto.  
Com - m - sou do vestuario.  
Com - p - figo os pés dos animans.

**RECOMPENÇAS**  
Da ordem de S. Francisco, muitos leem na cabeça. - 2 - 2.  
Esta pequena cavidade se encontra no corrente. - 2 - 2.  
Da espingarda essa árvore possui. - 2 - 2.  
O resto do passo, indita os animans. - 2 - 2.

**CASAS**  
Essa semprego é um páss. - 2.  
O núcleo essa árvore possui. - 2.  
O sobrenome está na garrafa. - 2.  
A voz de parada não é boia. 2 - 2.

**SOLUÇÕES DO N.º 4**

**NOVINERIAS**  
Ído, Chicha, Choque, Noemí.

**ADJESTIVAS**  
Gamo-Gamio, Bataido - Bataido.

**CASAS**  
Chico - Chica.

**ANTIGA**  
Tirica.

**CARTÕES DE VISITA:**  
Dizer os nomes de cada um dos cartões de tal sorte que cada qual indique o produto da respectiva soma.

Quilô T. Romo

Leo H. E. Piro

Ivo Turpe

Elvino Abo

Leo F. Fato

Albo R. Tur

Maria G. de Novo

Leo F. Fato

**AVISO**

Para quem enviar as soluções exactas, acompanhadas do coupon abaixo, será remetida uma colleção completa d'O Estudo, desde o inicio de sua publicação.

**NOTA** - As soluções devem ser enviadas a Sylvia Filippozzi (Ernesto Alves, 355) ou a Rosa Brasil (Demetrio Ribeiro, 8), nesta capital.

As decifrações não acompanhadas do coupon, não serão validas.

Nome: .....

Residencia: .....

Localidade: .....

Figura 19 – Modelo de concurso promovido pela revista (O Estudo, n. 5/6, 1925, p. 48)

**CONCURSO INFANTIL**

Condições do concurso a que podem concorrer todos os amiguinhos d'O Estudo"

1.º — Dar um título á historieta muda que apresentamos.

2.º — Interpreta-la por escrito.

3.º — Cada trabalho deverá vir devidamente documentado, isto é, com a assinatura do concorrente, idade, collegio e aula que frequenta, etc.

4.º — As soluções serão recebidas até o dia 31 de Outubro proximo e deverão vir acompanhadas do coupon abaixo, sem o qual, não serão validas.

5.º — Cada solução deverá ser enviada em carta fechada a: Armely Lindenmeyer - Felipe Camarão 140 - Porto Alegre.

Entre os concorrentes que enviarem os melhores trabalhos, será sorteado um lindo premio.

Nome .....

Residencia .....

Localidade .....

Figura 20 – Modelo de concurso destinado à criança (O Estudo, n. 1, 1931, p. 25)

Este capítulo chega ao fim depois de expor descritivamente a materialidade do suporte *revista* e sua composição, visando entender suas especificidades e particularidades. O suporte relaciona-se com o texto, a ponto de que “qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até o leitor” (CHARTIER, 1992, p. 220). Importou demonstrar aquilo que Viñao (2001) descreveu como a tipologia das técnicas de execução, utensílios e suportes da escrita.

A passagem de um suporte a outro, a troca de utensílios de escrita, os usos de uma nova técnica de execução e a variada disposição gráfica, não podem ser reduzidas a meras mudanças técnicas, porque “afetam tanto aquele que, e como, escreve e lê, como os contextos, meios e finalidades para quem se escreve e se lê, isto é, as funções, usos e práticas sociais relacionadas com o escrito” (VIÑAO, 2001, p. 34). Sendo assim, a relação entre *o texto, o suporte e a leitura* podem variar se houver alteração em um desses três elementos. A descrição realizada até aqui orientou-se nesse sentido.

## Capítulo 2

### *O Estudo e a prática de escrita das alunas*

---

A materialidade do suporte, analisada no capítulo anterior, dará lugar neste capítulo à análise das práticas de escrita. Os textos que circularam na revista *O Estudo* serão apresentados como práticas de escrita das próprias alunas da Escola Complementar/Normal, assim como, práticas de escrita dos professores colaboradores e de colaboradores externos à escola. Por essa razão, o capítulo apresenta dois levantamentos, um que lista as alunas e suas escritas (Quadro 6) e outro que apresenta os colaboradores professores e escritores externos (Quadro 7), ambos com os títulos publicados e sua classificação textual.

Estudar a História da Educação, pelo prisma da História Cultural, nesse momento, enfatizará a história da cultura escrita, entendendo que a escrita corresponde a uma prática sociocultural. E como prática sociocultural, a escrita das alunas será apresentada através da produção textual que compõe a revista, foi classificada como literária e teórico-metodológica. No caso dos outros colaboradores, a análise será dos textos literários, pois os textos que fazem referência aos métodos de ensino e aprendizagem no campo da Pedagogia serão enfocados no próximo capítulo.

Como prática sociocultural, a escrita pode ser analisada através do “estudo morfológico dos testemunhos escritos” (PETRUCCI, 1999). Isso significa direcionar o estudo das práticas de escrita como *produção dos testemunhos escritos e as maneiras como foram utilizados*. É nesse sentido que a história da cultura escrita propõe investigar as mudanças nos usos e nas funções do escrito (CAVALLO, CHARTIER, 1998; VIÑAO, 2001, CASTILLO GOMEZ, 2003).

Chartier (2002) afirma que o escrito e suas alterações ao longo da história podem ser compreendidos na perspectiva de uma *revolução*<sup>46</sup>. Entende por revolução as mudanças nas maneiras de produção do texto escrito, das estruturas e do suporte material que contêm o

---

<sup>46</sup> As revoluções aqui referidas são propostas por Chartier (1998a) e elas dizem respeito a três eixos fundamentais: a técnica, o suporte e a prática de leitura. A invenção da imprensa por Gutemberg (no século XV) foi uma revolução da técnica, do texto manuscrito ao texto impresso. Outras tratam das mudanças nos suportes – do rolo ao códex, do códex à tela; e das práticas de leitura – a passagem de uma leitura intensiva para uma leitura extensiva, em voz alta para uma maneira silenciosa, uma leitura em público ou privada.

escrito e, conseqüentemente, no nível da prática de leitura. Aos historiadores incumbe, segundo o autor,

[...] ajudar a compreender quais são os significados e os efeitos das rupturas que implicam os usos, ainda minoritários e desiguais, mas a cada dia vencedores, de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do escrito. (CHARTIER, 2002, p. 9)

Assim também afirma Viñao (2001), para quem a história da cultura escrita analisa as funções, os usos, as práticas relacionadas com o escrito. As práticas são entendidas como atos de escrever e usos da escrita, sendo necessário, portanto, fazer uma história do escrever ou uma história dos atos de escrita.

Orientada pelo que está proposto por tais autores, a produção do impresso estudantil *O Estudo* se inscreve no âmbito das práticas de escrita e de leitura das alunas da Escola Complementar/Normal, como um produto da cultura escrita. O texto escrito apresenta de diferentes maneiras a palavra escrita, isto é, manifesta-se através de uma vasta produção textual.

A produção de diversos tipos de impressos e o investimento em uma população alfabetizada propiciaram uma maior circulação da palavra escrita. Tais fatores, em conjunto, favoreceram novos usos e novas práticas de escrita e de leitura que foram sendo compostas, difundidas e apropriadas, especialmente, a partir do século XIX, no mundo ocidental.

Nesse processo de composição, difusão e apropriação, a instituição escolar passou a ter um contributo significativo, pois, além do processo do ensino da leitura e da escrita, também colaborou através dos novos usos e práticas que faz dos impressos. A escola fez uso da prática de escrita de um impresso em formato de revista um artefato sociocultural existente, e de uma maneira mimética, o incluiu como prática escolar. Ou seja, a escola, e mais especificamente as alunas da Escola Complementar/Normal, *manipularam, compreenderam e apreenderam* a palavra escrita em circulação na sociedade e produziram seu próprio artefato cultural, a revista *O Estudo*.

Para melhor entendimento das práticas e da maneira com que as alunas se apropriaram da palavra escrita foi realizado um levantamento e classificação dos textos publicados nos exemplares d'*O Estudo*, com base no nome, pseudônimo, título e classificação segundo o conteúdo.

Quadro 6 – Colaboradoras, títulos e classificação dos textos (O Estudo, 1922 a 1931)<sup>47</sup>

Autoria	Título	Estilo textual	Localização
Icléa (alumna do 3º ano)	O Mendigo	Texto literário	n. 2, 1922, p. 7
	Amôr de pae	Texto literário	n. 3, 1922, p. 8
	A jarra de porcelana	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 12
	Apanhado de uma lição da Bandeira Nacional, que deve ser dada por meio de perguntas e respostas.	Texto literário	n. 6, 1922, p. 5
	O poder da fraqueza	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 12
	Felicidade	Texto literário	n. 1, 1923, p. 22
	A vida	Texto literário	n.1, 1925, p. 20
	A lagrima	Texto literário	n. 1, 1926, p. 1
	A poesia	Texto literário	n.1, 1926, p. 15
	Cigarra	Texto literário	n.1, 1929, p. 19
Marinha Noronha de Freitas (Escola Complementar)	Educação	Educação	n. 3, 1922, p. 7
	À minha Pátria, no dia do centenário de sua independência.	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 6
	Educação (continuação)	Educação	n. 6, 1922, p. 16
	Os pequenos	Texto literário	n. 1, 1923, p. 25
	Cégo!	Texto literário	n.1, 1926, p. 2
	André	Texto literário	n.2, 1926, p. 6
	Ter pose	Texto literário	n.2, 1926, p. 19
	Coincidencia	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 10
	A boa mulher	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 32
Adeus!	Texto literário	n.1, 1927, p. 13	
Lisar	A felicidade	Texto literário	n.2, 1925, p. 14
	Aquarella	Texto literário	n. 3, 1925, p. 13
	Eterno romance	Texto literário	n. 4, 1925, p. 11
	Phases da vida	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 15
	Da indiferença	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 37
	Promoção rápida	Texto literário	n.1, 1926, p. 12
	Trecho de um canhenho	Texto literário	n. 2, 1926, p. 3
	Ociosidades...	Texto literário	n 3/4, 1926, p. 17
	De perfil...	Texto literário	n.1, 1927, p. 8
	Vida...	Texto literário	n.1, 1928, p. 3
	Tudo morre nesta vida...	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 36
	Lanternas que se apagam	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 40
	Agonizar...	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 42
	?	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 81
	Do tempo	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 1
Da soledade	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 161	
Almoba	História antiga	Texto literário	n. 2, 1925, p. 17
	O lago	Texto literário	n. 3, 1925, p. 15
	A fonte da mocidade	Texto literário	n. 4, 1925, p. 15
	Velho thema	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 6
	Carta aberta ao Sr. Thêo Rocha	Correspondência	n. 5/6, 1925, p. 17
	Vaidade maxima...	Texto literário	n. 1, 1926, p. 6
	Eis-me	Texto literário	n.2, 1926, p. 10
	Palestra simples	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 21
	Fugaz romance	Texto literário	n.1, 1928, p. 14
Alpheu e Arethusa	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 24	

<sup>47</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado. Foi mantida a ortografia impressa.

	Cousas inuteis	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 59
	Intolerancia	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 92
	No país da saudade	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 118
	Cousas sem valor	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 126
Uma Alumna	Quadras sem métrica (continuação)	Texto literário	n. 2, 1922, p. 9
	Quadras sem métrica	Texto literário	n. 3, 1922, p. 3
Arólma	O inverno	Texto literário	n.2, 1922, p. 10
	As sras. D. Notas	Texto literário	n.3, 1922, p. 16
Berenice	Anathema	Texto literário	n. 2, 1922, p. 11
Dido	As lágrimas da morta	Texto literário	n. 2, 1922, p. 11
	A morte	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 26
	As rosas da Mamãe	Texto literário	n. 6, 1922, p. 8
Aludes	Questões de português	Texto didático	n. 2, 1922, p. 15
	Língua portuguesa	Texto didático	n. 6, 1922, p. 2
Sylvia	A medalhinha de prata	Texto literário	n. 3, 1922, p. 19
	Memórias de um quadro negro	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 25
Myriam	Recordando	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 20
	A visão	Texto literário	n. 6, 1922, p. 13
	Noite tenebrosa	Texto literário	n. 1, 1926, p. 4
	O nosso ideal	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 44
	Aninha	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 91
Fernanda	Helena	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 22
Rosah	Carta a Mary	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 34
	A invejosa	Texto literário	n. 6, 1922, p. 12
Luza	Saudade	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 35
	Crepúsculo	Texto literário	n. 6, 1922, p. 24
Laura di Laurea	Ao cair da tarde	Texto literário	n. 6, 1922, p. 17
	Na serra, ao alvorecer	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 16
Gilka da Costa Mello Machado	Natal	Texto literário	n. 6, 1922, p. 17
Ida Silveira	Alma gaúcha	Texto literário	n. 6, 1922, p. 21
Mary Elsie	Carta aberta	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 20
Helena	Hora crepuscular	Texto literário	n. 1, 1923, p. 8
Siloca	Scena de pescador	Texto literário	n.1, 1923, p. 17
Rosa de Castro Brasil	Acta n. 17 e Acta n. 18	Editorial	n.1, 1925, p. 21
Magdá	A céguinha	Texto literário	n. 2, 1925, p. 11
	Orphãs...	Texto literário	n. 4, 1925, p. 22
Mi Mem	Esperanto	Texto informativo	n. 2, 1925, p. 12
Maria Luiza	Um “causo”	Texto literário	n. 2, 1925, p. 13
	A violeta	Texto literário	n. 3, 1925, p. 18
Marian	Pelo telefone	Texto literário	n. 2, 1925, p. 15
Ilina	À beira mar	Texto literário	n.2, 1925, p. 18
	Povoação virtuosa	Texto literário	n. 3, 1925, p. 6
Leoni	Mãe	Texto literário	n. 2, 1925, p. 19
Alba	A palmeirinha milagrosa	Texto literário	n. 2, 1925, p. 20
	Moleque	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 41
Esphinge	À distinta collega Marina Martins de Souza	Texto literário	n.2, 1925, p. 20
Airam	A graça	Texto literário	n.3, 1925, p. 4
	Serão felizes?...	Texto literário	n.4, 1925, p. 20
Zenith	“Bemaventurança”	Texto literário	n. 3, 1925, p. 18
SI...	Quadrinhas	Texto literário	n.3, 1925, p. 19
	Recompensas de natal	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 32
	Reportagens íntimas	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 45
Id...eal	Sonho de Hebe	Texto literário	n.4, 1925, p. 17
Lalá	Em viagem...	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 15

Ludi	Pedaços de outomno	Texto literário	n.1, 1926, p. 1
	A infância	Texto literário	n. 2, 1926, p. 9
	No silencio da noite	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 8
Jone	A primeira desilusão	Texto literário	n.1, 1926, p. 4
Hilacy	Recordando...	Texto literário	n.1, 1926, p. 9
	Ironia do destino	Texto literário	n.1, 1926, p. 16
	Sonho	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 23
Leonda	As estações	Texto literário	n. 1, 1926, p. 12
	Scismares	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 4
Uma vítima da tempestade	Recordações de um exame	Texto literário	n. 1, 1926, p. 14
Chryseu	Quadras sem métrica	Texto literário	n. 1, 1926, p. 16
	Medalhão dourado	Texto literário	n. 1, 1926, p. 17
	Quadras sem métrica	Texto literário	n. 2, 1926, p. 8
	Quadras sem métrica	Texto literário	n. 3/4, 1926, .p. 27
Ritmo	Saudade	Texto literário	n.1, 1926, p. 18
	Desprezo	Texto literário	n.2, 1926, p. 7
	Duvidas	Texto literário	n.1, 1927, p. 14
	Theorema!	Texto literário	n.1, 1927, p. 14
	[sem título]	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 101
Nezy	Pedaços d'alma	Texto literário	n. 2, 1926, p. 9
	Incerteza	Texto literário	n.3/4, 1926, p. 20
A.C.	Sem verbos e sem dinheiro (transcrição de um periódico pernambucano)	Texto literário	n. 2, 1926, p. 14
	Sorrir...	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 5
Dilah	Amor fraternal	Texto literário	n. 2, 1926, p. 15
	Sempre	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 9
Menna Barreto	O sentimento esthetico	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 3
Amelia	Pezares	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 5
Nina	Não te esqueças de mim	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 13
S.	Domingo	Texto literário	n. 3 /4, 1926, p. 27
	O concerto	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 33
	Moral	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 35
Aracy Freitas (alumna 1º anno)	Sob a impressão de "Cantico de amor"... (Offerecido a D. Marinha Noronha)	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 31
Aracy d'Oliveira Freitas (3º anno)	Contraste	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 44
	O que eu amo	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 106
	As Cegonhas	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 114
	Orando	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 125
	Viver	Texto literário	n.1, 1931, p. 11
Cometa	O caracter da criança	Educação	n. 3/4, 1926, p. 36
Ritmos	Natal	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 42
Sciby	A caridade	Texto literário	n. 1, 1927, p. 4
Vera	Num baile	Texto literário	n.1, 1927, p. 6
Ydan	Na sepultura de minha mãe	Texto literário	n. 1, 1927, p. 6
Occaso	Tres sentimentos	Texto literário	n.1, 1927, p. 9
Nery	Reminiscencias	Texto literário	n.1, 1927, p. 15
	Conto breve	Texto literário	n.1, 1928, p. 9
	Gloria posthuma	Texto literário	n, 2/3, 1928, p. 34
	Manhã hibernal	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 54
	Rompimento	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 83
	Relembrando	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 90
Acy	Tarde	Texto literário	n.1, 1928, p. 2
	São João	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 29
	Quadras sem métrica	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 47
	Orphã	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 77

	Economia	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 96
	Nostalgia	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 126
L.V.	O thema de arithmetica	Texto literário	n.1, 1928, p. 6
Nyemi	Ideaes desfeitos	Texto literário	n.1, 1928, p. 10
Lourdes	Amor filial	Texto literário	n.1, 1928, p. 13
Zabarda	Cousas da epoca	Texto literário	n.1, 1928, p. 14
	Dôr intima	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 26
	Divagações	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 51
Dilna	Risos e lagrimas	Texto literário	n.1, 1928, p. 15
	Scenas de aula	Texto literário	n.1, 1928, p. 16
R. Frota Barcelos	Lares da pobreza	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 24
Marsy	Oriente	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 29
	Domingo de chuva	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 62
Aldar	Tristes recordações	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 31
	Scismando	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 124
Marvi	Ceguinho	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 35
	Premeditando	Texto literário	n. 2 /3, 1928, p. 54
	Vida	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 56
Bossuet	Pensares	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 35
Amirt	Presente de natal	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 46
Ziló	Mendigo	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 52
	Paginas de um diario	Texto literário	n 2/3, 1928, p. 60
	Mãe	Texto literário	n.1, 1929, p. 10
	Leda	Texto literário	n.1, 1929, p. 18
Conceição Nunes de Miranda	A virgem	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 55
Lina	Natal	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 58
Arani	Anoitecer	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 62
Nanda	Comparação	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 63
J.N.	Escolas Normaes	Educação	n. 4/5, 1928, p. 77
Diva Dantas	Belleza	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 82
	O Olhar	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 102
M.S. Diaz	A mendiga	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 84
	Gôsto de recordar	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 130
Elfreda	Uma scena intima	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 86
Asor	Vida de ilusões	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 94
Zizi	Postal	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 96
	Fragmento	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 99
Aibun	Charadas	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 97
Alzira Freitas	Desejo	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 97
Ayl	O cahir da tarde	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 103
	O orphão	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 135
Celeste	Nunca mais...	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 103
	Resignação...	Texto literário	n.1, 1929, p. 16
Dina Rocco	O campo num entardecer de inverno	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 117
E	Alma desterrada	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 136
	Minha doce amiga	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 165
Só	Ave Maria	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 134
	A cruz da estrada	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 140
	O Sepulchro de Pedras Verdes	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 149
Tupy Nambá	[sem título]	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 141
Rosa Nahuys	[sem título]	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 156
E.L.	Difficil escolha	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 157
G.C.	À uma cigana	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 158
Eviradnus	A origem das armas de Portugal	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 160
Amélia Rodrigues	Réo da amanhã	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 164
Armely	O amor materno	Texto literário	n.1, 1929, p. 27

	Lagrima	Texto literário	n.1, 1929, p. 28
M.M.	Sentença original	Texto literário	n.1, 1929, p. 30
Z.B.R.	Rimas	Texto literário	n.1, 1929, p. 24
P.A.L.	Os vagalumes	Texto literário	n. 1, 1930, p. 31
Y.	A violeta	Texto literário	n. 1, 1930, p. 39
Magda	Fragmento...	Texto literário	n.1, 1931, p. 100
Léa D'Alvear	Ouvindo a cartomante	Texto literário	n.1, 1931, p. 11
Mery Merino (3º ano)	Lagrima	Texto literário	n.1, 1931, p. 11
Forinda Gastal	Quadras sem métrica	Texto literário	n. 1, 1931, p. 14
Ruth Azevedo	Doutor Periquito	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 167
	Das aulas de Pedagogia. Processos de ensino	Educação	n.1, 1930, p. 10
	Do caderno de preparação de lições da alumna Ruth Azevedo	Educação	n.1, 1930, p. 37
Maria Leda Borges da Fonseca (alumna do 2º ano do Cursos de Aperfeiçoamento)	Palestra	Educação	n.1, 1930, p. 3
Lygia Sperb	Redacção ilustrada pela alumna do 3º ano do Curso de Aplicação numa aula de Pedagogia Prática	Educação	n.1, 1930, p. 5
Yolanda Rocha	Do caderno de preparo de lições da alumna Yolanda Rocha	Educação	n.1, 1930, p. 21
Jurêma Lopes	De nossas aulas de Pedagogia. A arte de interrogar	Educação	n.1, 1930, p. 25
Maria Cibeira e Cora Pires (alumnas do 2º ano do Curso de Aperfeiçoamento)	Museus escolares	Educação	n.1, 1930, p. 29
Jovita Melo Santos	Luz natural e luz artificial	Educação	n.1, 1930, p. 35
Zelia Benicio Roballo	Prática da Escola Ativa	Educação	n.1, 1930, p. 41
Honorina Seixas	Redacção de uma alumna do 5º ano. O alfaiate e o banqueiro.	Educação	n.1, 1930, p. 43
Ledy Weinmann III anista	Prática da Escola Ativa	Educação	n. 1, 1931, p. 5
Lisia de Freitas Castro	Excursões escolares	Educação	n. 1, 1931, p. 7
Anita Filipozzi	Plano de uma lição de “Noções de Comuns”	Educação	n.1, 1931, p. 9
Ilza Menezes	Das aulas de Prática Profissional Plano de uma lição de história	Educação	n.1, 1931, p. 18
Maria Ruth Issler	Das aulas de Pedagogia Prática	Educação	n.1, 1931, p. 20
Tyrce Alves e Valeska Beuster	A objetivação	Educação	n. 1, 1931, p. 21
	Plano de uma lição de Noções Comuns para o IV ano Elementar	Educação	n.1, 1931, p. 27
Circe A. Bica Romero, Wanda Goidanich, Nilza Maria Moreira e Abigail Teixeira (2º ano do Curso de Aperfeiçoamento)	Plano de Lição	Educação	n.1, 1931, p. 29
Wanda Goidanich, Nelza Maria Moreira e Abigail Teixeira	Noções comuns	Educação	n.1, 1931, p. 30

Os nomes e os títulos apresentados no Quadro 6 foram transcritos tal como aparecem publicados na revista. A classificação que corresponde ao estilo ou gênero textual foi pensada seguindo o conteúdo do texto. *Texto literário* compreende crônicas, contos, ensaios, poemas. *Editorial* corresponde aos textos em que as alunas informam atividades da Instituição e/ou da revista. *Correspondência* refere-se aos textos como respostas de um comentário e/ou carta de agradecimento. *Educação* agrupa os textos teóricos sobre educação em geral: pedagogia/ensino/aprendizagem/psicologia infantil e práticas pedagógicas.

O levantamento dessa produção demonstra que os textos apresentam uma regularidade durante os anos de 1922 a 1929, incidindo em sua maioria no estilo literário. Porém, foi possível listar a mudança no estilo, entre os anos de 1930 e 1931. Neles, o estilo literário dá lugar aos textos de cunho teórico-metodológico, didáticos e de aulas práticas.

Essa constatação suscita algumas indagações: Por que as alunas publicaram tantos textos literários? Por que a partir de 1930 o estilo dos textos publicados foi modificado? Os textos das alunas fazem parte das práticas de formação de professoras? Algum professor ou professora os fomentava, em especial? Correspondem às práticas de escrita femininas características das décadas de 1920 e 1930?

Hector Cucuzza e Pablo Pineau (2002) propõem que a observação dessas práticas deve incidir sobre o que eles chamam de *cena de leitura*, lugar onde se realiza a leitura e a escrita como prática social de comunicação, composta por atores, finalidades, tempos e suportes. Desde o final do século XIX, a *cena de leitura* torna-se algo comum à escola, que passou a ser erigida como espaço privilegiado à produção de um grande número de leitores e escritores.

Sendo assim, analisar a Escola Complementar/Normal como lócus da *cena de leitura*, é analisar seus atores, aqui representados pelas alunas escritoras/editoras, cujas finalidades estão em “animar as vocações literárias”, “despertar o gosto pelo belo” e “levar notícias sobre os modernos aperfeiçoamentos introduzidos nos métodos de ensino”<sup>48</sup>, desenvolvidas na década de 1920 e de 1930, através da publicação da revista *O Estudo*.

Com o olhar voltado para a cena de leitura e, mais especificamente, para os textos produzidos pelas alunas (literários e teórico-metodológicos), depreendem-se algumas respostas aos questionamentos acima. As alunas, ao publicarem a revista *O Estudo* e a difundirem, agiram conforme práticas de escrita intimamente ligadas às práticas de leitura, constituintes de uma prática cultural de época. Entretanto esta se tornou uma prática escolar,

---

<sup>48</sup> Conforme O ESTUDO, n.1, 1925, p. 2.

com o objetivo de obter uma massiva produção leitora, assim como, de desenvolver uma determinada formação docente.

O aumento do número de leitores devido ao processo de ensino da leitura e da escrita – “lectoescritura”<sup>49</sup>, no início do século XX, demandou o aumento da produção de textos. Nesse momento, a escola faz uso dessa demanda e oferece um impresso específico, a revista *O Estudo*, que corresponde à “didatização das práticas de escrita e de leitura” realizadas na escola (CUCUZZA; PINEAU, 2002, p. 20).

Nesta perspectiva, é possível analisar os textos literários e os textos teórico-metodológicos presentes na revista *O Estudo* como textos escolares, que expressam o ensino e a prática de escrita e de leitura das alunas e futuras professoras. Cabe, ainda, compreender o que levou à publicação de tantos textos que se caracterizam como textos literários.

## **TEXTOS LITERÁRIOS – OS 210 TÍTULOS – EXEMPLOS DAS PRÁTICAS DE ESCRITA DAS ALUNAS**

*Aos professores das mais esquecidas villas, esta revista levará noticias dos modernos aperfeiçoamentos introduzidos nos methodos de ensino; animará as incipientes vocações litterarias, que, muitas vezes, nascem timidamente e morrem como nasceram, sem nunca frutificar; despertará, finalmente, em nós o culto pelo Bello, por meio da leitura daqueles que teem já um nome feito nas letras. (O ESTUDO, n.1, 1925, p. 2)*

As práticas de escrita das alunas presentes nos textos publicados na revista *O Estudo* encontram-se vinculadas às práticas de formação de professoras, assim como também representam práticas de escrita típicas de uma época, a partir da década de 1920. Anos marcados pela consolidação do ideário republicano no Brasil e, conforme Jorge Nagle (2001), período em que a educação passa a ser prioritária na formação do novo cidadão brasileiro e na sua transformação em um país moderno. Nos primeiros anos do século XX, a prática de escrita foi fomentada nas escolas, somadas ao estímulo do processo de alfabetização.

O aspecto político das primeiras décadas do século XX também esteve presente quanto à necessária produção de material escolar para atender à nova população alfabetizada.

---

<sup>49</sup> Os autores Cucuzza e Pineau (2002), ao proporem uma história social do ensino da escrita e da leitura, afirmam que a “lectoescritura”, atualmente estabelecida como dois momentos simultâneos do mesmo processo de alfabetização, foi se desenvolvendo através de complexas relações de poder estabelecidas entre práticas concretas da leitura e da escrita, em uma longa duração histórica.

Conforme Márcia Razzini (2005), sob essa circunstância, foi incentivada a produção de livros de leitura e cartilhas, que seguiram as novas diretrizes educacionais na “consolidação da ideologia republicana”, através da leitura, da escrita de fábulas e contos de cunho religioso e moral, e também de “textos que construíam a ideia de pátria moderna e civilizada, ou seja, conteúdos que combinavam com temas patrióticos, regras de civilidade e índices de modernidade e progresso” (RAZZINI, 2005, p. 107).

No Rio Grande do Sul, o ideário republicano capitaneado pelo PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) exaltava os ideais progressistas e civilizatórios através do civismo, do nacionalismo e do patriotismo. Também delegava à escola a tarefa que “elevaria a qualificação moral dos trabalhadores”, como afirmam Elomar Tambara e Michele Huch (2005):

A educação passou a ser vista como um meio de formatação de uma ideologia social impregnada de patriotismo, moralidade e civismo. Pensa-se então em ensino leigo [...], em educação popular [...] e na educação das mulheres que era vista como uma possibilidade de qualificar as mães para que estas pudessem administrar melhor a criação de seus filhos e os cuidados da família. (TAMBARA, HUCH, 2005, p.2)

No contexto republicano das primeiras décadas do século XX, a Escola Complementar/Normal de Porto Alegre possivelmente refletiu em seu currículo o que foi considerado de “mais moderno e adequado à formação de professores, já que a escola tinha no estado uma posição de pioneirismo quanto a teorias educacionais” (LOURO, 1986, p. 58)<sup>50</sup>.

Cabe ressaltar que a revista *O Estudo* foi criada em 1922, ano que coincide com as comemorações do centenário da Proclamação da Independência do país. Nesse sentido, o civismo e o amor à pátria encontram-se nos textos produzidos pelas alunas. É o caso do texto intitulado *Á minha Pátria, no dia do centenário de sua independência*, de autoria da aluna Marinha Noronha de Freitas. Nele a autora escreve:

[...] Como não proclamar o amor a esta Patria, si este amor é instinto mais bello, mais moral, que nos prende á vida?  
Como, por um phenomeno eterno e subsistente, a humanidade está como que pregada á terra em que nasceu, por iman invizível, e despreza o resto do globo.  
(Marinha Noronha de Freitas. O ESTUDO, n. 4/5, 1922, p. 6)

A este propósito, não foi localizado um documento que registrasse a base curricular, mas junto a alguns livros de Minutas dos Ofícios do arquivo da escola foram encontrados indícios das disciplinas ministradas nos anos de 1928 e 1929. Nesse livro consta uma lista com os nomes de professores e as respectivas disciplinas oferecidas pela Escola

---

<sup>50</sup> Conforme Louro (1986), a atuação de Getúlio Vargas como presidente de estado, em 1928, gerou uma política de criação de escolas complementares pelo interior, para melhor atender a necessária formação de professores. Foram criadas as escolas complementares de Pelotas, Passo Fundo, Caxias do Sul, Santa Maria, Cachoeira e Alegrete, utilizando como modelo a Escola Complementar de Porto Alegre.

Complementar e Normal. São elas: *Matemática, Português, Literatura, Ciências, Geografia, História, Economia, Escripuração Mercantil, Francês, Música, Desenho, Ginástica, Psicologia, Pedagogia Prática e Trabalhos Manuais*.

Dentre as disciplinas que aparecem exemplificadas em textos publicados no impresso estudantil, destacam-se aquelas ligadas ao Português<sup>51</sup> e à Literatura, pois se depreende dos textos publicados na revista a existência de vários gêneros literários que marcam a modalidade de conteúdo e sua forma, ou seja, contos, crônicas, ensaios e poemas. E, também, de textos que tratam sobre a Língua Portuguesa, como é o caso do artigo de Padre Antonio Vieira, “Concordâncias – Sermões” (O ESTUDO, n. 5/6, 1925, p. 34) e o texto “Origem do Dialecto Brasileiro” (O ESTUDO, n. 1, p. 19 e n. 2, p. 21, 1926)<sup>52</sup>.

Conforme Roseli Pereira (2008), na passagem do século XIX para o XX, o ensino brasileiro transita do paradigma humanístico clássico para o moderno com relação ao ensino da Língua Portuguesa. O modelo clássico “propunha ao indivíduo a prática dos textos e dos autores, pelo contato com as civilizações fundadoras, pelo exercício da tradução, da imitação e da composição, do senso crítico, da capacidade de julgamento pessoal e, sobretudo, da arte de se exprimir, oralmente e por escrito, conforme as normas estabelecidas” (PEREIRA, 2008, p. 1).

Assim, durante o Império, a Língua Portuguesa foi ensinada através da retórica, da poética e da gramática. Na República, todas essas formas de ensino são fundidas com a criação da disciplina Português.

Das três formas, à gramática<sup>53</sup> era destinado um tempo maior da carga horária, e o restante era reservado ao trabalho de leitura e interpretação de textos, assim como de composição – como era chamada a (re)produção textual (PEREIRA, 2008, p. 2).

Da argumentação das clássicas às humanidades modernas, retém-se a importância do ensino das línguas e das literaturas, assim como o papel decisivo dos exercícios de versão, tradução e composição para a formação, não somente linguística, mas, também, intelectual do aluno. Levava em conta, ainda, as línguas vivas estrangeiras em substituição às línguas antigas. Ocorre, nesse processo evolutivo o predomínio de uma concepção utilitarista de educação. (PEREIRA, 2008, p. 2)

O ensino do português ganhou importância porque a ele foi atribuído o papel de “representar a Pátria”, de “defender o idioma nacional” e “consolidar o Estado” (PEREIRA,

<sup>51</sup> Sobre manuais de Língua Portuguesa, ver Farias (2011). O autor analisa a coleção de manuais de português “Novo Manual de Língua Portuguesa”, publicado pela editora F.T.D., no início do século XX.

<sup>52</sup> Textos que estão listados no quadro 8 (na página 107 do próximo capítulo). Outro exemplo está presente no quadro 7 (página 94), de autoria de M. P., intitulado “Verbo haver” (O ESTUDO, n. 1, 1925, p. 4).

<sup>53</sup> Os dois textos didáticos levantados no quadro 6 tratam da disciplina Português. E ambos foram escritos por Aludes. Apenas no texto *Questões de português* o assunto tratado faz referência à gramática, como o uso do verbo “avisar” e o dos pronomes de tratamento “seu” e “sua” (O ESTUDO, n. 2, 1922, p. 15).

2008, p. 3), características essenciais na incipiente República. No texto *Lingua Portuguesa*, de autoria da aluna Aludes, consta uma relação entre a escrita da língua portuguesa e o amor à pátria, e por essa razão são ensinadas as regras de sintaxe e estilo literário.

Aos mestres, que têm sempre – bem ou soffrivelmente – sondado os veios onde jazem as páginas aureas que nos enriquecem, cabe ao honroso encargo de guiar com securidade, até que só por só se movam, aquelles que, por muito amor á patria, se envergonham e se dóem de offendê-la, martyrizando-a no idioma.  
O mestre ensina as regras de syntaxe e orienta o alumno no estudo dos textos, encaminhando-o para a formação do estylo. (Aludes, O ESTUDO, n. 6, 1922, p. 2)

Dessa forma, o ensino do português e da literatura na escola, conjuntamente com o incentivo à produção de revistas, contribuiu para suprir a lacuna ocasionada pela falta da produção e editoração literária nacional. Trata-se do que Midosi, antes referido, em 1879, afirmasse: “a revista, transição racional do jornal para o livro, ou antes laço que prende esses dois gêneros de publicação, afigura-se-nos por isso a forma natural de dar ao nosso povo conhecimentos que lhe são necessários para ascender à superior esfera no vasto sistema das luzes humanas”<sup>54</sup>, em outras palavras, proporcionar ao público leitor um conhecimento, leituras agradáveis, ligeiras e variadas. E nas palavras das alunas, a revista objetivava: “animar as incipientes vocações literárias e despertar o culto pelo belo por meio da leitura” (O ESTUDO, n. 1, 1925, p. 2).

De acordo com Cunha (2003), no campo das Letras, as práticas de escrita das alunas eram bastante incentivadas. A escola, “como lugar onde se interiorizavam e exteriorizavam os limites da escrita, favorecia as cópias, as transcrições, redações, criações literárias (sonetos, pequenos contos, memória de passeios e de férias, etc.) em que as alunas pudessem expressar seus sentimentos escrevendo” (CUNHA, 2003, p. 217).

Nesse sentido, nada mais coerente que desenvolver nas futuras professoras o gosto pelo belo, através da leitura e da escrita de textos literários<sup>55</sup>. Se as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela aspiração republicana e seu interesse pela educação

---

<sup>54</sup> Conforme apresentado no capítulo 1 desta dissertação.

<sup>55</sup> O desenvolver da prática de escrita e de leitura de alunas, principalmente aquele que incentivava o “gosto pela literatura”, se tornou uma prática escolar e uma fórmula de impresso comum. É o caso do *Complementarista*, uma revista científica, didática e literária da Escola Complementar de Pelotas, de 1932. No edital de abertura consta o seguinte objetivo: Uma revista literária, na qual pudessem depositar os seus pensamentos, as suas melhores composições. Enfim, uma revista que ao desenvolver o intelecto de seus associados, despertasse-lhes o gosto pela literatura e o desejo de progredir nessa língua tão bela que é a nossa (*Complementarista*, abr/1932, p.1) (AMARAL; SILVA, 2005, p. 3). Em termos nacionais, saindo do sul em direção ao nordeste do país, o jornal *O Necdalus*, impresso estudantil publicado pelo Atheneu Sergipense (1909-1911), também incentivou a prática de escrita de seus alunos, para “progredir intelectualmente a fim de se tornarem homens ilustres da sociedade sergipana e moços que se ‘atiram audazes esperançosos á lueta das letras’” (VALDEVANIA, 2009, p. 24).

desenvolvida no país e no Estado, também é destaque nesse período o aparecimento em Porto Alegre de uma *jeunesse dorée*, uma “boêmia literária”, como afirma Pesavento (2010).

A *jeunesse dorée* frequentava lugares específicos da urbe. Os espaços de encontro correspondiam aos jornais, aos cafés, às praças e às livrarias<sup>56</sup>. Tais espaços eram frequentados pelo grupo boêmio e também por aqueles que Martins (2008) chamou de “bacharéis-literatos”. Estes foram responsáveis por transformar a atividade literária em “capital cultural”, o que lhes possibilitou a “inserção na sociedade burguesa”.

E, nesse caso, o bacharel-literato foi

[...] o portador de uma concepção aristocrática da cultura, diletante e livresca, da eloquência jurídica e da retórica literária, marcas da distinção que têm o privilégio da atividade intelectual, fruto mais antigo do preconceito de uma sociedade escravocrata que estigmatizava o trabalho (CHALMERS (1976) *apud* MARTINS, 2008, p. 437).

É provável que, em alguma medida, a prática de encontros literários na cidade pelos boêmios literários tenha influenciado, de certa forma, as escritas e as leituras das alunas, que se refletem no número de textos literários publicados na revista *O Estudo*. Além disso a revista encontrava-se à venda nas principais livrarias da cidade, isto é, circulava nos espaços da boêmia literária.

Pesavento (2002) menciona que instituições de ensino básico e médio, como o Colégio Rio-Grandense, o Colégio Minerva, o Colégio Bom Conselho e a Escola Militar de Porto Alegre foram responsáveis pela “formação de parte considerável do que chamamos de elite letrada da época” (PESAVENTO, 2002, p. 288). Se essas instituições de ensino foram responsáveis por formar a “elite letrada”, também o foi a Escola Complementar/Normal, ao incentivar práticas de leitura e escrita no campo das Letras.

Outro ponto a ressaltar quanto às práticas de escrita e de leitura das alunas, além do incentivo republicano à educação e a influência de uma boêmia literária, é a presença da Igreja Católica, através dos textos e imagens publicadas na revista.

Na década de 1920, a Igreja Católica fomentou a divulgação, por diferentes meios, de uma educação vinculada à moral cristã. Esse modelo de educação possuía como objetivo constituir um ideal de professora, que deveria corresponder a uma “mulher de bem”, seguir o “modelo de mulher virtuosa, aquela que não desperdiça seu tempo com futilidades e que é

---

<sup>56</sup> Em outra obra, Pesavento (1999), ao tratar dos espaços e vivências da cidade de Porto Alegre, ressalta que com o aumento do perímetro urbano da cidade, nas primeiras décadas do século XX, o espetáculo burguês era projetado através do “viver em cidades”, ou seja, frequentar confeitarias, cafês, teatros, associações carnavalescas, hipódromos, o *footing* da Rua da Praia, as sessões dos cinematógrafos “constituíam as ambiências e as socialidades que atuavam como palco de uma moda europeia para a burguesia porto-alegrense” (PESAVENTO, 1999, p. 59).

disciplinada” (CUNHA, 2003, p. 207). O ideal de “mulher de bem” voltado à carreira do magistério proporcionaria às mulheres uma opção profissional. A preparação para a prática docente atenderia as funções naturais femininas: a competência, a dedicação e o amor, ou seja, aquelas ligadas às funções de esposa, mãe e, conseqüentemente, professora.

O texto escrito pela aluna Marinha Noronha de Freitas, intitulado “A boa mulher”, atesta a presença desse ideal de mulher vinculado à representação de mãe. A aluna escreve:

Todos nós a conhecemos muito bem, sempre risonha, atarefada, sempre em casa, sempre fóra della, possuindo o dom da ubiquidade, esse dom celebre, que pertence ao reinado da chiméra, mas que existe, pois que faz parte dos haveres da *boa mulher*.

Quem é ella? Oh! Não a ignorais: é a que chama os nossos criados, para saber da nossa vida, a que sabe o que comemos, e que não ignora o que gastamos [...]. (Marinha Noronha de Freitas. O ESTUDO, n. 3/4, 1926, p. 32)

E acrescentava que a educação e a instrução deveriam amenizar os erros cometidos por tal mulher:

[...] A única desculpa real que poderá ter essa criatura, é que os seus defeitos são mais de educação e do espirito, do que do coração.

Mais instruída, mais em guarda contra os pequenos sentimentos, ela evitaria muitos e cumpriria melhor a grande lei da caridade – que não nos pertence fazer mal ao nosso próximo [...]. (Marinha Noronha de Freitas. O ESTUDO, n. 3/4, 1926, p. 32)

A moral cristã tratada no tema *caridade* aparece em outro texto de autoria de uma aluna, intitulado “A caridade”, de Sciby. Nele, a autora afirma que a caridade é uma das maiores virtudes, pois “de procedência celestial e divina, a caridade foi instituída por Deus e incluída por Elle no legado eterno” (Sciby, O ESTUDO, n. 1, 1927, p. 4).

A educação de uma mulher de bem, seguidora dos preceitos da moralidade cristã, está nas páginas da revista *O Estudo*, através do uso de imagens sacras e de textos produzidos pelas próprias alunas, em que ressaltam a importância de tais valores. Uma maneira de mimetizar e se apropriar de um assunto comum e que se encontra presente nos livros voltados principalmente às mulheres. Cunha (1993), ao analisar a Coleção Biblioteca das Moças<sup>57</sup>, resalta que esta coleção de livros também apresentava narrativas com valores cristãos (católicos), tal “como a importância da caridade e da renúncia para a mulher, a descrição pormenorizada de ritos religiosos [...]” (p. 56).

A composição, a difusão e apropriação da escrita pelas alunas, presentes em textos veiculados na revista *O Estudo*, e que até aqui foram apresentados como literários, foram produzidos em um ambiente de formação de professoras (com seus currículos e suas práticas de ensino), em meio ao momento de consolidação do ideário republicano, com ênfase na

---

<sup>57</sup> A Coleção Biblioteca das Moças foi publicada no Brasil a partir da década de 1930 até 1960, pela Editora Nacional, São Paulo.

educação formativa da cidadania (marcada pelo civismo e pela moralidade) e pelo ensino da leitura e da escrita.

Antes de passar à apresentação dos textos teórico-metodológicos e de outros colaboradores da revista *O Estudo*, convém aqui abordar rapidamente o uso do pseudônimo na literatura, pois como demonstra o quadro 6, ele foi usado de forma recorrente nas páginas d'*O Estudo*.

O uso do pseudônimo na literatura brasileira data do século XIX, visando à não identificação do autor, em especial porque muitas vezes eram “homens de profissões respeitáveis como a medicina, a magistratura, advocacia e a administração pública que não poderiam assinar seu próprio nome em versos, contos, crônicas publicadas nos jornais” (SIMÕES JR., 2006, p. 134). Também foi usado para facilitar a vida do jornalista que publicava em mais de um periódico. Segundo Olavo Bilac, defensor do uso de pseudônimo:

O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. Para cada estilo, cada assinatura. (BILAC (1897) *apud* SIMÕES JR., 2006, p. 134)

Nas palavras de Olavo Bilac podemos identificar as motivações para a adoção de pseudônimos pelas alunas articulistas. O uso não se dirigia a manter o anonimato, no sentido de não poder ou não dever ter seus nomes relacionados ao que escreviam. Porém, usaram-no para manter um estilo literário comum à época, uma vez que escreviam textos “leves”, sem a rigidez dos preceitos estéticos literários de então. O anonimato, supostamente, auxiliaria a minimizar os efeitos de uma crítica severa dos textos publicados.

O uso de pseudônimo, uma prática de escrita comum em um momento histórico, foi, portanto, usado e apropriado pelas alunas. Dos usos do escrito até aqui apontados, o próximo item tratará da escrita de textos teórico-metodológicos.

## **TEXTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: IDEIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

[...] Continuará, porém, defendendo os mesmos ideais, trilhando a mesma senda iniciada, visando os mesmos fins elevados de propiciar os modernos métodos de pedagogia, de promover a união entre o professorado do Estado, de ligar por uma espécie de interesse comum a *sympathia* aqueles que já exercem a dignificante

carreira do magistério e os que se preparam, entusiastas e idealistas, para compartilhar das suas glórias e dos seus pesares. (O ESTUDO, n. 6/7, 1922, p. 26)

Como foi demonstrado pelo quadro 6, a partir do ano de 1930, os textos veiculados na revista passaram a tratar basicamente de textos de cunho teórico-metodológico, isto é, referem-se aos métodos e práticas de ensino – a *pedagogia prática*.

Analisando o quadro 6, nota-se que nos anos de 1930 e 1931, a publicação é composta quase inteiramente de textos das alunas nos assuntos “científico e didáticos”, no intuito de difundir os modernos métodos de ensino praticados na Escola Normal<sup>58</sup> de Porto Alegre aos demais cantos do Estado. As alunas publicaram nesse momento um total de 20 artigos, entre eles 11 tratando de planos de lição (aula prática) e 9 tratando de questões teóricas acerca da pedagogia. Buscavam legitimidade como um saber pedagógico embasado nos seguintes aspectos: *de tipo novo, moderno, experimental e científico* (CARVALHO, 2001, p. 139). A mudança na revista é assim justificada por suas editoras:

#### O ESTUDO

Reaparece hoje a nossa revista.

Apesar dos esforços que há muito vimos empregando, só agora foi possível dar uma nova orientação, é que dela queríamos fazer uma revista de real utilização para aqueles que se interessam pelo que se refere á vida da nossa Escola.

(Editorial. O ESTUDO, n. 1, 1930, p. 2)

Então, pensando em dar uma “real utilização para aqueles que se interessam pelo que se refere à Escola”, os textos publicados, em sua maioria, contemplam planos de lição, aulas práticas. Os planos de lição, por sua vez, são reproduzidos dos cadernos de lição das alunas. Os 13 textos com os planos de lição seguem uma estruturação comum presente na parte introdutória do plano. Apresentam os seguintes tópicos:

Título da lição:

Matéria:

Tema:

Classe:

Método:

Forma:

Modo:

Processo:

Material:

Desenvolvimento/procedimento da atividade:

Apresento, a seguir, o artigo *Prática da Escola Ativa*, da aluna Ledy Weinmann, como exemplo de planejamento de lição que contempla os itens acima e também apresenta a

<sup>58</sup> Pelo Decreto n. 4277 (1929) a Escola Complementar se transforma em Escola Normal. Composta de Curso Complementar com 3 anos, Curso de Aperfeiçoamento com 2 anos, Escola Primária com 6 anos e Jardim de Infância.

apropriação leitora da aluna ao citar o livro de testes pedagógicos e psicológicos de Paulo Maranhão<sup>59</sup>.

Título: *Plano de uma lição de linguagem*

Tema: *redação*

Classe: *III ano*

Método: *indutivo-dedutivo*

Processo: *verbal*

Entre os variadíssimos processos de que dispomos para ensinar as crianças a redigir, podemos empregar o seguinte:

Escreveremos no quadro negro algumas palavrinhas que, usadas em frases sucessivas, formem um historieta, um conto. Cada palavra será estudada detalhadamente com a classe. Faremos com que os pequeninos formem frases com cada uma das palavrinhas.

Nesta fase devemos guiar os alunos, orienta-los, fazendo-lhes perguntas socráticas, encorajando-os a falar, combatendo-lhes a timidez natural.

Devem-se escolher palavras que possam sugerir assuntos simples, dentro das possibilidades mentaes da classe. Não devemos exigir muito dela; cinco ou seis frases sobre qualquer fato, são suficientes, sendo preferível aqueles que as crianças tenham observado, pois para elas é mais fácil descrever o que viram, aquilo que assistiram, do que imaginar o que não presenciaram.

A criança, em geral, tem dificuldade em coordenar frases sobre o mesmo assunto ou deixa de fazer a pontuação; por isso o processo aqui lembrado é muito útil, porque por meio dele ajudamos o aluno a vencer esta dificuldade, fazendo-o usar frases coordenadas dentro do mesmo assunto e na ordem cronológica dos fatos.

É mister deixar aos pequeninos toda a liberdade de falar, porque o nosso fim nesse exercício é cultivar a linguagem, e levar a criança a expressar o pensamento por escrito.

À medida que as crianças forem formando as frases, devemos mandar escreve-las no quadro-negro ou nos seus caderninhos, tendo cuidado de corrigi-las previamente, com a colaboração dos alunos.

Será muito conveniente fazer as crianças ilustrarem seu trabalhinho com desenhos que exteriorizem as imagens formadas na mente, o que aclara e desenvolve o pensamento, tornando o trabalho muito interessante.

O desenho, que é uma das modalidades da expressão gráfica do pensamento, é muito agradável aos pequeninos e muito concorre para despertar neles o interesse da lição.

A primeira vez que dermos esse exercício devemos fazê-lo com os alunos, guiando-os, auxiliando-os. Depois dar-lhe-emos somente as palavrinhas com a respectiva explicação, deixando trabalhar a imaginação da criança, e teremos então trabalhos pessoases em que as crianças revelarão a sua própria personalidade.

Como exemplo, temos o seguinte exercício, extraído do livro de testes pedagógicos e psicológicos de Paulo Maranhão: – passeio – tarde – rua – carroça – motorneiro – passageiros – pânico – povo – assistência – triste.

Damos aqui as palavrinhas apresentadas á classe e a seguir temos o trabalho do aluno Homero Souza, de dez anos de idade.

(Ledy Weinmann, III anista. O ESTUDO, n. 1, 1931, p. 5-6)

[O exemplo está dado na figura 13 (2), apresentado no capítulo 1, página 48]

A longa transcrição do artigo justifica-se, pois ela apresenta um modelo de lição seguindo os preceitos da *moderna pedagogia* (presente no Brasil no final do século XIX e início do XX), através de uma *pedagogia prática*. Marta Carvalho (2001) aponta que os

<sup>59</sup> Paulo Maranhão foi organizador da Coleção Pedagógica, publicada pela editora F. Briguet, em 1929.

vários impressos voltados para professores nesse período utilizaram-se dessa pedagogia.

Assim diz a autora:

Nessa *pedagogia das faculdades da alma*, ensinar é prática que se materializa em outras práticas; práticas nas quais a *arte* de aprender formaliza-se com o exercício de competências bem determinadas e observáveis em usos escolarmente determinados. Essa pedagogia como arte confere aos impressos de uso escolar um papel e um lugar específicos. [...] ensinar a ensinar é fornecer esses modelos, seja na forma de roteiros de lições, seja na forma de práticas exemplares [...]. (CARVALHO, 2001, p. 142)

“Ensinar a ensinar é oferecer modelos”. Sob esse princípio, a revista *O Estudo* forneceu às futuras professoras uma nova orientação, sobretudo por meio dos planos de lição que supunham *ensinar a fazer* através da descrição, passo a passo, de modos de fazer.

Como modelo de uma pedagogia moderna e prática, a transcrição demonstra que o interesse do ensino encontra-se na criança, e que segundo suas “possibilidades mentais” deve ser estimulada, através de atividades que desenvolvam seus interesses. E neste caso, o professor torna-se um guia, um orientador no processo de aprendizagem e na socialização através do encorajamento à fala e “combate a timidez natural”. A proposta da atividade envolve palavras conhecidas do universo das crianças e de preferência aquelas que “as crianças tenham observado, pois para elas é mais fácil descrever o que viram, aquilo que assistiram, do que imaginar o que não presenciaram”. E com essas palavras, orientá-las a formarem “frases sucessivas”, que culminarem em uma “historieta”. No desenvolver da aprendizagem através de atividades, a finalização da tarefa envolve a criação de um trabalho manual, mais especificamente um desenho, uma “modalidade de expressão gráfica do pensamento” que exterioriza as “imagens formadas na mente” e desperta nas crianças o “interesse pela lição”.

A leitura do texto da aluna do terceiro ano, Ledy Weinmann, apresenta alguns indícios da influência dos princípios que delineiam a chamada Escola Ativa, também conhecida como Pedagogia Nova e Escola Nova<sup>60</sup>, entre outros.

Em uma breve contextualização histórica acerca do surgimento da Escola Nova, cabe lembrar que ela aparece na passagem do século XIX para o século XX, como alternativa a uma “pedagogia tradicional”. Portanto, coube à “pedagogia nova” introduzir mudanças na concepção de infância (com estudos específicos sobre a criança) e de educação. Desenvolveu estudos científicos e aplicou-os às teorias educativas; sistematizou técnicas para o desenvolvimento do ensino ativo, funcional, baseado nos interesses das crianças; gerou testes para avaliação objetiva do que foi apreendido; enfim, propôs “ensinar a fazer”.

---

<sup>60</sup> Para saber mais sobre os caracteres gerais da Escola Nova, ver LOURENÇO FILHO, 1978.

Esse novo caminho foi trilhado por autores internacionais como Ferrière (primeiro a usar a expressão *new school*/1889, Inglaterra)<sup>61</sup>, Dewey (1894, Estados Unidos), Kerschensteiner (1894, Alemanha), Montessori (1900, Itália) e Decroly (1907, Bélgica)<sup>62</sup>. E aqui no Brasil, autores como Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Sampaio Doria trazem esses princípios.

No mesmo período em que a revista *O Estudo* é publicada (décadas de 1920 e 1930), os ideais da Escola Nova são introduzidos através das reformas educacionais e da qualificação do ensino (novos currículos, métodos, investimentos no corpo docente e na parte técnica das escolas, com a criação de laboratórios de pesquisa). E a Escola Complementar/Normal de Porto Alegre combinava, enfim, as novidades educacionais, através das teorias pedagógicas em voga aliadas à tradição de seus rituais, seus hinos e seus símbolos, com metas e valores permanentes. Ideários institucionais refletidos nas páginas do impresso estudantil.

Voltando ao texto da aluna Ledy, a moderna pedagogia, tão apregoada por políticos, professores e intelectuais, está presente quando centra sua didática na criança e propõe uma aprendizagem pela atividade, pela escrita e pela leitura (palavras, construção de frases, criação de uma historieta), pela socialização (encorajamento da fala), pela realização da atividade final com um trabalho manual (desenho e narrativa). Todos os momentos da atividade são supervisionados pela orientação da professora, que como um guia encoraja os alunos através de “perguntas socráticas”.

A forma socrática também está presente em outros planos de lições. No ano anterior, na proposta de atividade da aluna Ledy, edição de número um de 1930, há um texto da aluna Jurêma Lopes, intitulado “De nossas aulas de Pedagogia – A arte de interrogar”. Nele, a autora elucida sobre a importância da correta formulação de perguntas.

Basta lembrar que a interrogação bem conduzida desperta a iniciativa, a observação, a reflexão e o julgamento do aluno, de modo que os conhecimentos são adquiridos por esforço próprio [...].

Todo professor deve conhecer, pois, a psicologia da criança, para que possa avaliar, com precisão e segurança, o carácter, a capacidade de atenção, o nível mental e os recursos de expressão de cada uma.

[...] a interrogação empresta á aula vida e movimento, satisfaz a sede de actividade, tão intensa na criança e estabelece comunicação íntima e viva entre o espirito do aluno e do mestre.[...]

A seguir daremos resumidamente algumas indicações sobre esse assumpto, considerando sobretudo as sugestões do pedagogista patricio, João Toledo, extrahidas de sua bella obra “Escola Brasileira” [...].

(Jurêma Lopes, O ESTUDO, n.1, 1930, p. 25).

<sup>61</sup> Sobre a Escola Ativa na visão de A. Ferrière, ver PERES, 2005.

<sup>62</sup> Para mais informações ver GAUTHIER; TARDIF, 2010.

Professor orientador, ciente da psicologia infantil, embasado nas modernas teorias pedagógicas, apto a trabalhar e estimular o interesse das crianças. Tais aspectos estão presentes nos textos escritos por diferentes alunas, que apresentam uma apropriação dos métodos e das teorias propostos pela Escola Nova, o que leva a supor que estes eram estudados pelas normalistas.

Contudo, os textos das alunas Ledy e Jurêma não são os únicos a tratar desses princípios. Ao analisar os títulos dos demais planos de lições presentes na revista *O Estudo* (Quadro 6), identifiquei outros indícios da influência desse pensamento pedagógico. Os títulos, em sua maioria, apresentam os termos “pedagogia prática”, “escola ativa” e “noções comuns”. E ao analisar os textos, o tópico sobre o *método* a ser utilizado apresenta os seguintes termos: “indutivo-dedutivo”, “decoliano” ou “Decroly”, “biográfico”<sup>63</sup>.

São dois os textos que apresentam o método decroliano/Decroly: “Plano de uma lição de Noções Comuns” (autora Anita Felipozzi, 1931– texto 1), “Noções Comuns” (autoras Wanda Goidanich, Nelza M. Moreira, Abigail Teixeira, 1931 – texto 2). E o texto “Prática da Escola Activa” (autora Zelia Benício Roballo, 1930 – texto 3)<sup>64</sup> não apresenta o método, porém propõe uma atividade com alguns pontos em comum.

Nos três textos, como protocolo de leitura, o impresso possui a seguinte configuração:

Texto 1	Texto 2	Texto 3
<b>Matéria:</b> noções comuns	noções comuns	noções comuns
<b>Centro de interesse:</b> o café	o leite	a vacca
<b>Classe:</b> 5º ano (Curso de Aplicação)	3º ano (Curso de Aplicação)	3º anno elementar
<b>Método:</b> decroliano	Decroly	[não faz referência]
<b>Forma:</b> socrática	socrática	[não faz referência]
<b>Processos:</b> objetivos e verbais	observação, associação e expressão	[não faz referência]
<b>Material ilustrativo:</b> ramos de cafeeiro [...].	leite em estado perfeito, colhado [...]	[não faz referência]

Nesses exemplos nota-se o uso do método desenvolvido por Ovide Decroly (1831-1932)<sup>65</sup> e os “centros de interesse” da criança. O uso dos centros de interesse estimula a criança a “aprender a aprender”, através dos métodos ativos.

O processo de aprendizagem inicia com a sensibilidade que o professor deve ter para com a *necessidade* do aluno. A partir dela, o *interesse* do aluno deve ser aguçado, de modo a desenvolver o seu *conhecimento*. Esse entendimento compreende que as crianças passam por três momentos na aprendizagem: o da *observação*, o da *associação* e o da *expressão*.

<sup>63</sup> O método biográfico faz parte de uma atividade de história, com a proposta de escrita da biografia de José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco. Lembrando que o ensino de história nesse momento envolve o conhecimento de grandes personagens históricos nacionais e internacionais.

<sup>64</sup> Conforme Quadro 6.

<sup>65</sup> O método Decroly será melhor detalhado no capítulo 3.

Seguindo esse preceito, o texto publicado e intitulado “Prática da Escola Activa”, desenvolve uma lição baseada nesses três momentos:

[...]

#### I – Observação

Mediante gravuras, photographias, quadros ou, melhor ainda, deante da própria realidade, visitando um estábulo, far-se-á observar o animal e estudá-lo [...].

#### II – Associação

[...] far-se-á a classificação do animal: vertebrado, mamífero [...]. Desse modo, haverá oportunidade para classificar vários animais conhecidos das crianças, o que fornecerá assumpto para palestras interessantes e material para os “cadernos de observação”. [...]

Associação no tempo – Estabelecer comparação entre os meios de transporte antigos e modernos. O mesmo far-se-á relativamente á distribuição de leite e da carne em nossa cidade. [...]

#### III - Expressão

1ª) Abstracta:

a) Oral: [...] descrição das gravuras que representam os animais em estudo [...].

b) Escripita: Variados exercícios de vocabulário. Formação de phrases com as novas expressões aprendidas. Reprodução por escripto das descrições feitas oralmente. Cópia de trechos referentes ao assumpto estudado.

2ª) Concreta:

Desenho espontâneo. Desenho, recorte e colagem, modelado, á vista de quadros interessantes em que figurem os animais estudados ou scenas relativas aos mesmos.

(Zelia Benicio Roballo, O ESTUDO, n. 1, 1930, p. 41-42)

[o desenho de uma vaca ilustrando a atividade encontra-se no capítulo 1 – figura 13 (1), p. 48]

De acordo com o plano de lição da aluna Zelia, a observação dos alunos deve ser incentivada através da utilização de vários mecanismos visuais e direcionada para a construção de um novo conhecimento a partir da associação daquilo que já se conhece. E a atividade culminará com a realização de um trabalho manual – desenho, onde o aluno poderá expressar o seu conhecimento.

Outro fator ainda a salientar é o termo “Noções Comuns”, constante nos últimos exemplos. Segundo Vera Valdemarin (2008), a incorporação dos preceitos da Escola Nova em manuais didáticos no Brasil encontra-se, por exemplo, nas obras de João Toledo, *Escola Brasileira* (Imprensa Metodista, 1925), *Didáctica (nas escolas primárias)* (Livraria Liberdade, 1930), *Planos de Lição. Noções Comuns* (Livraria Liberdade, 1934). Tais obras “incorporaram as novas concepções e permitem detectar a apropriação discursiva dos principais conceitos e autores da Escola Nova e a permanência das antigas práticas docentes prescritas a partir da nova justificação” (VALDEMARIN, 2008, p. 77).

Em *Escola Brasileira*, João Toledo (obra e educador citado pela aluna Jurêma Lopes, O Estudo, n. 1, 1930, p. 25) expôs “sua visão sintética da alma da criança, o modo como se desenvolvia, os fins da educação, o modo de apresentar os assuntos do programa de ensino e de encaminhar o seu desenvolvimento” (PINHEIRO, 2012, p. 212). O autor, influenciado por Dewey, propõe que os objetivos educacionais devem ser concretizados por meio dos métodos

ativos, por uma educação pautada por modelos, assim como, afirma a importância dos sentidos do conhecimento concreto e da experiência para a aprendizagem. A experiência provém dos sentidos e, nessa perspectiva, “o programa escolar deve incluir o ensino de noções comuns (mais abrangentes que as lições de coisas e menos específicas que o estuda da natureza) que abordam o domínio das coisas que ocorrem na sociedade à qual o educando pertence” (VALDEMARIN, 2008, p. 77).

Logo, o ensino das noções comuns diz respeito a objetos, produtos, instrumentos e fenômenos do dia a dia dos alunos, isto é, *café, leite e vaca* (centros de interesses propostos nos planos de lição). E também demonstra que o ensino das noções comuns proposto pelas alunas em seus textos, representa uma presença leitora desse autor e sua obra, assim como, a sua apropriação pelas futuras professoras<sup>66</sup>.

Observação, estímulo visual, associação, expressão oral ou escrita, além destes momentos propostos por Decroly e divulgados pela Escola Nova, os passeios e excursões escolares são incentivados nesse modelo pedagógico. Dessa forma, as alunas versam sobre a importância dos *museus escolares* e o valor das *excursões escolares*, como modelos de práticas educativas.

“Museus Escolares” é o título do artigo produzido pelas alunas Maria Cibeira e Córa Pires (2º ano do curso de aperfeiçoamento). Nele são divulgadas as sugestões dadas pelo Dr. Everardo Backheuser (diretor técnico dos museus escolares do Distrito Federal). A compilação textual dedica três páginas e meia para expor o *objetivo* e os *tipos de museus escolares – museu de classe, museu da escola e museu pedagógico central*<sup>67</sup>.

De acordo com o artigo, a partir do novo rumo dado pela Escola Nova, os museus possuem uma nova orientação baseada no alcance prático dos seus visitantes, em especial professores e alunos:

[...] apresentam elles um aspecto nitidamente pratico, podendo os alumnos aprender por si, sem explicação do professor que se limitará tão sómente a guiar a observação do seu discípulo, o qual terá facilidade de ver, tocar e até manusear os objetos expostos. Tem assim os actuaes museus a grande vantagem de reduzir o trabalho do mestre que exerce então papel de um orientador, facilitando o aprendizado infantil, desenvolvendo a actividade innata nas crianças e tornando mais completo o conhecimento dos objetos pela observação directa das cousas. [...] (Everardo Backheuser, O ESTUDO, n. 1, 1930. p. 29-30)

<sup>66</sup> Sobre João Toledo e a discussão acerca da sua obra, ver PINHEIRO, 2012.

<sup>67</sup> Um museu escolar poderia constituir-se de “produtos alimentares, indústrias diversas, materiais de construção, aquecimento e iluminação, geologia e mineralogia, botânica, zoologia, agricultura, química e física; com diversas divisões e subdivisões” (Dictionaire de Pédagogie et d’Instruction Primaire (1911) *apud* BASTOS, 2002, p. 260).

Novamente os preceitos da Escola Nova, como laboratório de pedagogia prática, cujo ensino é baseado sobre os fatos e a experiência, são citados quando num museu o professor se tornará o guia da observação e da prática do aluno, que terá contato com objetos, desenvolvendo as habilidades de observação e manuseio, tendo, portanto, uma experiência prática de aprendizagem.

No mesmo raciocínio, são destacadas, em outro artigo, “Excursões escolares”, da aluna Lisia de Freitas e Castro, as práticas de aprendizagem desenvolvidas “além dos muros da escola”:

[...] se melhor que ouvir a descrição de um objeto, é vê-lo representando gravuras ou desenhos, muito melhor ainda será observá-lo em sua realidade. [...] Entretanto grande diferença existe entre ver um objeto em aula [...] e vê-lo em seu ambiente natural. Esta última condição é um dos fins a que a escola nova quer atingir. Por meio das excursões alcançaremos este objectivo. [...] Deve ter o professor bem presente o seu papel. É ele um mero guia da classe. Atento, vigilante, solícito, orienta-o, estimula o interesse dos alunos, chama-lhes a atenção sobre este ou aquele ponto que ia passando despercebido. (Lisia de Freitas e Castro, O ESTUDO, n.1, 1931. p. 7-8)

Num tom ufanista, a autora explora as potencialidades das excursões escolares no contexto dos novos ideais práticos da pedagogia moderna. A longa transcrição demonstra o enaltecimento de tal prática, apresentando a sua grande contribuição ao ensino infantil. Assim como as visitas aos museus, as excursões possibilitam trabalhar com os *interesses* dos alunos e, a partir deles, aguçar a capacidade de *observação* (*in loco* da natureza e da realidade), de *associação* (medir distâncias, comparar sabores) e de *expressão* (esboçar o fruto de sua observação).

Portanto, pode-se inferir que a visita tanto aos museus escolares como a saída de campo em excursões escolares pertence ao grupo de práticas escolares cujo valor pedagógico adota os princípios da Escola Nova. E através deles é possível desenvolver aulas práticas que envolvem as disciplinas como noções comuns, geografia, história, geometria, desenho, entre outras<sup>68</sup>. E no mais,

É a objetivação que permite a aquisição de experiências. Daí a necessidade da organização de museus escolares, onde não deve faltar todo material necessário á objetivação do ensino, e o tabuleiro de areia, para a concretização de certas noções de Geographia, de Noções Comuns, de História, e representações de animais que não podem ser trazidos para a classe. [...]

<sup>68</sup> Assim também Zita Possamai (2010) afirma, ao se referir ao Museu do Estado/RS, onde “o museu colocava-se como lócus privilegiado para a escola para aprendizagem dos conteúdos considerados relevantes naquele contexto.” Porém, neste caso, o museu privilegia a exposição de espécimes e exemplares da natureza, para aguçar os sentidos, sobretudo, a visão, tornando-a laboratório de aplicação do ensino de Lição de Coisas. “Ver para saber”, de acordo com essa máxima, “o museu escolar, no âmbito das instituições escolares, vincula-se ao método de ensino intuitivo – *lições de coisas*, que permitia a visualização real e concreta dos temas tratados nas aulas e nos compêndios” (BASTOS, 2002, p. 258-9).

As excursões, em que o aluno pode observar diretamente a flora e a fauna, as produções do solo, etc., do lugar que habita, são também de grande importancia. [...] Também não deve ser esquecido como meio intuitivo de grande valor o cinema escolar, que muito auxilia a História Natural, a Corografia e o ensino da História Pátria e Universal, noções de Higiene, etc. [...]. (Tyrce Alves e Valeska Beuster, O ESTUDO, 1931, p. 21-23)

O trecho acima, foi extraído do artigo intitulado “A objetivação”, também manifesta os princípios da “escola moderna”, que conhece a psicologia infantil e que procura subordinar os processos e métodos de ensino às necessidades dos alunos. O ensino objetivo compreende os “meios pedagógicos que põem as crianças em atividade, para perceber cada atributo com o sentido que lhe corresponde” (Tyrce Alves e Valeska Beuster, O ESTUDO, 1931, p. 21). Esse é mais um exemplo da apropriação escrita das alunas sobre a pedagogia prática e a Escola Nova.

As práticas de escrita das alunas, publicadas através de seus textos na revista *O Estudo*, demonstram que estas tiveram uma significativa apropriação do impresso como objeto sociocultural, estruturando-o como uma prática escolar que ensina e divulga o fazer escolar.

Das práticas de escrita das alunas passamos às práticas de escrita de uma boemia literária que igualmente publicou na revista *O Estudo*. Este é o assunto a ser tratado no próximo tópico.

#### **A DIVERSIDADE DOS COLABORADORES – A BOEMIA LITERÁRIA DE PORTO ALEGRE**

Os colaboradores correspondem àqueles autores reconhecidos pela sua produção intelectual, tanto no âmbito regional como nacional, e que tiveram seus textos publicados especialmente na revista *O Estudo*, assim como, aqueles textos apresentados como transcrições ou traduções. Também correspondem aos professores da escola e àqueles interessados em “animar as incipientes vocações literárias”.

A imprensa jornalística, que nesse período representava um espaço fundamental como meio de comunicação, representava o que havia de mais moderno na atividade intelectual urbana, sendo assim, era considerado de muito prestígio intelectual ter publicações em revistas e jornais. A atividade foi exercida por bacharéis-literatos, pela boemia literária e artística formadas por jornalistas, literatos, artistas, músicos, médicos, historiadores, políticos,

advogados, funcionários públicos, entre outros. Práticas de escrita de grupos frequentadores de cafés, bares, livrarias, isto é, de espaços de sociabilidades nos centros urbanos, onde “todo cidadão de destaque social devia frequentar, ao menos esporadicamente, esses locais, tanto para ver os seus pares, como, sobretudo, para ser visto” (MONTEIRO, 2006b, p. 16).

O Café Colombo foi um espaço de sociabilidade que reunia a elite literária porto-alegrense. Para citar os que publicaram na revista *O Estudo*, intelectuais como Athos Damasceno Ferreira<sup>69</sup>, Dionélio Machado e Paulo de Gouvêa eram frequentadores assíduos desse Café. Conforme Paulo de Gouvêa (1976), citado por Monteiro (2006b), “a boemia literária, porém, era privilégio de um grupo seleto de escritores, que declamava autores franceses e brasileiros em meio à fumaça dos cigarros e o aroma do café e do chope”. Além das práticas de leitura presentes em suas declamações, esses intelectuais também praticavam a escrita, seja de maneira profissional – no caso dos jornalistas, seja o uso do escrito por prazer, ou distinção social com intuito de despertar o “culto pelo Belo”. Esses escritores e articulistas dos impressos da época deparam-se com o aumento da demanda de produção de impressos, voltados a suprir os novos leitores e proporcionar novos espaços e utilizações da escrita nas primeiras décadas do século XX<sup>70</sup>.

Conforme o quadro 7 – colaboradores da revista (1922 – 1931), que segue abaixo, o número de nomes listados é significativo. Entre eles, encontram-se os colaboradores externos à escola: intelectuais, escritores, médicos, padres, etc., além dos colaboradores professores.

---

<sup>69</sup> O autor Athos Damasceno Ferreira, em *Imprensa Literária de Porto Alegre no século XIX*, faz um levantamento de 70 impressos, entre jornais e revistas literárias, publicados na segunda metade do século XIX. Que conforme o autor, “uma imprensa literária, inspirada e atuante, anima com a sua presença [...] a vida intelectual da Província. Veículo de difusão cultural acessível por toda excelência a toda classe de leitores, esse prelo jornalístico [...] ganha corpo entre nós, sobretudo na Capital, visando à valorização do povo com o estímulo a seu gosto pelas letras, numa época em que a natural carência de meios de toda ordem não podia ser propícia à indústria, comércio e propagação do livro” (FERREIRA, 1975, p. 13).

<sup>70</sup> De acordo com Torresini (2010), no final do século XIX, com o PRR no poder e sua política educacional, “os centros urbanos tornaram-se cada vez mais lugares da leitura, da valorização da imprensa e edição de livros, dos gabinetes de leitura e das bibliotecas” (p. 236). Prosperava o comércio de impressos e de livros, devido ao aumento do número de leitores e das novas formas de comunicação social.

Quadro 7 – Colaboradores da revista (1922-1931)<sup>71</sup>

Autor	Título	Estilo textual	Localização
<b>Henrique de Casaes</b>	Perquirindo minh'alma	Texto literário	n. 2, 1922
	Trovas	Texto literário	n. 2, 1922
	À medida que os anos vão rolando	Texto literário	n. 3, 1922, p. 10.
	Trovas	Texto literário	n. 3, 1922, p. 13.
	Epigramma	Texto literário	n. 3, 1922, p. 20
	Trovas	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 3
	Minha philosophia	Texto literário	n. 6, 1922, p. 7.
	Minha philosophia	Texto literário	n. 1, 1923, p. 21.
	Deitem-me á sombra do arvoredo	Texto literário	n. 1, 1925, p. 8.
	Desejo inutil	Texto literário	n.2, 1925, p. 22.
	A formiga	Texto literário	n. 5/6, 1925,p. 30.
Este amor...	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 110.	
<b>José Henriques Figueira</b>	Meu credo	Texto literário	n. 2, 1922
<b>Ribas Carneiro</b>	A história iluminada	Didático (História)	n. 2, 1922
<b>Olga Acauan</b>	A escola pátria na escola primária	Didático (História)	n. 3, 1922, p. 4.
<b>Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza</b>	Memorial ao Dr. Oswaldo Aranha	Informativo e descrição da cartilha <i>Queres Ler?</i>	n. 4/5, 1928, p. 71.
<b>Honorina Bitencourt</b>	Celia	Texto literário	n. 3, 1922, p. 7.
	Nova Babel	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 28.
	Paisagem estival	Texto literário	n. 6, 1922, p. 20.
<b>J. B. Hafkmeyer S. J.</b>	Independencia do Brasil	Didático (História)	n. 3, 1922, p. 13.
	Independencia do Brasil (continuação)	Didático (História)	n. 4/5, 1922, p. 16.
	História do Rio Grande do Sul	Didático (História)	n. 1, 1923, p. 19.
<b>Nuno Alvares</b>	Questões vernaculas	Didático (grego e latim)	n. 3, 1922, p. 18.
<b>Plinio Salgado</b>	O bello poema de lexicom	Texto literário	n. 3, 1922, p. 24.
<b>Emilio Meyer</b>	Mathematica	Didático (matemática)	n.3, 1922, p. 27.
	Mathematica	Didático (matemática)	n. 4/5, 1922, p. 45.
<b>A. G. Lima</b>	Independencia	Didático (História)	n. 4/5, 1922, p. 3.
	14 de julho	Didático (História)	n. 1, 1925, p.13.
<b>Alberto de Oliveira</b>	Soneto	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 7.
<b>Gonçalves Dias</b>	Amanhã	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 12.
<b>Augusto Meira</b>	A bandeira	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 14.
	Tiradentes	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 28.
<b>Alceu Wamosi</b>	Revelação (trasncripto da illustração)	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 14.
<b>Augusto de Mendonça</b>	Mãe e Filho	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 20.
<b>Julio Poether S. J.</b>	A agua da terra	Didático (geografia)	n. 4/5, 1922, p. 21.
<b>F. R. Simch</b>	Reacções chimicas	Didático (química)	n. 4/5, 1922, p. 37.
<b>Valentim Magalhães</b>	Os dois edificios	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 38.
<b>Olavo Bilac</b>	Oração de Olavo Bilac dirigida aos professores,	Texto literário	n. 4/5, 1922, p. 40.

<sup>71</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado. Foi mantida a ortografia original.

	na Escola Normal de São Paulo		
	Surdina	Texto literário	n. 1, 1923, p. 23.
	Lingua Portuguesa	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 171.
<b>Raul Machado</b>	Scismas	Texto literário	n. 6, 1922, p. 4.
<b>João Ramalho</b>	Anarchia Mental	Texto literário	n. 6, 1922, p. 10
<b>André Puente</b>	O futuro da patria	Texto literário	n. 6, 1922, p. 14.
<b>A. Feijó</b>	Pallida e loira	Texto literário	n. 6, 1922, p. 15.
<b>Marcello Gama</b>	Bonita e fria	Texto literário	n. 6, 1922, p. 15
<b>Machado de Assis</b>	Manhã de inverno	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 6.
	Um incendio	Texto literário	n. 1, 1929, p. 20.
<b>Cesar de Castro</b>	Anotação	Texto literário	N. 6/7, 1922, p. 9.
<b>Teophilo Dias</b>	Lagrimas divinas	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 10.
<b>João Ramalho</b>	Meia volta á direita e um passo á frente	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 10.
<b>L. M.</b>	Hay un secreto oculto... (em espanhol)	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 14.
	Impressões de viagem	Texto literário	n. 1, 1923, p. 16.
<b>L. Delphino dos Santos</b>	Jesus no collo de Magdalena	Texto literário	n. 6/7, 1922, p. 24.
<b>Paulo Bidan</b>	Mariawska	Texto literário	n. 1, 1923, p. 1.
<b>Padre Mello</b>	Epicedio	Texto literário	n. 1, 1923, p. 7.
<b>Paulo Arinos</b>	As três grandes poetisas	Texto literário	n. 1, 1923, p. 10.
<b>Heitor Lima</b>	Crepusculo	Texto literário	n. 1, 1923, p. 15.
<b>Isolino Leal</b>	Anceio	Texto literário	n. 1, 1923, p. 17.
<b>M. P.</b>	Verbo haver	Didático (português)	n. 1, 1925, p. 4.
<b>Jessy Bastos da Silva</b>	A velhice	Texto literário	n. 1, 1925, p. 9.
<b>João Pinto da Silveira</b>	Enterrada viva	Texto literário	n. 1, 1925, p. 10.
<b>Innocencio Galvão de Queiróz</b>	A gotta d'agua	Texto literário	n. 1, 1925, p. 12
	Manchül	Texto literário	n. 2, 1925, p. 2.
	Um verso	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 22.
	Sonnet d'avers (Tradução)	Texto literário	n. 1, 1926, p. 13.
<b>Ernani Phornari</b>	Balões de S. João	Texto literário	n. 1, 1925, p. 14.
<b>Athos Damasceno Ferreira</b>	Marcha Nupcial	Texto literário	n. 1, 1925, p. 14.
<b>Mario Totta</b>	Carta á vovó	Texto literário	n. 1, 1925, p. 18.
	As flores	Texto literário	n. 1, 1926, p. 23.
<b>Um professor</b>	Juros compostos	Didático (matemática)	n. 1, 1925, p. 21.
<b>Darcy Azambuja</b>	Visita triste	Texto literário	n. 2, 1925, p. 1.
<b>Anor Carlos</b>	Assumpção de Nossa Senhora	Texto literário	n. 2, 1925, p. 2.
	Ilusão	Texto literário	n. 4, 1925, p. 1.
	Página Mariana	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 3.
<b>Sergio de Gouvea</b>	Ironia	Texto literário	n.2, 1925, p. 10.
	Paizagem morta	Texto literário	n. 1, 1927, p. 3.
	A charanga	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 33.
	Adesso na mancha che l'epitaphio	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 33.
	Madrigal	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 131.
	Tarde	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 170.
	O destino	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 170.
Tortura	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 173.	
<b>Albano G. de Oliveria</b>	Prof. Ignacio Montanha	Texto informativo	n. 2, 1925, p. 14.
<b>João do Rio</b>	Patria (transcrição)	Texto literário	n. 2, 1925, p. 22.
<b>Guilherme de Almeida</b>	Soneto	Texto literário	n. 2, 1925, p. 24.
	Soneto	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 31.
<b>Padre Antonio Vieira</b>	Concordância - Sermões	Didático (português)	n. 5/6, 1925, p. 34

<b>Hercio Fontes</b>	No álbum de uma senhorita	Texto literário	n. 3, 1925, p. 1.
	No álbum da senhorita V. Velasques de Mello	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 1.
	O divórcio	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 1.
	O vagabundo	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 34.
	Página dum album da Sta. Maria Daisson	Texto literário	n. 1, 1927, p. 15.
	O amor é a amizade levada ao mais alto grau	Texto literário	n. 1, 1928, p. 5.
	Foi assim...	Texto literário	n. 2/3, 1928, . 49.
	s/ título	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 89.
	s/ título	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 133.
<b>Luiz Miranda</b>	Amores de estudante	Texto literário	n. 3, 1925, p. 6.
<b>Dr. Sarmiento Leite</b>	Minhas discípulas	Texto informativo	n. 3, 1925, p. 7.
<b>Remy Gorga</b>	Dedicação	Texto literário	n. 3, 1925, p. 9.
	Caprichos da morte	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 42.
<b>Henrique de Magalhães</b>	O grito do Ypiranga	Texto literário	n. 3, 1925, p. 17.
<b>G. A. F.</b>	A Transcontinental (tradução)	Didático (História)	n. 3, 1925, p. 22.
<b>Conselheiro Accacio</b>	O despertar do amor	Texto literário	n. 4, 1925, p. 4.
	Consciencia	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 40.
<b>Walmor Emilio</b>	Musa nova	Texto literário	n. 4, 1925, p. 7.
	Da vida	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 22.
	Vagabundo sublime	Texto literário	n. 2, 1926, p. 1.
	No alto de um pinCARO	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 12.
	Alvorada	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 43.
<b>Jéca</b>	O mais feliz talvez...	Texto literário	n. 4, 1925, p. 7.
<b>Théo Rocha</b>	A nossa época	Texto literário	n. 4, 1925, p. 8.
	Carta aberta	Texto informativo	n. 5/6, 1925, p. 13.
	Fragmento de uma carta	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 15.
	O despertar do amor	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 18.
	Á Martha Maria	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 20.
	Tarde de outomno	Texto literário	n. 1, 1927, p. 9.
	Trecho de carta	Texto informativo	n. 1, 1928, p. 17.
<b>Durval de Moraes</b>	As rosas de Theresinha	Texto literário	n. 4, 1925, p. 19.
<b>Othoniel Motta</b>	Um professor antigo (transcrição)	Texto literário	n. 4, 1925, p. 21.
<b>Barboza</b>	D. Pedro II	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 28.
<b>Edú Moraes</b>	Extasiante	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 31.
<b>Nathercia Velloso</b>	O coração, as inclinações, as paixões e as emoções (tradução de L. Bérard et Boirac)	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 39.
	Credo de mestra	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 122.
	Collação de grau das alumnas mestras da 2ª turma de 1928	Texto informativo	n. 1, 1929, p. 23.
<b>Ernesto J. Biffignandi</b>	Soneto	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 41.
<b>Hermes Fonte</b>	Soneto	Texto literário	n. 5/6, 1925, p. 47.
<b>Achyllles Porto Alegre</b>	A irma de caridade	Texto literário	n. 1, 1926, p. 18.
s/autor transcrição	Origem do dialecto brasileiro	Didático (português)	n. 1, 1926, p. 19.
	Origem do Dialecto brasileiro	Didático (português)	n. 2, 1926, p. 21.
<b>Pierre L’Ermitte</b>	Rosa Branca (tradução e transcrição de Brigita dos S. Santoro)	Texto literário	n. 2, 1926, p. 4.

<b>Olegario Mariano</b>	Dor de recordar	Texto literário	n. 2, 1926, p. 7.
<b>Zeferino Brasil</b>	Aspiração	Texto literário	n. 2, 1926, p. 24.
	Da alma gaúcha	Texto literário	n. 1, 1929, p. 8.
<b>F. Rodrigues</b>	Mãe	Texto literário	n. 2, 1924, p. 24.
<b>Walter Spalding</b>	Ego	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 6.
<b>Sylvio Mottola</b>	Paixões	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 9.
	Não te esquecerei	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 45.
	Consagração	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 77.
<b>Sylvio Deniz</b>	Minha adorável Dorinha	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 14.
<b>Marcos Yelowitch</b>	To be or no to be?	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 18.
<b>Theodomiro Tostes</b>	Canção	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 22.
<b>Honorina Galvão Rocha</b>	A independência do Brasil	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 28.
<b>Dionélio Machado</b>	A maquina	Texto literário	n. 3/4, 1926, p. 30.
<b>Ida Brandt</b>	Ilse Woebcke	Texto informativo	n. 1, 1927, p. 5.
<b>Domingos Magarinos</b>	Classe elementar – leitura e saudade	Texto literário	n. 1, 1927, p. 10.
<b>Emilio Kemp</b>	O mestre-escola	Texto literário	n. 1, 1928, p. 1.
	Bolachinha	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 1.
	O Baptisado	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 83.
	Tiradentes	Texto literário	n. 1, 1929, p. 29.
<b>Fernando da Luz</b>	Mãos	Texto literário	n. 1, 1928, p. 2.
	Amarga desillusão	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 30.
	Ter mãe	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 93.
	Alegria humilde	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 127.
<b>A. Teixeira Neto</b>	Os orphãos	Texto literário	n. 1, 1928, p. 8.
	Aquella valsa	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 41.
	Quadros da natura	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 79.
<b>Oliveira Mesquita</b>	Pela instrução e pela patria	Texto literário	n. 1, 1928, p. 12.
	O elogio do sorriso	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 121.
<b>Wenceslau Garcia</b>	...E a arvore falou	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 22.
	In her book	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 22.
<b>Heitor Bonapace</b>	Determinismo?	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 27.
<b>Manoelito d'Ornellas</b>	Manhã Pampeana	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 38.
<b>Abgar Renault</b>	Soneto antigo	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 41.
<b>Rosalina Coelho Lisboa</b>	Felicidade	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 45.
<b>Eduardo d'Oliveira Freitas</b>	Vespera!	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 48.
<b>S. Souza</b>	Soneto	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 48.
<b>Conceição Nunes de Miranda</b>	A virgem	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 55.
<b>C. Furtado Alves</b>	Uma carta	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 52.
	Sonhei	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 60.
	A instrucción	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 80.
	A perseverança	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 104.
	A mestra	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 139.
	Vigilia	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 116.
<b>João C. de Freitas</b>	A grammatica e a língua	Didático (português)	n. 2/3, 1928, p. 22.
<b>Padre Antonio Thomaz</b>	Chromo	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 62.
<b>Claudio Quiberon</b>	Loury	Texto literário	n. 2/3, 1928, p. 63.
<b>Walmor Franke</b>	Retorno	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 70.
	Nocturno	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 134.
	Humildade...	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 136.
	Sorriso	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 172.
<b>Walter V. de Azambuja</b>	Olhar	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 85.
<b>Ildelfonso Falcão</b>	Subindo o Amazonas	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 89.
<b>Abel Bragança</b>	Pilulas Philosophicas I	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 90.

	Pilulas Philosophicas II	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 129.
	Pilulas Philosophicas III	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 152.
<b>João C. Marques</b>	Deus	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 94.
<b>Amado Nervo</b>	A mulher	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 95.
<b>Juan Diaz</b>	Dor e resignação	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 99.
	O despontar do dia	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 132.
<b>João da Serra</b>	Villa Clô	Texto literário	n. 4/5, 1928, p. 112.
	Barão do Triumpho	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 130.
	Primavera	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 154.
<b>João C. de Freitas</b>	De uma página que envelheceu	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 123.
	A grammatica e a lingua	Texto informativo	n. 6/7, 1928, p. 124.
<b>Eduardo Guimaraens</b>	Guitarra	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 128.
<b>E. Leivas</b>	O riso	Texto literário	n. 6/7, 1928, p. 129.
<b>Capitão Moreira Brasileiro</b>	Secção Civica – Amôr a Patria	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 143.
<b>Conde de Affonso Celso</b>	O patriotismo na Antiguidade (fragmento)	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 145.
<b>Jader de Crvalho (1º tenente de infantaria)</b>	Batalha do Riachuelo	Texto literário	n. 8/9, 1928, p. 146.
<b>Alcides Maya</b>	Agua parada	Texto literário	n. 1, 1929, p. 3.
<b>Laudelino Freitas</b>	Algumas regras para escrever bem	Didático (português)	n. 1, 1929, p. 6.
<b>Coelho Neto</b>	Natal dos tristes	Texto literário	n. 1, 1929, p. 10.
<b>Claudio</b>	Carta da Vera	Texto literário	n. 1, 1929, p. 15.
<b>Paulo de Gouvêa</b>	Alegria	Texto literário	n. 1, 1929, p. 17.
<b>Zilda Machado Rosa</b>	Do caderno de preparo de lições da professora normalista Zilda Machado Rosa	Educação	n. 1, 1931, p. 14

Nesse levantamento, foram listados 205 títulos com autoria indicada nos 31 números analisados<sup>72</sup>. Deste total, quinze títulos foram classificados como *Didático*, ou seja, textos que trabalham tema/assunto de alguma disciplina escolar – história, geografia, química, matemática e línguas. Os seis títulos classificados como *Texto informativo* correspondem a homenagens, notícias, discursos e correspondências. Com os 122 títulos classificados como *Texto literário* que compreende crônicas, poemas, ensaios, etc. Correspondendo, assim, à fórmula “Revista mensal ilustrada, litteraria, scientifica, didactica, mantida pelo Gremio dos Estudantes da Escola Complementar/Normal”. Indiscutivelmente, o gênero literário é, novamente, o de maior destaque.

Nomes de escritores e intelectuais regionais, nacionais e internacionais também estão entre os colaboradores.

Os regionais destacam-se: J. B. Hafkmeyer (3 títulos), Mário Totta (2 títulos), Athos Damasceno Ferreira (1 título), Walter Spalding (1 título), Dionélio Machado (1 título), Paulo

<sup>72</sup> Não estão contados os autores e títulos que tratam de textos teórico-metodológicos.

de Gouvêa (1 título), Paulo Arinos (1 título – pseudônimo de Moysés Vellinho<sup>73</sup>), Alceu Wamosy (1 título). Os nacionais são: Olavo Bilac (3 títulos), Machado de Assis (2 títulos), Gonçalves Dias (1 título), Ribas Carneiro (1 título), Plínio Salgado (1 título). E os internacionais: José Henriques Figueira (1 título), Pierre L’Ermitte (1 título) e Amado Nervo (1 título).

No caso dos colaboradores regionais, eles representam os proeminentes escritores e bacharéis de Porto Alegre, que coadunaram “funcionalismo/literatura, magistério/literatura, jornalismo/literatura, e encontraram no periodismo a representação possível para suas carreiras híbridas” (MARTINS, 2008, p. 437). Muitos deles possuíam vínculos com a Escola, e por isso colaboraram com o impresso estudantil *O Estudo*.

Os professores colaboradores da escola foram: Henrique de Casaes (12 títulos), Emilio Kemp (4 títulos), Emílio Meyer (2 títulos), Nathercia Velloso (2 títulos), Paulo Bidan (1 título), Sarmiento Leite (1 título), Olga Acauan (1 título), Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Sousa (1 título), Alcides Maya (1 título), Achylles Porto Alegre (1 título) e André Puente (1 título).

Assim, com carreiras híbridas entre magistério/funcionalismo/jornalismo e literatura, dentre os autores dos textos publicados na revista, constam destacados professores da Escola Complementar/Normal. É o exemplo de Achylles Porto Alegre<sup>74</sup>, no final do século XIX, que juntamente com seu irmão Apelles, fundaram escolas e difundiram a literatura. Assim também, os professores André Puente Leão<sup>75</sup>, Afonso Guerreiro Lima<sup>76</sup>, Henrique de Casaes<sup>77</sup>.

<sup>73</sup> Conforme informação retirada de Cida Golim (2006, p. 32).

<sup>74</sup> Professor homenageado na seção *Necrológico* (O ESTUDO, n. 1, 1926, p. 10).

<sup>75</sup> Professor homenageado na seção *Galeria Pedagógica*, onde é apresentada sua fotografia, com a seguinte legenda “Prof. André Leão Puente (falecido a 23 de Outubro de 1920)”. Logo abaixo, uma poesia de autoria do homenageado, cujo título é “O futuro da pátria”. (O ESTUDO, n.6, 1922, p. 14)

<sup>76</sup> Em uma nota intitulada *Paranympho*, A. Guerreiro Lima, lente de Geographia e Escripuração Mercantil, foi convidado para ser paraninfo das alunas do 4º ano. (O ESTUDO, n. 3, 1922, p. 10)

<sup>77</sup> Professor de Pedagogia e de Direito Pátrio que mais colaborou com a revista e que em 1924 escreveu o parecer da Comissão de Exame de Obras Pedagógicas do Rio Grande do Sul sobre o livro de leitura *Queres ler?* das professoras Olga Acauan (que em 1924, o substitui nas disciplinas) e Branca Diva Pereira de Souza. Convém aqui transcrever parte do parecer escrito pelo Professor, porque a 28ª edição a que tive acesso não possui tal parecer: “O valor do methodo adoptado ao presente livrinho, repetimos, não se deve aferir apenas por nossas palavras e pelos conceitos de notáveis pedagogistas, anteriormente referidos, mas pelos factos. O methodo está introduzido em quase todo mundo civilizado e os resultados colhidos demonstram á sociedade e seu valor. Devo acrescentar que tive o prazer de certificar-me do valor prático do “Queres Ler?”, assistindo a varias lições no collegio elementar “Souza Lobo”. É ao nosso ver, um trabalho preciosíssimo, porquanto as vantagens de um livro de leitura não se medem pelo tempo, como creem alguns, preconizando o processo João de Deus e outros similares, embora com o Queres Ler?, se fosse ensinar em 3 meses ou em menos tempo, como já o demonstrou a Escola de Marinheiros em Alagôas. Entretanto a questão de tempo é de somemos importancia. Ler, não significa traduzir a linguagem escripta em linguagem falada; é mais alguma cousa; é entender, compreender, assimilar, sentir o trecho lido. Esse objetivo não se obtem açodadamente e em tempo curto; só o pode alcançar um livro em

Dentre os professores colaboradores e seus textos, resalto o artigo escrito por Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza, “Memorial ao Dr. Oswaldo Aranha”. Nele, as autoras apresentam ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior o seu primeiro livro de leitura “Queres Ler?”. As autoras afirmam que esse primeiro livro se alicerça nos “princípios básicos da obra” de J. Henrique Figueira, pedagogo uruguaio, com quem tiveram contato em 1913, quando visitaram o Uruguai. Fruto de uma das missões pedagógica de professores estaduais pagos pelo Governo do Estado.

O texto está escrito num tom laudatório, apresenta as razões e as justificativas para tal publicação e financiamento da viagem ao Senhor Secretário de Estado. Porém, assim como os textos das alunas têm cunho literário e teórico-metodológico, em especial inspirado pelos ideais da Escola Nova, as professoras Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Sousa também apresentam “um methodo de leitura mais consentaneo com o estado actual da Pedagogia e mais concorde com o desenvolvimento da intelligencia infantil”. A atual pedagogia, segundo as autoras, trabalha com o “methodo analytico-synthetico de palavras e phrases normaes”, assim explicam:

Em sua evolução mental adquire a criança a noção das cousas, *de modo syncretico*, segundo a expressão de Claparède, isto é, a *percepção da physionomia geral* das cousas surge-lhe no espirito antes dos pormenores. Sendo a frase e a palavra *todos syncreticos* entendem os psychologistas modernos que a leitura deve tomal-as como ponto de partida, seguindo, assim o mesmo processo natural do espirito. [...] o methodo analytico de palavração, fazendo appello á iniciativa e á espontaneidade da criança, alliando a intelligencia aos sentidos, vivificando pela intuição os caracteres escriptos, permite ler inteligentemente desde as primeiras lições, e desperta por tal razão, o gosto pela leitura e o amor ao estudo, ao mesmo tempo que a exercita na pratica da escripta e da orthographia. [...] (Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Sousa, O ESTUDO, n. 4/5, 1928, p. 71-72)

O excerto acima apresenta a ideia base que fundamenta o livro de leitura, ou seja, ensino global da leitura e da escrita que privilegia a sentencição (TRINDADE, 2004, p. 328). As autoras, portanto, procuraram estar atentas aos pressupostos de uma nova pedagogia e intentaram fornecer materiais pedagógicos em colaboração à “remodelação do actual systema educativo” do estado gaúcho, fundamentando seus ideais em autores como Claparède, Decroly e Buisson. Porém, um questionamento deve ser feito: por que, afinal, o memorial

---

o qual a ordem, combinação e gradação das idéas e dos exercícios, seja racional e lógica, as dificuldades sejam attenuadas, tendo a criança um papel activo e inteligente. Dos diversos livros de leitura que conheço, nenhum sobreleva ou iguala o “Queres Ler?”. Adoptal-o espalhál-o em nossas escolas seria acto de benemerência. Encerramos as presentes linhas com um conceito do notável Buisson, que representa uma grande verdade e um sábio ensinamento: ‘Com o methodo analytico-synthetico de escripta-leitura, combinado com as lições de cousas e a língua, chegamos ao ultimo termo dos aperfeiçoamentos realizadas pela pedagogia moderna no ensino da leitura.’” (O ESTUDO, n. 4/5, 1928, 73-73)

enviado ao Secretário de Estado foi transcrito na revista? Foi uma maneira de fazer propaganda da obra?<sup>78</sup>

Na mesma linha das escritas que enaltecem a escola moderna, encontra-se a transcrição do discurso de formatura da Professora de Psicologia Natercia Velloso, dirigido às alunas-mestras que estavam concluindo o curso em 1928 (O ESTUDO, n. 1, 1929, p. 23).

O discurso de Natercia Velloso é o único que foi transcrito na íntegra. Nele a professora entende que falar em escola moderna é falar sobre educação ativa, é citar autores como Dewey, Kerchensteiner, Ferrière, Decroly. E em nome do Brasil, citar João Toledo, Carneiro Leão, Fernando de Azevedo. Para a professora Velloso, as futuras mestras deveriam empenhar-se para a remodelação da escola atual em torno do ideal da pedagogia moderna, isto é, “o desenvolvimento harmonico da criança, para que essa virente flor de carne desabroche em fruto sazonado e são, num futuro promissor de grandes possibilidades para a nossa pátria” (O ESTUDO, n. 1, 1929, p. 23).

Em seu texto, a professora incentiva as alunas a darem continuidade a seu desenvolvimento intelectual, estimulando-o através:

[...] não só o romance, a leitura subtil das revistas ilustradas, que nos proporcionam o prazer do espírito. A análise da sciencia, a perquirição dos problemas philosophicos, podeis crer, reservam-nos momentos de verdadeira euphoria mental. Amai o livro apaixonadamente. [...]  
Cultivae as vossas forças mentaes, guiadas pela leitura que eleva, que instrue, que nobilita. Lede Smils, Mulford, Marden, Payot, Maeterlinck, Wagner, Dubois, e tantos outros predicantes da cultivação das energias moraes, força decisiva para a victoria do grande embate da vida. (Natercia Velloso, O ESTUDO, n. 1, 1929, p. 23)

Incentivo à leitura, incentivo à dedicação como mestra que deverá seguir os preceitos da escola moderna, científica, onde o desenvolvimento da criança deve ser priorizado. No caso do discurso da professora Natercia Velloso, a ênfase à importância do momento reformador na educação, por meio da adoção dos preceitos da escola moderna está presente. É um discurso que aborda questões técnico-pedagógicas e que permite reconhecer aspectos do pensamento educacional difundido na Escola Complementar/Normal de Porto Alegre.

Os escritos, os textos, as práticas de escrita dos colaboradores e das alunas, que até aqui foram apresentados, detiveram-se no objetivo de tentar buscar a análise morfológica dos testemunhos escritos, proposta por Petrucci (1999).

Entendendo que o texto, como palavra escrita, foi utilizado pelas alunas da Escola Complementar/Normal, através da criação e do uso de uma revista que fez circular textos produzidos por alunas e por outros colaboradores. As alunas fizeram uso do escrito ao

<sup>78</sup> Sobre o livro de leitura “Queres Ler?” e o método intuitivo analítico sintético ver PERES, 1999.

montarem os números do impresso, ao escolherem, ao selecionarem, ou seja, ao utilizarem os textos.

A produção, o uso e a apropriação da fórmula revista ocorreram através da criação de uma “revista mensal, ilustrada, litteraria, scientifica, didactica”. Em seus primeiros anos caracterizou-se pela mimetização do impresso de variedade da época, muito embora os usos tenham sido diferenciados, assim como a apropriação pelas alunas, professores e colaboradores externos. O impresso foi se caracterizando como um *impresso estudantil*, cujas palavras escritas se voltavam para a prática docente. Assim, a produção de impressos estudantis tornou-se parte integrante das práticas escolares. E a revista *O Estudo* propiciou a circulação mais densa da palavra escrita.

## Capítulo 3

### *O Estudo dentre as prática de leitura das alunas*

---

Neste capítulo, a revista *O Estudo* será examinada a partir da análise de um aspecto da tríade proposta por Chartier para o estudo da leitura – suporte, texto e *leitura* –, qual seja, a prática de leitura ou o ato que apreende o texto.

A relação existente entre esses três vértices produz uma tensão entre eles, seja pelas diferentes formas pelas quais o texto é materializado, seja pelo seu manuseio, ou ainda pela maneira como o escrito é utilizado e como, através da leitura, é apreendido pelo leitor. Dessa tensão resulta aquilo que os historiadores da leitura e da escrita pretendem analisar, isto é, a produção de significados pelo leitor.

Chartier (1992) e Certeau (2009) propõem não separar a leitura e o texto lido. Foi nesse sentido que essa dissertação foi estruturada. Iniciei apresentando o suporte, o veículo que transmite os textos, tratados na sequência, como práticas de escrita estudantis. E, por fim, aqui proponho uma análise acerca dos usos do escrito, através das diferentes apropriações a que esteve sujeito, ou seja, as práticas de leitura.

Um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas, sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência? Paul Ricoeur lembrou muitas vezes o fato de que um mundo de textos que não é conquistado, apropriado por um mundo de leitores, não é senão um mundo de textos possíveis, inertes, sem existência verdadeira. (CHARTIER, 1998, p. 154)

Em que consiste o ato de ler? Como este ato pode produzir diversas leituras e diversos significados? Para Chartier (1992), inspirado por Certeau, “as aptidões e expectativas são tão diferenciadas de acordo com os usos extremamente variados que os leitores fazem de um mesmo texto”, assim como “ler não significa apenas submissão ao mecanismo textual. [...] ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares” (CHARTIER, 1992, p. 214).

Entretanto, como ensina Certeau, ao mesmo tempo que é invenção, “ler é peregrinar por um sistema imposto”. Ler é o “ato léxico” do “ato escriturístico” (CERTEAU, 2009, p. 240), mas mesmo sendo um ato decifrador de signos verbais, não é de todo dominado,

direcionado por ele. O leitor ao realizar o ato de ler modifica o objeto lido, produz “o seu sentido”, porque a ele cabe a capacidade de permitir “uma pluralidade indefinida de significações”, sem querer tomar o lugar do/de autor, mas “inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era intenção” dos autores (CERTEAU, 2009, p. 241).

A leitura é uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos. Das práticas resultam diferentes maneiras de ler, ou múltiplos usos, enfim múltiplas leituras. Os leitores “leem de forma diferente, pois não partilham as mesmas técnicas intelectuais, não mantêm a mesma relação com o escrito e não atribuem nem a mesma significação, nem o mesmo valor a um gesto aparentemente idêntico: ler um texto” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 7).

Segundo Viñao (2001), a leitura é uma atividade perceptiva que implica o uso da mente e do corpo como um todo. O ato de ler é uma relação entre o texto e o leitor que lhe dá vida e o recria, dele se apropriando. Dessa forma, a história da leitura é a história de uma prática cultural, uma história da relação entre os leitores e os textos.

Os múltiplos usos variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes, portanto, são historicamente construídos. Ler e escrever (ação) e leitura e escrita (objeto da ação) pertencem a uma rede de práticas culturais que podem estabelecer modelos de comportamento e condutas culturais.

Após essa breve contextualização acerca da história da leitura, convém, ainda, trazer algum esclarecimento sobre os indicadores das práticas de leitura. Indicadores que nortearam a escrita desse capítulo. Pode-se apresentar três indicadores, são eles:

1) *O relato do leitor sobre suas leituras*. O primeiro indicador, na intenção de saber como foi lido um texto e quais significados produziu um leitor, para Chartier (2009) pode ser perscrutado através daquilo que o leitor diz sobre suas leituras, como no caso de Menocchio, em “O queijo e os vermes”, de Carlo Ginzburg (1987).

Nas palavras de Ginzburg:

“Vimos, portanto, como Menocchio lia seus livros: destacava, chegando a deformar, palavras e frases; justapunha passagens diversas, fazendo explodir analogias fulminantes. Toda vez que confrontamos os textos com suas reações a eles, fomos levados a postular que Menocchio possuía uma chave de leitura oculta [...]. Menocchio triturava e reelaborava suas leituras, indo muito além de qualquer modelo preestabelecido. Suas afirmações mais desconcertantes nasciam do contato com textos inócuos. [...] o encontro da página escrita como a cultura oral é que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva” (1987, p. 103).

Possuir uma chave leitora própria, ir além de modelos preestabelecidos no texto, justapor passagens, explodir analogias, indicadores encontrados por Ginzburg que demonstram que “ler é entendido como uma ‘apropriação’ do texto, tanto por concretizar o

potencial semântico do mesmo quanto por criar uma mediação para o conhecimento do eu através da compreensão do texto” (CHARTIER, 1922, p. 115).

2) *Os Protocolos de Leitura*. Outro indicador consiste em “tentar interrogar os objetos lidos eles próprios, em todas as suas estruturas, jogando com os protocolos de leitura inscritos nos próprios textos e com as disposições de imprimir” (CHARTIER, 2009, p. 236). Trata-se, então, de identificar as estratégias<sup>79</sup> realizadas por autoridades, em especial pelos editores, que tentam “impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto” (CHARTIER, 1992, p. 215).

Os protocolos de leitura que compõem o *corpus* de atitudes do ato de ler podem ser caracterizados em dois tipos:

a) Primeiro protocolo: aquele que corresponde ao autor, e aos elementos que “dissemina pelo texto de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que se deveria dar a ele. [...] inscrevem no texto a imagem de um leitor ideal, cuja competência adequada decodificaria o sentido preciso com que o autor pretende escrevê-lo” (CHARTIER, 2009, p. 10). Portanto, a criação e disposição intencional desses elementos no texto direcionam a relação do leitor com o texto e impõem seu sentido. São como instruções que

repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão; empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo uma boa leitura. Existe aí um primeiro conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazer agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja (CHARTIER, 2009, p. 96-97).

b) Segundo protocolo: diz respeito à matéria tipográfica, ou melhor, ao editor e à edição impressa do texto. O editor também idealiza um leitor que necessariamente não se assemelha ao idealizado pelo autor<sup>80</sup>.

3) *Outros exemplos de indicadores das práticas de leitura*. No desenvolver da gestualidade do corpo-leitor, dos lugares de leitura, das formas que se lê o texto, destacam-se a leitura em voz alta para si, para o público; ler introspectivamente em particular ou em público; leitura religiosa ou laica; leitura intensiva ou extensiva. Elementos que são indispensáveis a qualquer abordagem que pretenda reconstruir a maneira como os textos

---

<sup>79</sup> Dentre as estratégias encontram-se as explícitas, que se fundamentam no discurso, como os prefácios, prólogos, comentário e notas; e as implícitas, que transformam o texto num “mecanismo que impõe uma compreensão legítima” (CHARTIER, 1992, p. 215).

<sup>80</sup> Conforme apresentado no capítulo 1, sobre a mediação editorial.

puderam ser apreendidos, compreendidos e manipulados, já que estabelecem convenções de leitura (CHARTIER, 1992, p. 227-228).

Mas ler é uma prática criativa, que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores de livros, por essa razão, volto à tensão de como um texto pode originar diversas leituras, e isso se refere à manipulação, compreensão e apreensão do texto pelo leitor. Momentos perceptíveis através de complexas trajetórias que vão da palavra falada ao texto escrito, da escrita que é lida aos gestos que são executados, do livro impresso à leitura em voz alta ou silenciosa. Estas apropriações da escrita e da leitura não são únicas, imutáveis, mas sim, constituem-se de “usos diferenciados e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos e das mesmas ideias” (CHARTIER, 1992, p. 233). A descrição dessas possibilidades interessa à história da cultura escrita e da leitura, e as tornam fascinantes e indispensáveis à pesquisa acerca da revista *O Estudo*.

## INDICADORES DAS PRÁTICAS DE LEITURA

### ❖ AS TRANSCRIÇÕES, TRADUÇÕES, ADAPTAÇÕES NA ÁREA DA PEDAGOGIA

Neste tópico, as práticas de leitura das alunas corresponderão às leituras por elas empreendidas no campo de sua formação pedagógica, em especial, presentes nos textos transcritos, traduzidos e veiculados na revista *O Estudo*. Estes, de certa forma, indiciam uma apreensão pelo leitor, pois, como tal, demonstram que as alunas utilizam os textos, não mais os originais, porém sob uma nova forma, apreendida, lida e reescrita.

O levantamento a respeito dos textos teórico-metodológicos publicados na revista está apresentado no Quadro 8 (a seguir). Ele demonstra que os 28 títulos de artigos classificados como teórico-metodológicos correspondem, em sua maioria, a transcrições e traduções. Nota-se que a publicação de artigos abordam assuntos ligados às questões pedagógicas, aos métodos e práticas de ensino em voga na época. Afinal, *O Estudo* caracteriza-se como um impresso produzido por alunas normalistas e com o propósito explícito de levar aos professores “notícias dos modernos aperfeiçoamentos introduzidos nos métodos de ensino” (O ESTUDO, n. 1, 1923. p. 2.).

Quadro 8 – Textos teórico-metodológicos publicados na revista *O Estudo* no período de 1922-1931<sup>81</sup>

Autores	Títulos	Localização	Referências: autores, livros, revistas citados no texto
<b>Janet Erskyne Stuart</b> (tradução de Monsenhor Mariano)	A Educação da Donzella: - O Caracter (1) - Elementos de Philosophia (2) - Estudo de Philosophia (3) - As realidades da vida (4)	(1) n. 3, 1922, p. 1 n.4/5, 1922, p. 1 (2) n.6, 1922, p. 1 (3) n. 6/7, 1922, p. 1 (4) n.1, 1923, p.1	
Sem autoria	Percepção externa – Sensação – Diferença entre sensação e sentimento – Percepções naturais e adquiridas – Erros dos sentidos – Cultura da percepção externa (tradução, compilação, adaptação)	n. 2, 1922, p. 17	G. Sortais Rousseau Compayré
<b>Dr. Plinio Olinto</b> Médico (transcrição)	Fadiga intelectual nos escolares	n. 2, 1922, p. 19	Claparède Spencer Griesbach Vannod Matzukowski Swift Binet Galton Clavière Brunot Revista Educação e Pediatria
<b>Versão de Dupanloup</b>	Cartas a um professor de Pedagogia	n. 3, 1922, p. 10 n. 4/5, 1922, p. 24	
Sem autoria	Sentidos – Higiene dos órgãos dos sentidos – Sentidos da visão – Importância da visão – Cultura da visão (tradução, compilação, adaptação)	n. 3, 1922, p. 20	G. Sortais Compayré F. Aleugry
<b>M. Krause, S. J.</b>	A theoria dos valores pedagógicos	n. 4/5, 1922, p. 8	E. Dürr (professor da Universidade de Berna -1908) Münsterberg Meinong J. Fischer Scheler Dr. Schmidkunz Kreibig Grünwald Windelband (1882) Rickert (1892) Ehrenfels (1893) J. Fröbes W. Wundt

<sup>81</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado de 1922 a 1931.

			J. Göttler (Sistema de pedagogia – 1920)
	Concepções modernas na mathematica	n. 5/6, 1925, p. 24	
Sem autoria	Sentidos – Hygiene dos órgãos dos sentidos – Sentido da audição – Importância da audição – Cultura da audição	n. 4/5, 1922, p. 41	E. Campagne
Sem autoria	As lições de coisas – Serviços que ellas podem prestar. Abusos a evitar. (tradução do francês)	n. 6, 1922, p. 19	M Buisson (L'Enseignement intuitif), a Mlle. Chalamet (Escola Maternal), M. Campayré e Bain
<b>Padre Felix Thomas</b>	Deveis contar ás creanças contos de fadas? (tradução do francês)	n. 4/5, 1922, p. 7	Rousseau Voltaire George Sand
	La Dissertation Pedagogique – Principaes caracteres da memoria nas creanças	n. 6, 1922, p. 23	
<b>Dr. Renato Kehl</b>	Hygiene do sono	n. 6/7, 1922, p. 7	
Sem autoria	A economia doméstica (transcrição)	n. 1, 1923, p. 5	
Sem autoria	Pedagogia da educação physica (versão do espanhol)	n. 1, 1923, p. 12	
<b>Faria de Vasconcelos</b>	Problemas escolares – As características da educação contemporânea (transcrição)	n. 1, 1925, p. 15	Cecil Redie Lietz A. Binet Meumann Stanley Hall Decroly Montessori John Dewey Kerschensteiner Claparède Ferrière
<b>Alexandre Bain</b> (tradução de M. P.)	Sciencia da Educação	n. 2, 1925, p. 6 n. 3, 1925, p. 10	James Mill Stein Herbart Spencer
<b>Leoncio Correia</b> (transcrição)	Educação e Ensino	n. 2, 1925, p. 15	
<b>G. F.</b>	A mathematica entre as ciencias	n. 2, 1925, p. 23	
<b>Anor Carlos</b>	Educação	n. 3, 1925, p. 3	
<b>C. N. M.</b>	A instrução religiosa facultativa nas escolas publicas	n.3, 1925, p. 12	S. João Chrysostomo Plutarco Vacherot Portalis J. Simon Guizot V. Cousin Diderot Spencer
<b>Afranio Peixoto</b>	Supposta inferioridade das mulheres (transcrição de “Ensinar a ensinar”)	n.3, 1925, p. 20	
<b>Santuzza Lemos</b>	A instrução na éra patrística	n.4, 1925, p. 12	Henrique Baumgartner (História da Pedagogia na Encyclopedia Pedagogica – em alemão – por Roloff, 5

			volumes) Carta a S. Jeronymo a Laeta, na História da Pedagogia de P. Ramón Ruiz Amado e O Modernismo Pedagógico do mesmo autor.
<b>Daniel Monet</b> (Mestre de conferências na Sorbone) (tradução de M. P.)	Coeducação dos sexos	n. 3/4, 1926, p. 24	
<b>Vieira Pires</b>	Aspecto interessante da educação	n.1, 1927, p. 1	
<b>Clemente Quaglio</b> Transcrição	A educação ambidextra ou ambidextrismo	n. 4/5, 1928, p. 107	
	A ambidextria sob o ponto de vista pedagógico	n. 6/7, 1928, p. 119	
	A ambidextria em alguns países estrangeiros	n. 8/9, 1928, p. 147	
<b>Dr. Ulisses de Nonohay</b>	Decálogo de hygiene	n. 1, 1929, p. 1	
Adaptação de <b>A. G. L.</b>	O ensino da natureza	n. 1, 1929, p. 5	
<b>Orison Sweet Marden</b>	A influencia do optimismo e da alegria na saúde física e moral. A saúde por meio do riso	n. 1, 1929, p. 11	
<b>G. Nunes de Andrade</b>	O método Decroly	n. 1, 1931, p. 34	

Os autores e títulos listados no quadro acima demonstram as práticas de produção, circulação e apropriação de modelos pedagógicos que estiveram presentes no ideário pedagógico da época e que integram a revista *O Estudo*. Também, é possível perceber através desse levantamento que a revista propagou e fez circular, nas primeiras décadas do século XX, as discussões teóricas a respeito da Pedagogia, dos métodos didáticos e das práticas de ensino presentes no país desde o final do século XIX.

Dentre estes artigos, foram identificados 11 textos traduzidos, tanto do inglês quanto do francês. O artigo que trata da “Educação da donzella”<sup>82</sup> é um texto que está presente nos seis primeiros números da revista, subdividido e constando em todos esses números como título de primeira página.

Há um destaque para as *Lições de Coisas, o Método Intuitivo* que consta em diversos números publicados. Foram veiculados quatro artigos que tratam do *método intuitivo – lições de coisas*, sem autoria, a partir da edição número 2/1922 até o número 6/1922.

<sup>82</sup> A autora Janet Erkyne Stuart foi Madre-superiora da Sociedade do Sagrado Coração de Jesus, na Inglaterra. E escreveu “A educação de meninas católicas”.

Os quatro artigos possuem um extenso título, seguido dos termos: tradução, adaptação e compilação. São eles:

- *Percepção externa – Sensação – Diferença entre sensação e sentimento – Percepções naturais e adquiridas – Erros dos sentidos – Cultura da percepção externa;*

- *Sentidos – Higiene dos órgãos dos sentidos – Sentidos da visão – Importância da visão – Cultura da visão;*

- *Sentidos – Higiene dos órgãos dos sentidos – Sentido da audição – Importância da audição – Cultura da audição;*

- *As lições de coisas – Serviços que elas podem prestar. Abusos a evitar.*

Os quatro textos elencados possibilitam observar, em alguma medida, os processos de produção, circulação e apropriação dos ideais de educação vigentes nas primeiras décadas do século XX.

Educar os sentidos, ensinar a observar, apoderar-se dos sentidos das coisas, estes eram os objetivos das *lições de coisas*. Esses objetivos foram alvo de uma polêmica que envolvia dois aspectos das *lições de coisas*, uma delas correspondendo à crítica deste método apenas por descrever os objetos; e a segunda, relativa a duas formas de utilização das *lições de coisas*: como disciplina (lição distinta) ou como programa de ensino. O debate chegou ao Brasil e foi instaurado entre Leôncio de Carvalho (1879) e Rui Barbosa (1882).

Leôncio de Carvalho prescreveu as “Noções de Coisas” como disciplina de ensino nas escolas primárias, e como “Prática do ensino intuitivo ou lição de coisas” nas escolas normais, através do decreto n. 7247 de 19 de abril de 1879. Apesar de não ter sido colocado em prática, Rui Barbosa<sup>83</sup> criticou este uso disciplinar em seus Pareceres sobre a reforma do ensino primário (1882), pois para ele

A lição de coisas não é um assunto especial no plano de estudos: é um método de estudo; não se circunscreve a uma seção do programa: abrange o programa inteiro; não ocupa, na classe, um lugar separado, como a leitura, a geografia, o cálculo, ou as ciências naturais: é o processo geral, a que devem subordinar todas as disciplinas professadas na instrução elementar. (BARBOSA (1947) *apud* SCHELBAUER, 2005, p. 137)

Portanto, Rui Barbosa salientava que o método intuitivo não poderia ser restrito a uma disciplina, mas sim ao método de ensino-aprendizagem em seu conjunto.

No Rio Grande do Sul, o governo incidiu sobre a instrução pública através de decretos. Por exemplo, no Decreto n. 89, de 1897, pressupunha que as escolas complementares

---

<sup>83</sup> Rui Barbosa foi o tradutor do manual de Norman Allison Calkins – Primeiras Lições de Coisas, publicado nos EUA em 1861, e no Brasil em 1886. Esta obra foi considerada por Rui Barbosa o manual que melhor traduzia o método intuitivo como um instrumento principal de ensino. Para mais informações ler POSSAMAI, 2010 e RAZZINI, 2005.

deveriam compreender como disciplina as “lições de coisas e noções concretas de ciências físicas e história natural”. E, ao mesmo tempo, em colégios distritais (e também em escolas elementares) “será constantemente empregado o método intuitivo” (POSSAMAI, 2010, p. 5).

Na revista *O Estudo*, como os textos apresentam o *método intuitivo – lições de coisas*? Nos quatro textos listados o assunto principal é a educação dos sentidos – sensação, visão, audição, cujo objetivo principal era “educar os sentidos e observar com atenção”.

O primeiro texto, sobre a “percepção externa”, afirmava que “apesar de ser um conhecimento imediato da realidade, a percepção externa é um acto complexo em que varios elementos intervém: *movimentos* dos órgãos dos sentidos, sob a acção da vontade, de modo a podermos nitidamente distinguir a diferença das sensações” (s/autor, O ESTUDO, n. 2, 1922, p. 17).

O segundo texto<sup>84</sup>, após um longo discurso sobre a importância dos sentidos naturais da criança e de manter uma adequada higiene física e moral para mantê-los saudáveis, ele dedica a maior parte ao sentido da visão. E termina propondo seis regras para o desenvolvimento da “cultura da visão” na criança, sugerindo que as *lições de coisas* fossem um “poderoso auxiliar” na educação da vista, assim como, o desenho<sup>85</sup>, a geometria, os trabalhos manuais e os jogos infantis. O desenvolvimento do sentido da audição, como aparece no terceiro texto, sobre a importância do sentido da audição<sup>86</sup>, a língua e o canto são os principais fatores para melhor desenvolver a “cultura da audição”.

A série de textos que trata da educação dos sentidos é encerrada pela apresentação da definição de *lição de coisas*, ou seja, do “ensino pelos olhos” embasado em Buisson<sup>87</sup>. Os textos tratam do *método intuitivo – lições de coisas* em quatro edições mensais do ano de 1922, propondo o tema como um método educacional importante, necessário e moderno, em que “o ato de conhecer tem início nas operações de sentido sobre o mundo exterior, a partir das quais são produzidas sensações e percepções sobre os fatos e os objetos que constituem a matéria-prima das ideias” (VALDEMARIN, 2000, p. 75). Na revista *O Estudo*, a discussão sobre o *método intuitivo – lições de coisas* não adentrou profundamente nas questões polêmicas travadas pelos intelectuais brasileiros.

Convém aqui mencionar que no número 2, de 1922, dividindo a página com o texto “Percepção externa – Sensação – Diferença entre sensação e sentimento – Percepções

<sup>84</sup> O ESTUDO, n. 3, 1922. p. 20.

<sup>85</sup> Razzini (2005) ressalta que no método intuitivo, a imagem tornou-se tão importante quanto o texto na sala de aula, por isso os livros que foram publicados nessa época passaram a apresentar cada vez mais ilustrações e fotografias.

<sup>86</sup> O ESTUDO, n. 4/5, 1922. p. 41.

<sup>87</sup> O ESTUDO, n. 6, 1922. p. 19.

naturaes e adquiridas – Erros dos sentidos – Cultura da percepção externa”, está publicado o texto do Dr. Plinio Olinto, “Fadiga intelectual nos escolares”<sup>88</sup>.

Nesse artigo, Plinio Olinto enfatiza o importante conhecimento da psicologia infantil, principalmente, para aqueles que trabalham com crianças. Assim ele baseia-se em autores como A. Binet e Claparède, entre outros, para expor sobre a fadiga intelectual das crianças e para reforçar a sua ideia de que “Aprender a estudar a criança é actualmente uma das maiores preocupações do mundo civilizado. Aprender a ensinar a criança é o complemento dessa aspiração, a mais nobre talvez de quantas abarrotam nestes ultimos tempos, o cerebro do cientista moderno” (Plinio Olinto. O ESTUDO, n. 2, 1922, p. 22)<sup>89</sup>.

A partir desse texto, que remete à pedagogia moderna, baseada nos estudos psicológicos da criança, e que n’*O Estudo* dividi a página com outro texto acerca da Lição de Coisas, pode-se inferir a respeito do que as alunas estavam lendo e divulgando na revista *O Estudo*, durante o ano de 1922. Isto é, a circulação de textos teórico-metodológicos que vão desde a Lição de Coisas à Escola Nova.

De acordo com Carvalho (2001), no final do século XIX e início do XX, o campo pedagógico é concebido como “arte de ensinar”, através da observação e “práticas de ensinar”, isto é, saber fazer a partir de modelos e roteiros de lições (p. 148). Mas a partir dos anos que se seguiram à década de 1920, a Escola Ativa (Escola Nova) estruturou o campo pedagógico em outros termos, “a pedagogia deixa de fornecer cânones, para oferecer fundamentos, subsidiando a prática docente com um repertório de saberes autorizados” (CARVALHO, 2001, p. 154). Sendo assim, o campo pedagógico passou a ser estruturado em referenciais da biologia, da sociologia e da psicologia.<sup>90</sup>

Dando sequência aos textos com a temática baseada na Escola Nova, o número 1, de 1925 da revista *O Estudo*, apresenta o texto de Faria de Vasconcelos, que escreve “As características da educação contemporânea”. No texto há citações de autores como John Dewey, Decroly, Montessori, Claparède e Ferrière, para justificar que a pedagogia contemporânea tem um espírito “nitidamente científico”. Onde a escola “não somente deve preparar o educando para ser um homem, cultivando nele as qualidades e as aptidões para exercer mais tarde a sua profissão de homem [...], mas também um meio vivo onde o

<sup>88</sup> O título faz referência a A. Binet que, em 1898, publica a obra “A fadiga intelectual”.

<sup>89</sup> Ele apresenta uma pesquisa realizada em escolas públicas do Distrito Federal, e que foi publicada na revista *Educação e Pediatria*, porém o autor não apresenta mais dados sobre esse periódico.

<sup>90</sup> Nesse momento histórico são produzidas as coleções de livros com as novas bases educacionais, entre eles estão a organização da Bibliotheca de Educação por Lourenço Filho, publicada pela Companhia Melhoramentos, de 1927 a 1941; a coleção *Atualidades Pedagógicas* coordenada por Fernando de Azevedo, entre 1931 e 1946 e os diferentes periódicos educacionais (VALDEMARIN, 2007, p. 345).

educando possa viver igualmente a sua vida própria, sua vida de creança ou de adolescente” (Faria de Vaconcelos, O ESTUDO, n. 1, 1925, p. 15).

Nos números seguintes, destaca-se Leoncio Correia, cujo título “Educação e Ensino”, onde relata a importante reforma do ensino normal no estado de Minas Gerais (n. 2, 1925, O ESTUDO, p. 15). Também se destaca a tradução de Alexander Bain, *Sciencia da Educação*, (O ESTUDO, n. 2 e 3, 1925) obra escrita originalmente em inglês (1872), e traduzida para o francês (1879) por Gabriel Compayré (PLAISANGE, 2003, p. 17), que se baseia na psicologia da “arte de ensinar” e o papel dos sentidos para a aquisição dos conhecimentos. Foi considerado de tal importância, na primeira década do século XX, pois atribuíam as diferenças de aprendizado entre os alunos às diferenças de percepção. Portanto, outro texto que trata as Lições de Coisas e veiculado n’*O Estudo*.

Seguem-se os artigos de intelectuais brasileiros, como Afrânio Peixoto<sup>91</sup> e a “Supposta inferioridade das mulheres” (O ESTUDO, n. 1925, p. 20). Peixoto apresenta as razões científicas para comprovar que esta ideia – inferioridade feminina – está errada. E Clemente Quaglio (professor de psicologia da Escola Normal de São Paulo) consta com os seguintes textos transcritos de “A educação ambidestra ou ambidextrismo” (O ESTUDO, n. 4/5, 1928, p. 107), “A ambidextria sob o ponto de vista pedagógico” (O ESTUDO, n. 6/7, 1928, p. 119) e “A ambidextria em alguns países estrangeiros” (O ESTUDO, n. 8/9, 1928, p. 147).

Outro exemplo da circulação entre as alunas, como objetos de estudo e, portanto de leitura e escrita, acerca dos métodos de ensino e aprendizagem nas primeiras décadas do século XX, está no texto intitulado “O método Decroly”, de autoria de G. Nunes de Andrade (O ESTUDO, n.1, 1931, p. 34)<sup>92</sup>. E, como foi demonstrado no capítulo anterior, esteve presente em alguns planos de lições publicados pelas alunas.

Tal método tem por objetivo principal a proposição do desenvolvimento de projetos e “centros de interesses”<sup>93</sup> como didática e metodologia de ensino, voltados para o aluno e seu preparo para viver em sociedade. No texto publicado na revista *O Estudo*, sob o título “O método Decroly”, as ideias estão organizadas em subtítulos: *Origens do método, Princípios fundamentais do método, Processos e métodos de ensino e os programas, Conhecimento pela criança de suas necessidades, Conhecimento do meio e o Método ideo-visual de leitura*.

---

<sup>91</sup> Escreveu o manual intitulado *Ensinar a Ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*, publicado em 1923, pela editora Francisco Alves.

<sup>92</sup> Não encontrei nenhuma informação sobre G. Nunes de Andrade, sobre ser uma aluna, professor ou colaborador externo.

<sup>93</sup> São seis os centros de interesse: a criança e a família, a criança e a escola, a criança e o mundo animal, a criança e o mundo vegetal, a criança e o mundo geográfico, a criança e o universo.

Os subtítulos representam “protocolos de leitura”, e têm por objetivo direcionar o leitor a uma correta leitura, e a forma como estão estruturando o texto demonstra que o autor didaticamente apresentou as principais ideias de Decroly. Inicia expondo a *origem*, não somente com relação à localização geográfica, Bélgica, mas as influências de outros autores, tais como Herbart e Pestalozzi na vida acadêmica e profissional de Decroly.

Seguindo os *princípios fundamentais* de “Escola para a vida, pela vida”, são apresentados os fundamentos do método: a) “respeito pela liberdade da criança” e “pela autonomia dos alunos”; b) o “papel do mestre” deve ser limitado a “preparar, a organizar o meio em que o aluno deve desenvolver-se”; c) a escola deve ser ativa – “princípio ativista”; d) o ensino deve ser realizado “mais pela observação das cousas e dos fatos do que pelas palavras”.

Quanto aos *processos e métodos*, G. Nunes de Andrade (O ESTUDO, 1931) destaca a observação da necessidade do aluno, pois a partir dela o interesse é despertado. Com o conhecimento dos interesses dos alunos, é possível “associar a eles o que lhes quer ensinar”. Para melhor desenvolver qualquer assunto com as crianças, as *três etapas fundamentais* são a observação, a associação e a expressão.

Por fim, o *método de ensino da leitura – o ideo-visual*, segundo o autor, deveria ser o método analítico, que tem por “ponto de partida a frase”. Dessa forma, Andrade apresentou resumidamente as principais ideias do método Decroly aos leitores, sem deixar de ressaltar que “este método representa, pois, uma transição entre a pedagogia antiga e a moderna”.

Por que estes textos circularam na revista *O Estudo*? Como foi dito acima, nas palavras das próprias alunas e editoras da revista, o conjunto desses textos serviam para *propagar as notícias dos mais modernos métodos de ensino*. Porém, como ocorreria essa propagação? E o que pode ser apreendido dela?

Dos artigos aqui expostos é possível perceber que, com pouco mais de três décadas de vida, a República brasileira desejava criar e manter uma sociedade educada nos preceitos do modernismo científico. O progresso e o desenvolvimento da população obtidos através da moderna pedagogia, veiculada nos manuais pedagógicos e nos discursos de intelectuais brasileiros, foram apresentados na revista *O Estudo* tanto pelos artigos sobre o *método intuitivo – lições de coisas* quanto pelas ideias da Escola Ativa (Escola Nova).

Para instruir a população brasileira e atender a uma renovada pedagogia, era necessário incidir sobre o ensino primário com novos métodos, assim como, manter e

incentivar a profissionalização do magistério, a manutenção de escolas normais e a criação de museus escolares.<sup>94</sup>

Uma vez publicados os ideais de uma pedagogia moderna, através da difusão do *método intuitivo – lições de coisas* ou dos pressupostos da *Escola Ativa*, na revista *O Estudo* é possível observar um caso ímpar acerca dos processos de produção, circulação e apropriação desses ideais. Os textos disseminados pela revista sofreram alterações, seja pelo processo de tradução e adaptação para esse impresso, seja pelo processo editorial, pois não se apresentam na íntegra, mas sim como excertos, adaptações, compilações e traduções de obras maiores difundidas nos meios educacionais do país, assim como na Escola Complementar/Normal de Porto Alegre.

#### ❖ AS PEQUENAS CITAÇÕES – “PENSAMENTOS” E EPÍGRAFES

O uso de pequenas citações (frases, pensamentos) com ou sem autoria não foi frequente na revista *O Estudo*, porém demonstra mais um indicador de leitura e da seleção de leitura realizada pelas alunas.

Aparecem, geralmente, na parte inferior da página, após algum artigo. Podem aparecer uma ou mais citações na mesma página. No ano de 1925, nos seis números da revista, apareceu um total de 26 pequenas citações. No ano de 1926, em seus quatro números foram publicadas 25 pequenas citações. Nos anos anteriores a 1925 não consta nenhuma pequena citação, e após esses anos, somente reaparece em 1931, contendo sete breves citações sob o título “Pensamentos”.

Alguns exemplos:

É um erro lastimável imaginar que os exercícios corporaes prejudicam as operações do espirito, como se estas duas ações não devessem marchar de acordo e uma não devesse sempre dirigir a outra. – J.J. Rousseau (O ESTUDO, n. 3, 1925, p. 16)

O Distico: Sem Deus, nem Religião, nos frontispicios das escolas infantis, é uma blasphemia satânica e um estupro moral. – Guerra Junqueira (O ESTUDO, n. 3, 1925, p. 21)

Se, depois de terdes lido um livro, vós vos sentis bem, este livro é bom. – La Bruyere (O ESTUDO, n. 4, 1925, p. 18)

<sup>94</sup> Conforme Bastos “a modernidade educacional traduzia-se na criação de um museu pedagógico, exemplo de modernização em inúmeros países em que a ilustração brasileira espelhava-se” (2002, p. 251).

A civilidade ensina a dissimular para não ofender. – s/autor (O ESTUDO, n. 2, 1926, p. 23)

A virtude nos diviniza; o vício nos embrutece. – s/autor (O ESTUDO, n. 2, 1926, p. 23)

Dos indicadores escritos das práticas de leitura, as epígrafes também estiveram presentes. Foram encontradas apenas três. Em um texto transcrito e sem autoria que se intitula “A economia domestica”, consta a seguinte epígrafe: “Na família, como no Estado, a melhor fonte de riqueza é a economia” – Cícero (O ESTUDO, n. 1, 1923, p. 5).

Outra, em latim, “homines ab injuria natura, non poema, arcere arcere debet” que introduz o texto “Consciencia” de Conselheiro Accacio. (O ESTUDO, n. 5/6, 1925, p. 40). E outra, no artigo “Gôsto de recordar” de M.S. Diaz, em que está transcrito “Gôsto de recordar...viver...vivendo. Horas d’antanho, inesquecidas horas...” – Alvaro Moreyra. (O ESTUDO, n. 6/7, 1928, p. 130)

Mesmo sem ter grande presença na revista, as pequenas citações e epígrafes são práticas culturais presentes até hoje. Constituem uma espécie de apropriação de práticas de escrita e de leitura que há quase um século são utilizadas e indiciam o que e como foi lido, uma vez que leitor usa-o escrevendo.

#### ❖ RASTROS ESCRITOS: AS MARGINÁLIAS

Este tópico aborda a presença física de indícios de leitura encontrados em marcas deixadas pelo leitor.

As marcas, os “rastros de leitura”, os “fragmentos da presença leitora” são identificados quando em um material impresso há a presença de intervenções colocadas a posteriori. Essas intervenções podem ser de carimbos, a escrita de nomes, as anotações à margem (*marginálias*), as dedicatórias e os objetos pessoais (objetos relíquia – santinhos, flores secas, bilhetes, etc.) que o leitor depositou entre as páginas lidas.

Conforme Cunha (2012), ao analisar a presença leitora em livros que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis, a autora afirma que os rastros de leitura permitem “inferir suas relações com os livros para além dos usos autorizados [...] Nas margens ou fora delas, no texto, em papéis e relíquias guardados dentro dos livros, o leitor

anuncia-se, e essas imagens fornecem indícios sobre a relação livro/leitor e a experiência de leitores comuns” (CUNHA, 2012, p. 22)<sup>95</sup>.

A procura por esses “rastros” impulsionou a volta ao arquivo da Escola. Lá busquei, entre vários exemplares da revista, marcas de leitura deixadas por leitores. Além dos 31 números publicados da revista *O Estudo*, também foram examinados os exemplares repetidos de um mesmo número (ver apêndice 1). Tal busca possibilitou encontrar dois números (em três exemplares) com marcas da presença leitora.

A primeira marca deixada pelo leitor foi encontrada na “Seção Charadística”<sup>96</sup> (O ESTUDO, n. 3, 1922, p. 25). O leitor daquela página deixou “rastros de leitura” quando resolveu os enigmas propostos pela seção. Esses rastros evidenciam uma relação entre a leitura e a escrita, entre o impresso e o manuscrito, pois o leitor acrescentou ao espaço em branco o seu escrito, completando com a resolução o enigma proposto pelo texto.

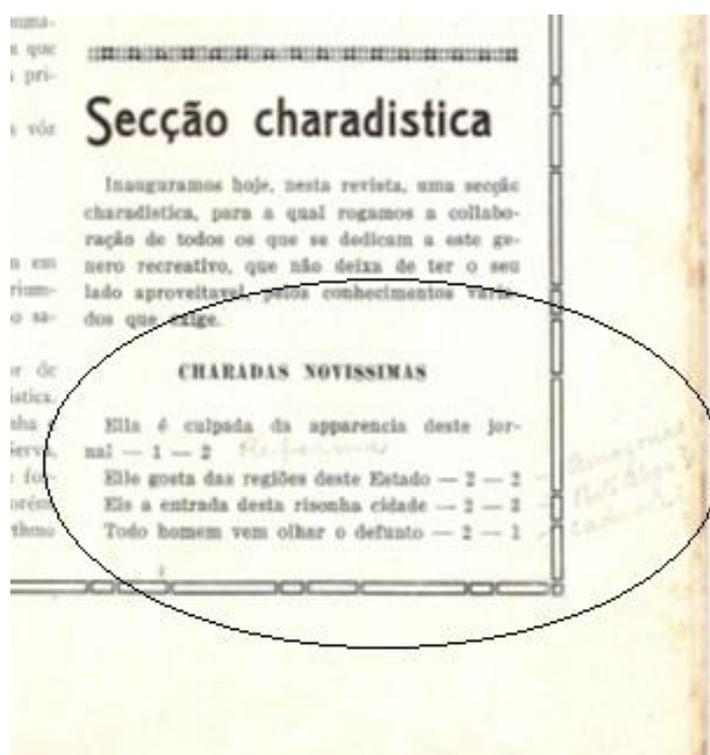


Figura 21 – Exemplo de rastros de leitura (1)

<sup>95</sup> “Pelo mapeamento realizado encontrou-se em 90 exemplares a presença efetiva de leitores, dada a ver através de diferentes marcas em suas páginas que evidenciaram os caminhos dos leitores pelos livros e estavam materializados por diferentes presenças: assinaturas manuscritas ou por carimbos dos proprietários e /ou dos locais de compra, anotações em suas margens (conhecidas como *marginálias*); dedicatórias e, ainda, pelos objetos esquecidos dentre suas páginas, tais como flores secas, fotografias, santinhos religiosos, bilhetes, considerados como *objetos-relíquia*” (CUNHA, 2012, p. 19).

<sup>96</sup> A “Seção Charadística” apareceu pela primeira vez na revista *O Estudo* no número 3 de 1922. Sua presença nas demais edições foi esporádica. Sua disposição e localização estavam, normalmente, nas páginas finais da revista.

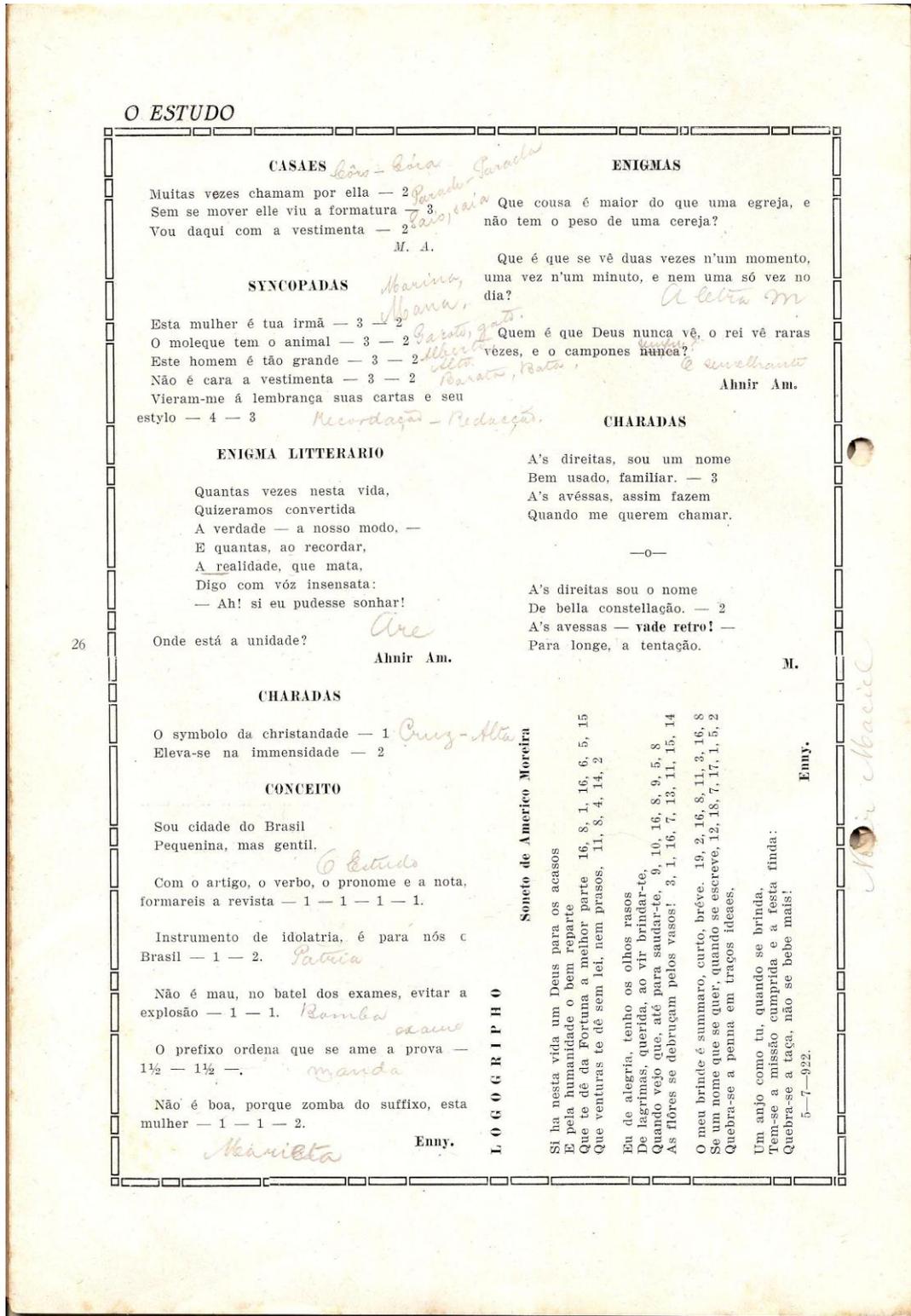


Figura 22 – Exemplo de rastros de leitura (2)

Além de ler a charada e escrever a resposta do enigma, demonstrando uma apropriação do texto lido, os rastros da atividade leitora também estão representados na dedicatória presente na primeira página (O ESTUDO, n.2, 1926).



Figura 23 - Exemplo de dedicatória

Assim como as anotações, a dedicatória<sup>97</sup> também anuncia “um nível de competência gráfica dos seus proprietários, quer pela assinatura desenhada, quer pela presença de letras rebuscadas que exigem domínio da mão sobre o papel e mesmo pela exatidão ortográfica e equilíbrio das formas escritas na página em branco” (CUNHA, 2012, p. 23).

Ao exemplo das dedicatórias registradas em cadernos de recordações, examinados por Cunha (2012), sugiro pensar na dedicatória registrada nesta folha de rosto de *O Estudo* como pista de uma sociabilidade leitora, indicativo de carinho, escrita simbólica entre membros de uma comunidade de leitores. As dedicatórias, nos livros estudados, pela autora, eram espaços de celebração. Celebrava-se, por escrito, a amizade; cultuava-se a lembrança, o prazer da partilha, a emoção da dádiva. Esses sentimentos pareciam mover a escrita das dedicatórias e permitem considerar essa prática como formas simbólicas de poder e marcas de uma cultura da homenagem, até certo ponto laudatória. As dedicatórias mostravam o afeto do doador em palavras cordiais, na caligrafia desenhada, na cuidadosa ocupação do espaço na página branca: uma ordem que parece dignificar o texto a ser lido e aponta para o aguçamento de sensibilidades (CUNHA, 2012, p. 23).

Assim, a dedicatória presente na revista parece indiciar, através das palavras manuscritas, com bela caligrafia e conteúdo cordial, uma relação de amizade e afeto

<sup>97</sup> Para Chartier (1998a), o escritor do século XVII, para sobreviver pode receber patrocínio. E o gesto inicial da relação escritor/patrocinador é a dedicatória, convertida em um verdadeiro rito. “Ela pode ser, tratando-se de um impresso, a oferta de uma cópia manuscrita com bela caligrafia e ricamente ornamentada. Pode ser também a dedicatória do exemplar de um livro impresso [...]. Na cena da dedicatória, a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro” (p. 39). Neste caso, o escritor dedica aquela obra ao seu autor primeiro, isto é, ao autor primordial, ao príncipe.





Interessante notar que foi nesse mesmo artigo, em dois exemplares diferentes, que encontrei marcas leitoras. Demonstrando assim que o assunto suscitou o interesse das alunas-leitoras.

Os rastros de leitura deixados pelo leitor estão representados através de uma correção textual. Em um exemplar, com menos intervenções, foram acrescentadas frases, assim como foram corrigidos os erros ortográficos (figura 24). Em outro exemplar do mesmo número (figura 25), o artigo apresenta *marginálias* que acrescentam informações ao texto e também corrigem o texto em sua ortografia, através do uso de números que remetem o leitor às notas de rodapé. Nesse caso, o leitor interviu no texto. Portanto, a *marginália*, ou a anotação manuscrita nas margens, pode ser compreendida “como um dos gestos e um dos momentos da técnica intelectual que governa as práticas de leitura e escrita” (CHARTIER, 2002, p. 94).

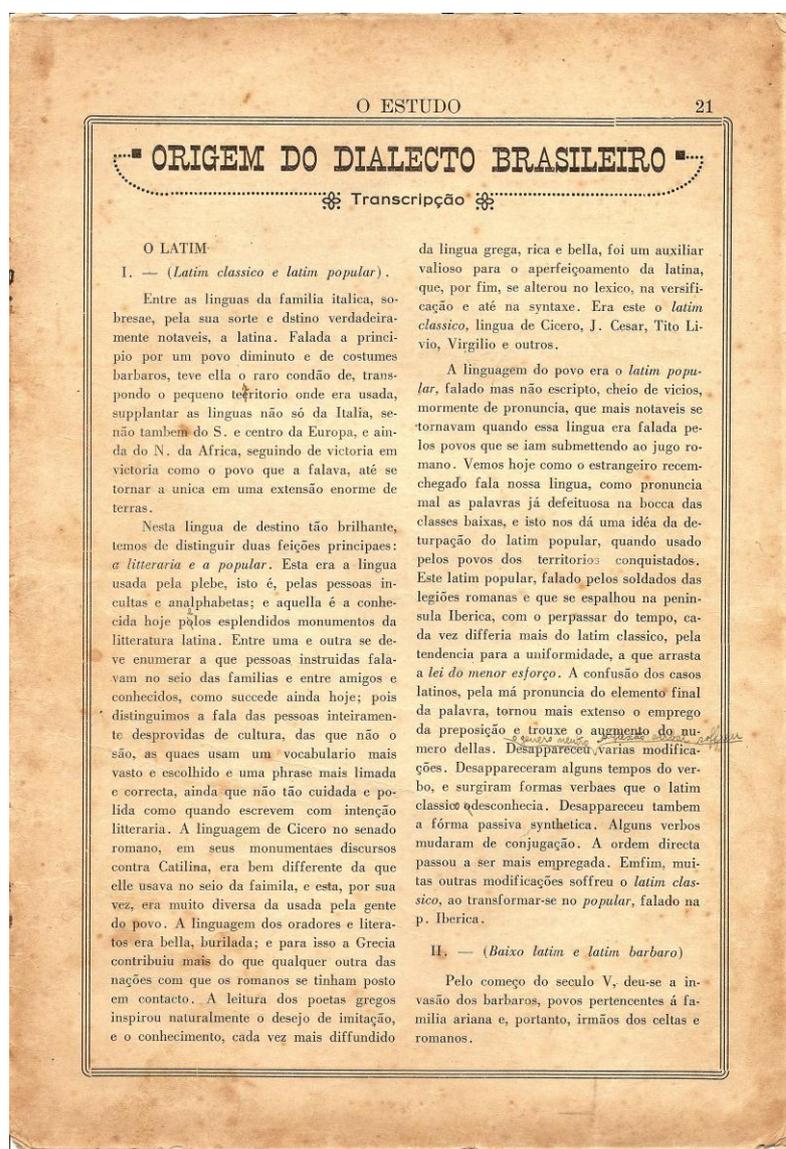


Figura 26 – Exemplo de marginália (1)



Nos exemplos apresentados, as *marginálias* permitem fazer uma leitura não autorizada e nem linear do texto. O leitor ao escrever, ao acrescentar anotações não ficou constrangido a intervir somente nas margens, porém interviu no centro, no coração do texto. Entre as linhas. Portanto, deixou nas páginas da revista *O Estudo* os vestígios de seus usos, suas maneiras de ler e de compreender o texto.

#### ❖ OS LIVROS ANUNCIADOS NA REVISTA, LEITURAS EM CIRCULAÇÃO E A FORMAÇÃO DA BIBLIOTECA DO GRÊMIO DE ESTUDANTES

Nesse tópico, o indicador de leitura pode estar na presença de anúncios de livros nas páginas da revista *O Estudo*, pois pode-se inferir que tais anúncios de livros indiciam práticas de compra de livros pelas leitoras.

Nos anúncios constavam o título da obra, autor, local em que se encontrava a venda e, às vezes, um pequeno comentário sobre a obra, mais a título de fazer uma boa propaganda. Não foram muitos os títulos apresentados, um total de nove, sendo um deles o anúncio da própria revista *O Estudo*, e seis títulos de um mesmo autor.

Quadro 9 – Títulos de livros anunciados na revista (1922-1931)<sup>98</sup>

No./ano	Título	Autor	Livraria/venda	Transcrição/Comentário
2/1922	Rumo ao casamento	J. Nysten	Livraria Selbach	“É um livro que vale ouro. Não nos cansaremos de o recomendar com encarecimento aos jovens de ambos os sexos. D’A UNIÃO do Rio de Janeiro.” Preço 3\$500
6/1922	O Estudo		Escola Complementar, Livraria do Globo, Livraria Echenique, Livraria Americana	Propaganda da própria revista.
1/1929	O bom senso da fé	R. P. Causette	A venda nas principais livrarias católicas da cidade	“Todo o bom catholico deve habilitar-se para defender sua fé e rebater as objecções da incredulidade. Para pessoas de certa cultura.” Preço 5\$000
1/1930	Flôr de pessegueiro Deserto de pedra A que não perdoou Valle negro	Hugo West	Livraria do Globo	“Ainda não leu V. S. as obras do grande romancista Hugo West? Pois a Livraria do Globo acaba de editar as

<sup>98</sup> Quadro elaborado pela autora com base nos dados constantes nos próprios exemplares da Revista no período analisado.

	Fonte selada A casa dos corvos			seis melhores. Cada volume brochado: 6\$000 – encadernado: 9\$000”.
--	-----------------------------------	--	--	---

Além dos anúncios de livros, outro elemento a considerar é a indicação que aparece ao final do artigo “A educação da donzella – Estudo de philosophia”, que assim apresenta:

Podemos indicar ás leitoras as seguintes obras:

“Cardeal Mercier”, Curso de Philosophia, 6 volumes, Livraria Machado e Ribeiro, Largo dos Loyos, n, 50, Porto. – “Sinibaldi”, Philosophia, 2 vol., Lisboa. – “Sentroul”, Tratado de lógica, 1 vol., Weissflog Irmãos, S. Paulo. – “Franca”, História da Philosophia, Rio de Janeiro, Livraria Drummond. (O ESTUDO, n. 6/7, 1922, p. 3)

Esses foram indicadores de leitura que apareceram através do anúncio de venda ou de sugestão de livros dirigidos aos leitores da revista *O Estudo*. Porém também é possível notar as leituras em circulação na revista através da permuta entre periódicos. Assim como exposto no primeiro capítulo, a permuta de revistas demonstra que havia a circulação delas, em diferentes espaços. Há, porém, outro indicativo, o da prática de leitura de outros periódicos.

Foram expostos alguns dos indicadores de leitura presentes na revista *O Estudo*, através da apresentação de textos transcritos e traduzidos, principalmente, sobre o campo teórico da Pedagogia. Além dos métodos de ensino apreciados ou transcritos a partir de autores e obras, destaco a publicação de textos transcritos de outros periódicos.

É o caso do artigo “Do nacionalismo no ensino como base da formação da pátria Nova”, que não registra a autoria, mas ao final do texto informa o leitor que o artigo foi retirado “Do Anuario do Ensino”. Sem mais informações diretas acerca do impresso, o texto transcrito inicia abordando as escolas paulistas, e depois generaliza seus comentários a todas as escolas brasileiras. Ressalta o quão importante é habituar o aluno a homenagear a memória dos grandes homens, de manusear os dados estatísticos da nossa importação, do nosso comércio interno, da nossa eficiência militar, enfim, em tudo “que possa exprimir a nossa capacidade de trabalho e a nossa grandeza, para que ele se convença de que é justo e louvável o nosso orgulho de raça autônoma e independente” (Do Anuario do Ensino, O ESTUDO, n. 6/7, 1922, p. 24).

Também foi transcrito “Sem verbos e sem dinheiro”, um texto literário. Trata-se de artigo retirado do jornal “A Provincia”, do estado de Pernambuco. Nele, o(a) autor(a) A. C. justifica a transcrição do texto, porque é um “artigo que tem a particularidade de não conter um único verbo” (O ESTUDO, n. 2, 1926, p. 14).

Outro texto transcrito, mas encontra-se sem título, é o da Revista “A Escola Primária” de São Paulo, no qual são apresentadas nove palavras e seus significados, a modo de um glossário. Ao final, apresenta em poucos parágrafos um texto sobre história da cana-de-açúcar e o engenho brasileiro (O ESTUDO, n. 1, 1927, p. 10).

O Correio Paulistano de 9 de maio de 1926 publicou o artigo “Oração as mães”, transcrito na revista *O Estudo*, o número 4/5 de 1928 (p. 106). Texto literário em homenagem ao dia das mães.

O artigo “Educação Physica e Civica” foi extraído do jornal A Federação. Notícia a demonstração esportiva realizada pela Escola Complementar, em comemoração à independência do Brasil. Muito elogiada não somente pelos “movimentos gymnasticos”, mas, sobretudo, pela “significação moral que a sua presença e os seus actos representam”: o desenvolvimento físico e a “saúde moral” (O ESTUDO, n. 8/9, 1928, p. 153).

Extraído d’O Normalista, o artigo “A firmeza de vontade” apresenta a firmeza como uma qualidade que determina a “vitória na vida” (O ESTUDO, n. 1, 1931, p. 28), e não há mais informações sobre o periódico em questão.

Além dos textos transcritos de periódicos, outro indício pode dar pistas do que as alunas liam. Assim elas escrevem:

Lemos numa revista carioca a seguinte estatística, que transcrevemos com as devidas reservas:  
Estatística em 1920 – numeros de pessoas que sabem ler e escrever – sobre 1000.

Rio de Janeiro – Districto Federal .....	519
Rio Grande do Sul .....	326
Amazonas.....	322
Pará.....	300
Mato Grosso.....	270
Espírito Santo.....	269
Santa Catarina.....	257
Minas Geraes.....	256
Maranhão.....	254
São Paulo e Sergipe.....	240
Paraná.....	230
Rio de Janeiro.....	220
Bahia.....	228
Ceará e Goyaz.....	200
Pernambuco.....	190
Piauhy.....	170
Paraíba.....	160

A frase “Lemos numa revista carioca” e as demais publicações sugerem diferentes as práticas de leitura das alunas, apresentadas na forma de transcrição de artigos de

outros impressos (livros, revistas, jornais). Constituem-se de usos de diversos materiais que carregam a palavra escrita, não somente os impressos locais, mas os nacionais e estrangeiros.

Assim como os anúncios de títulos de livros, a permuta e a transcrição de textos de periódicos indica uma gama variada de práticas de leitura das alunas para a composição da revista *O Estudo*. Cabe ainda registrar que, dentre essas práticas de leitura, as alunas se empenharam em formar uma Biblioteca.

A formação e o recebimento, através de doações, de livros para a Biblioteca do Grêmio contribuiram para que possamos ter uma ideia a respeito das práticas de leitura das alunas. Assim é exposto:

Ao Publico

Entre os fins que nosso Gremio visa, está o da criação de uma biblioteca para uso dos sócios. É excusado salientar que isso é uma questão momentosa, mormente numa escola como a nossa, onde grande numero de alumnos, estuda luctando com as maiores difficuldades pecuniárias. A sua organização é, portanto, uma necessidade inadiavel.

E é nesse sentido que hoje lançamos um apelo ao publico que tão carinhosamente nos acolheu: – Dai-nos livros, obras de valor scientifico ou litterario, livros uteis ao desenvolvimento intelectual e moral dos alumnos.

Não pedimos muito: queremos apenas de cada um de vós, que nos ledes, um livro que representará alguns mil réis, mas que, reunidos, irão formar a fonte luminosa de saber e de sciencia, onde o espirito daquelles que amanha terão a seu cargo a educação dos pequeninos, se poderá ilustrar e enriquecer. (s/autor, O ESTUDO, n. 2, 1922, p. 12)

Por que criar uma Biblioteca do Grêmio de Estudantes? Por que pedir doações de livros? Ao que parece a Biblioteca é um recurso indispensável aos alunos e a seu aprimoramento intelectual e moral, principalmente àqueles que não dispõem de boa condição financeira. Ela é o espaço onde se encontram preservados, mantidos e ofertados os livros, textos, os escritos em geral. Ela também é um espaço de leitura e de aprendizagem, pois reúne livros que “irão formar a fonte luminosa de saber e de sciencia, onde o espirito daquelles que amanha terão a seu cargo a educação dos pequeninos, se poderá ilustrar e enriquecer” (s/autor, O ESTUDO, n. 2, 1922, p. 12).

A ex-aluna Esther Menna Barreto Costa (“Directora-chefe” da revista – edição anno V, 1927, n. 1)<sup>99</sup>, ao evocar suas lembranças estudantis e sua participação na Escola Complementar, faz referência à publicação da revista *O Estudo*. Assim ela relata:

---

<sup>99</sup> Esther Menna Barreto Costa formou-se em 1927 na Escola Complementar, foi professora da língua portuguesa e membro da equipe de coordenadores do I.E. no ano de 1969, assim como membro da Comissão e Coordenadora responsável pela publicação de IE Revista – número comemorativo do centenário do Instituto de Educação General Flores da Cunha (1969). Em uma carta intitulada “Saudação e agradecimento – na

Eleição e posse da diretoria do Grêmio, com a assistência amiga da Profa. Marieta da Cunha Silva. Edição da revista “O Estudo”. O estudo! O estudo era muito – e pouco o lazer para as atividades sócio-culturais. Mesmo assim, algumas realizações: Recepção festiva à Rainha dos Estudantes cariocas. O tradicional Chá-Dançante (um sucesso!), que propiciou a ambiciosa instalação de uma Biblioteca para o Grêmio. Compra abundante de livros. (Estávamos sob a influência de textos antológicos das aulas de Português, com o grande professor Alcides Cunha; e sob o fascínio das aulas de Literatura do brilhante didata e orador Dr. Raul Bittencourt.). (CADERNOS DOS EX-ALUNOS. SUBSÍDIOS DA HISTÓRIA INSTITUCIONAL, 2004, p. 43)

A ex-aluna menciona a instalação da Biblioteca do Grêmio, a compra “abundante” de livros e a influência das aulas de português e de literatura. São sugestivas lembranças que podem indiciar porque as alunas publicavam textos literários na revista, de onde vinham suas inspirações e incentivos. Mas também, a questão aqui abordada da obtenção de livros que irão formar a Biblioteca.

Não encontrei nenhuma menção à compra de livros pelas alunas nas páginas da revista. N’*O Estudo* apareceu com frequência notas de agradecimento às pessoas que doaram livros para a Biblioteca do Grêmio. Transcrevo o artigo intitulado “Noticiário” (s/autor, O ESTUDO, n. 2/3, 1928, p. 64), onde estão mencionados os nomes dos doadores de livros:

Offertaram livros á bibliotheca do nosso Gremio:  
 Livraria Ideal – 1  
 Dr. Sinval Guimarães – 2  
 Centro da Bôa Imprensa – 1  
 Dr. Vital Lanza – 1  
 Gratas pela gentileza.

Todas as notas seguiram esse padrão: nome da pessoa ou livraria e, por vezes, a quantidade, porém sem mais detalhes dos livros enviados, como autor, título, etc. A única menção sobre autor e obra recebida foi quando noticiaram que o professor Alcides Cunha ofereceu o livro didático de sua autoria – “Collocação do pronome pessoal, complemento” (s/autor, O ESTUDO, n. 1, 1923, p. 17).

Entre os doadores encontram-se as livrarias por onde a revista circulava, as próprias alunas, os professoras da escola, médicos, advogados, enfim, os leitores da revista que desejaram atender ao pedido. As doações foram feitas por eles, assim como, noticiadas e agradecidas pelas alunas responsáveis pelo Grêmio.

Sobre a Biblioteca, quero ressaltar aqui uma passagem de um artigo intitulado “Visita á Bibliotheca Publica” (s/autor, O ESTUDO, n. 4/5, 1922, p. 23), onde está descrito como foi o passeio para conhecer as novas instalações da biblioteca. Dentre os

novos espaços, as alunas destacavam um gabinete de leitura destinado às mulheres.

Assim consta:

Do salão nobre passamos para as salas contiguas, separadas por arcarias elegantes e que são reservadas ás senhoras. Uma pontinha de vaidade feriu-nos o coração com esta prova de que a mulher porto-alegrense mereceu dos dirigentes desta obra a fineza de uma lembrança. Esse salão de leitura para senhoras diz com eloquencia ao estrangeiro, ao visitante, que a mulher deste Estado também lê, também peregrina pelas lides literárias e intellectuaes, e que, sem ter a aspiração politica das européas e das americanas do norte, procura alcançar pela elevação moral e pela educação superior a perfeição sonhada e desejada pelo feminismo. (s/autor, O ESTUDO, n. 4/5, 1922, p. 23)

Esse excerto expõe o sentimento de importância que as alunas/mulheres atribuem à leitura, prática cultural na qual as mulheres também participam, já que elas leem e peregrinam pelas “lides litterarias e intellectuaes”.

E assim com os livros doados, a Biblioteca foi sendo preenchida por “obras de valor scientifico ou litterario”. É uma lástima não ter maiores informações sobre as obras, os usos, os empréstimos, os frequentadores desse espaço, e o que lhe sucedeu, porém fica evidente a importância atribuída pelos artigos da revista *O Estudo* a esse espaço como local destinado às práticas de leitura.

#### ❖ OUTRO INDICADOR DAS PRÁTICAS DE LEITURA: A LEITURA SILENCIOSA

Dentre os exemplos de pistas acerca das práticas de leitura, apresentados no início desse capítulo, encontra-se a leitura em voz alta ou silenciosa. Ao folhear as páginas da revista, deparei-me com o texto “Lingua Portuguesa”, da aluna Aludes. Nele consta como deve ser a correta leitura. Assim escreve:

Para estudar os textos, é preciso primeiramente saber fazê-los. Toda gente lê, mas poucos sabem fazê-lo. Os alumnos em geral, julgam que ler é ler ligeiro, e por isso o fazem de corrida, respeitando mal a pontuação que o auctor lhes impõe. É grave esse erro.

Preciso é que a leitura seja vagarosa, para que o entendimento possa, com clareza, apanhar os factos, gravar as imagens e perceber o bello da frase, que resume em si o segredo da arte.

Alguns auctores que se têm dedicado a estes estudos, pensam que a leitura, para ser proveitosa, deve sempre fazer em voz alta.

Não podemos, porem, abundar nesse conceito. A leitura pode ser feita com maximo proveito, só com a vista, sem que a voz nella tome parte; mas vagarosamente, conscienciosamente, relendo-se a cada instante o que a intelligencia não poudes desvendar. Contudo, quando não se tem o habito de lêr, não é condemnavel a leitura em voz alta, desde que não se resvale para o campo da declamação, outra arte já, muito mais fácil que a da palavra, e de todo desnecessaria ao estudo desta. (O ESTUDO, n. 6, 1922, p. 3)

O artigo veiculado na revista professa a leitura silenciosa como sendo o ideal para o leitor. Mas quando e como a leitura passou a ser obra da vista? Como isso foi apropriado pela escola?

Numa rápida explanação, as práticas de leitura, as predisposições, as aptidões e expectativas dos leitores são historicamente construídas. A leitura em voz alta, exercida muito antes da silenciosa, podia ser realizada em público, no âmbito de diferentes sociabilidades, uma partilha da leitura e do texto em uma comunidade, mas também poderia ser realizada para si mesmo. A leitura silenciosa, introspectiva, para si, segundo Chartier (1998a) data do século XIII e XIV, quando aumentou o número de leitores capazes de lerem sem ruminar a fim de compreenderem o texto. Aos poucos, a prática silenciosa foi se impondo aos que ainda não a interiorizavam. Certeau (2009) diz que há três séculos a leitura se tornou obra da vista. Ler, como experiência moderna, não é mais um ato acompanhado pelo ruído de uma articulação vocal.

O autor impõe uma pontuação ao texto, uma cadência que conduz à boa leitura, enfim, um protocolo de leitura que, segundo Aludes (O ESTUDO, 1922), não é seguido quando um aluno faz a leitura de maneira apressada. O segredo da arte da leitura está na lentidão, está em aproveitar ao máximo e isso só acontece se for em silêncio, apenas com o acompanhar dos olhos.

Porém, apesar dos protocolos de leitura inscritos pelo autor, o leitor goza de uma relativa liberdade. Sua leitura para ter o “máximo proveito”, só com a vista, sem a voz, fez com que o corpo leitor se distanciasse do texto. “A autonomia do olho suspende as cumplicidades do corpo com o texto; ela o desvincula do lugar escrito [...] e aumenta as possibilidades que o sujeito tem de circular” (CERTEAU, 2009, p. 247-248).

A leitura com o “máximo proveito”, usando os olhos, permite ao leitor *reler* “a cada instante o que a inteligência não pode desvendar” e assim, “emancipado dos lugares, o corpo que lê se acha mais livre em seus movimentos. Exerce em gestos a capacidade que cada sujeito tem para converter o texto pela leitura [...]” (CERTEAU, 2009, p. 248).

O texto da aluna Aludes, sobre ensino da “Lingua Portuguesa”, prescreve que o ensino da leitura deve priorizar a leitura silenciosa, pois a leitura em voz alta tende a buscar o significado em detrimento da memorização do texto e de seus conteúdos (em contraponto a uma escola tradicional). Sendo assim, Aludes, inserida em seu tempo histórico, dá pistas da circulação dos saberes pedagógicos de seu tempo.

## *Considerações finais*

---

A investigação que resultou nesta dissertação foi escrita com a preocupação de analisar a revista *O Estudo* dentre as práticas de escrita e de leitura das alunas da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre/RS, durante os anos de 1922 a 1931.

Para isso, os principais eixos de atenção que guiaram esse estudo se voltaram à *materialidade do suporte (o objeto que comunica o texto), aos textos por ele veiculados e às leituras que foram apropriadas*. Tomou como pressuposto a ideia de que a relação existente entre esses três eixos pode produzir uma tensão, resultante de diferentes formas pelas quais o texto é materializado e manuseado. Ou pela maneira como o escrito é disposto e como, através da leitura, é apreendido pelo leitor.

O suporte relaciona-se diretamente com o texto e vice-versa. O entendimento da sua especificidade, composição, particularidade permite compreender essa relação. Através do suporte o texto chega ao leitor e este o apreende.

A criação do suporte revista, utilizado na materialização do impresso estudantil *O Estudo*, foi realizada como prática de escrita das alunas, que em princípio mimetizaram as revistas ilustradas e de variedades circulantes nas décadas de 1920 e 1930. Por essa razão, as alunas usaram uma fórmula nominal – “revista mensal, ilustrada, litteraria, scientifica, didactica”, comum a muitas revistas da época. Também utilizaram uma forma física para a apresentação do seu impresso, com determinadas características e composições gráficas típicas do sistema de publicação de revistas. Estabeleceram determinados protocolos de leitura, através da apresentação de capas, sumários, ilustrações (uso de imagens e fotografias) e disposição gráfica. A revista proporcionou novos usos, outros gestos diante do formato em brochura, leve e pequeno. Assim também, novas leituras, intermediárias entre o livro e o jornal e novos hábitos, como, por exemplo, as assinaturas e os concursos que a revista promovia.

Desse modo, *O Estudo*, com sua apresentação física, sua composição gráfica e sua circulação (periodicidade, assinatura), propagou textos que foram dispostos, impressos e publicados de maneira diversa. Também revelou os tipos de relação que a equipe de redação

procurava estabelecer entre os textos e os leitores. Enfim, as alunas produziram o gênero revista no âmbito escolar e fomentaram a produção de impressos estudantis.

Os textos foram entendidos aqui como práticas de escrita. E a escrita uma prática sociocultural. Como prática sociocultural, a escrita das alunas e dos colaboradores (professores e externos) foram publicadas n' *O Estudo*. A apropriação pelas alunas do gênero revista foi significativa. Este fato é demonstrado pela forma com que foi utilizado, isto é, ao escreverem e veicularem muitos textos – literários (com o propósito de incentivar as “vocações literárias”) e teórico-metodológicos (para propiciar os “modernos métodos da pedagogia”) na revista.

A pesquisa apresentou uma série de textos, produções de um grupo de alunas (e futuras professoras), que colaboraram para disseminar a produção de impressos estudantis como uma prática escolar, e ao mesmo tempo, o incentivo à prática de escrita como divulgação do fazer escolar.

A revista *O Estudo* pode ser compreendida como um produto da cultura escrita de um tempo, no contexto de uma instituição e de uma ação formativo-pedagógica. Nela o escrito se faz presente através de uma vasta produção textual. De certa maneira, contribuiu para uma maior circulação da palavra escrita e para suprir a demanda por material escrito, já que havia um incremento da população alfabetizada. São fatores que em conjunto propiciaram novos usos e novas práticas de escrita e de leitura que foram sendo compostas, difundidas e apropriadas, principalmente, no meio escolar.

As alunas coordenaram escrita com leitura ao apresentarem textos referentes às aulas práticas, valendo-se das teorias difundidas no processo de formação e das experiências escolares. Os textos literários e os textos teórico-metodológicos correspondem a textos escolares, que expressaram o ensino e a prática de escrita e de leitura das alunas e futuras professoras.

As leituras que integram a formação de professoras também estão apresentadas na publicação de textos transcritos, traduzidos e adaptados, recurso amplamente utilizado para a composição d' *O Estudo*. Esses usos dos textos demonstram a forma como foram apreendidos, (re)utilizados, (re)escritos e produzidos no impresso estudantil e dispostos conforme a intenção editorial das alunas.

Nesse sentido, através da revista *O Estudo* pode-se observar a circulação dos textos, a apropriação de ideias, os métodos e práticas de ensino difundidas nas décadas de 1920 e 1930. Figuram a leitura de textos sobre o Método Intuitivo – Lições de Coisas ou textos acerca dos pressupostos da Escola Nova, assim como, dos autores e suas escritas

acerca do campo pedagógico. Em síntese, *O Estudo* reafirma o objetivo de levar os “modernos métodos de pedagogia” aos que seguem a carreira do magistério.

Os indicativos das práticas de leitura também aparecem no processo de criação da revista, pois foram utilizadas pequenas citações e epígrafes em diversas páginas, possibilitando perceber uma apreensão das práticas culturais de uma época e de outros impressos. E, outros indicativos, como os rastros de leitura, foram deixados pelos leitores, marcas de uma prática leitora em que se destacam as marginais, as anotações, os papéis guardados em seu interior. E por fim, o incentivo à leitura, através dos anúncios de livros e da criação de uma Biblioteca voltada aos estudantes.

O levantamento das práticas de leitura através das transcrições, traduções e adaptações, demonstrou que estas estão mais presentes nos anos iniciais da publicação da revista, e que diminuem ao longo das publicações seguintes. Pode-se dizer que esse fato acontece frente a um número maior de textos produzidos pelas próprias alunas. Portanto, corresponde a uma maior prática de escrita e apropriação leitora.

A revista *O Estudo*, produzida pelas alunas da Escola Complementar/Normal, oferece um olhar privilegiado para a cultura escolar. Possibilitou perceber uma fração da vida escolar de um grupo de jovens estudantes e futuras professoras. Assim, como também pode ser compreendida como indícios das práticas de escrita e de leitura dessas alunas.

Nesse processo de composição, difusão e apropriação, a instituição escolar passa a ter um contributo significativo, pois, além do processo do ensino da leitura e da escrita, também colabora através dos novos usos e práticas que faz dos impressos.

A escola lança mão da prática de escrita de um impresso em formato de revista, um artefato sociocultural existente, incluindo-o como prática escolar. Isto é, a escola, e mais especificamente as alunas da Escola Complementar/Normal, *manipularam, compreenderam e apreenderam* a palavra escrita em circulação na sociedade e estiveram envolvidas com a produção de um impresso estudantil, incentivado como prática escolar.

Ainda em 2012, completando noventa anos, a revista *O Estudo* é um artefato sociocultural que estranha e fascina muita gente. Outro dia, em sala de aula, comentando sobre a produção escolar de textos, falei na existência desse impresso estudantil. Os alunos e professores que me ouviam não tinham nenhum conhecimento dele. Ficaram surpresos com a sua qualidade e, principalmente, porque eram produzidos pelas alunas da Escola sob a responsabilidade do Grêmio de Estudantes, entre as décadas de 1920 e 1930.

Questionamentos foram feitos, tais como, onde se encontram as revistas, como eu as achei, como era a educação na época, por que a escola não produz outra revista, por que a Escola não possui Grêmio Estudantil...

Comparações inevitáveis diante do descaso da educação do Estado e diante dos problemas enfrentados pela Escola. Que esquece sua própria história, que amontoa num canto da Biblioteca, e que devido às infiltrações descarta o material para o arquivo, acreditando-se ser o local de “guardar as coisas velhas”. E mesmo neste local, uma sala pequena e abarrotada de material, não “guarda” tudo, muito já fora descartado (ou incinerado).

Todos os exemplares da revista descartados pela Biblioteca, hoje estão no arquivo, acondicionados em uma pasta, numa tentativa de preservá-los por mais algum tempo. Alguns em bom estado, mas em outros o tempo agiu sobre suas páginas. E que estão disponíveis a outros pesquisadores.

A Escola, mesmo com poucos alunos no curso, ainda forma professores, no entanto, o pouco conhecimento que possui da história da própria instituição permanece apenas no saudosismo dos velhos tempos, sem mais questionamentos acerca do passado. O encontro “por acaso” das revistas, a sua existência material, não podem ser interpretados como algo naturalizado, existentes e presentes desde sempre, mas sim fruto dos questionamentos realizados pelo historiador, que recria os documentos com os quais se depara.

No início do século XX, as práticas de escrita e de leitura das alunas estiveram presentes na revista *O Estudo*, onde, no início do século XXI, as práticas de escrita e de leitura estudantis se encontram? Ao longo dos noventa anos que se passaram, outras práticas escolares foram (re)criadas, (re)inventadas e desenvolvidas na Escola, que podem se tornar indícios de pesquisa, material para a História da Educação.

Com o término dessa etapa, deixo aqui registrada algumas possibilidades de pesquisa. É o caso de se conhecer mais quem são as alunas leitoras e escritoras da Escola Normal, no objetivo de se aproximar mais dessas moças. Num estudo de gênero, questionar por que poucas mulheres colaboradoras participam da revista *O Estudo*. Dar seguimento à análise mais aprofundada a partir dos levantamentos aqui realizados, tais como estudar os autores do século XIX que aparecem ainda em circulação nas décadas de 1920 e 1930, nos clássicos da literatura universal e da literatura infanto-juvenil, os autores gaúchos, etc. E analisar a apropriação que as alunas fazem dos discursos republicanos, dos discursos pedagógicos e dos ideais de civilidade da época.

Ou, ainda, dar continuidade ao estudo dos impressos estudantis através de outras publicações realizadas pelas alunas normalistas do Instituto de Educação, é o caso da revista *A Voz do Estudante* publicada a partir de 1947.

Enfim, possibilidades que não foram o foco dessa dissertação, mas que a pesquisa com a revista *O Estudo* ainda pode frutificar.

## *Referências*

---

ALBUQUERQUE Jr., Durval M. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história.** Bauru/SP: EDUSC, 2007.

ALMEIDA, Dóris B. **Um periódico juvenil: civilidades nas páginas do “Clarim”.** Comunicação apresentada no 16º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE, Porto Alegre, 2010.

AMARAL, Giane Lange do; SILVA, Daiani. Aspectos da cultura escolar veiculados pelo impresso estudantil “Complementarista” da Escola Complementar de Pelotas/RS. In: **11º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação.** 2005. (CD ROM)

\_\_\_\_\_. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. In: **História da Educação.** ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 11, abril, 2002, p. 117-130.

BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.** José Carlos Souza Araújo, Décio Gatti Jr. (org.) Campinas/SP: Autores Associados, 2002. p. 151-174

\_\_\_\_\_. **Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897).** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

\_\_\_\_\_. BENCOSTTA, Marcus; CUNHA, Maria Teresa. **Uma cartografia da pesquisa em história da educação na região sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000).** Pelotas: Seiva, 2004.

\_\_\_\_\_. LEMOS, Elizandra. Uma iconografia da cultura escolar: as capas da Revista do Ensino/RS (1951-1978). In: SCHELBAUER, Anaete Regina; ARAÚJO, José Carlos. **História da Educação pela imprensa.** Campinas/SP: Editora Alínea, 2007. (p. 177-217)

BICCAS, Maurilane de Souza. Da revista à leitura: a formação dos professores e a confirmação do campo pedagógico em Minas Gerais (1925-1940). In: **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.** José Carlos Souza Araújo, Décio Gatti Jr. (org.) Campinas/SP: Autores Associados, 2002. p. 175-195

\_\_\_\_\_. **O Impresso como estratégia de formação. Revista do Ensino de Minas Gerais (1925 – 1940).** Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

**CADERNOS DOS EX-ALUNOS:** Subsídios da História Institucional. Porto Alegre: Associação dos Ex-Alunos do Instituto de Educação General Flores da Cunha, n. 3, junho, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia da Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Caixa de Utensílios e a Biblioteca: Pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana; HILSDORF, Lúcia. **Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CASTILLO GOMEZ, Antonio. **Historia de la cultura escrita.** Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Astúrias/Espanha: Ediciones Trea, 2001.

\_\_\_\_\_. Historia de la cultura escrita. Ideas para el debate. In: **Revista Brasileira de História da Educação (SBHE)**, jan.jun, 2003, n.5, pp. 93-124.

\_\_\_\_\_; VILHENA, Cynthia. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. In: 15º Reunião Anual ANPED – GT História da Educação, 1992.

CATANI, Denice. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, v. 10, n. 20, p. 115-130, jul/dez, 1996.

\_\_\_\_\_; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Educação em revista.** A imprensa pedagógica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger (org.) **História da leitura no mundo Ocidental.** São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano.** Vol. 1. Artes de fazer. 16 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Conversações com Jaime Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial/UNESP, 1998a.

\_\_\_\_\_. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **As utilizações do objeto impresso (séculos XV- XIX).** Portugal: Difel, 1998b.

\_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas da leitura.** 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

\_\_\_\_\_. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238

\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CUCUZZA, H. R; PINEAU, P. **Para una historia de la enseñanza de la lectura y escritura**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Professoras nos discursos de formatura da “Revista Pétalas”: a voz das oradoras. In: **IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. O Oral, o Escrito e o Digital na História da Educação**. Porto Alegre: UFRGS, PUCRS, UNISINOS, 2002. (CD ROM)

\_\_\_\_\_. Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu Escola Catarinense (décadas de 20 e 60 do século XX). In: **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 18-27, jan/abr, 2012.

\_\_\_\_\_. Rezas, ginástica e letras: normalistas do Colégio Coração de Jesus. Florianópolis décadas de 1920 e 1930. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). **Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. (p. 199-220)

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32, maio/agosto, 2006. p 328-339.

FARIAS, Washington da Silva. A primeira coleção didática de português do século XX: a língua como conteúdo de ensino e como questão. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

[http://www.abralin.org/abralin11\\_cdrom/artigos/Washington\\_Farias.PDF](http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Washington_Farias.PDF)

Acesso em 18/08/2012.

FINOCCHIO, Silvia. **La escuela en la historia argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre Guia Histórico**. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (orgs.). **A Pedagogia**. Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis/RS: Vozes, 2010.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLIM, Cida. Em Porto Alegre, a Madrugada literária dos modernistas. In: RAMOS, Paula (org.). **A Madrugada na Modernidade (1926)**. Porto Alegre: UniRitter Ed., 2006.

GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GVIRTZ, Silvina. **Del curriculum prescripto al curriculum enseñado. Una mirada a los cuadernos de clase.** Buenos Aires: AIQUE, 1997.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, 2001, p. 9-44.

LOURENÇO FILHO, M. B.. **Introdução ao estudo da Escola Nova.** 13ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul.** Faculdade de Educação da UNICAMP, 1986. Tese de doutorado.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MARTINS, Ana Luisa. **Revistas em revista.** Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

MACHADO JR., Claudio de Sá. **Imagens da sociedade Porto-Alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930).** São Leopoldo: Oikos, 2009.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Editora Olho d'água, 2004.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas.** História e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006a.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre dos anos 1920. Urbanização, modernidade e novas formas de sociabilidade urbana. In: RAMOS, Paula (org.). **A Madrugada na Modernidade (1926).** Porto Alegre: UniRitter Ed., 2006b.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República.** 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NETO, Kraemer. **Nos tempos da velha escola...** Porto Alegre: Editora Sulina, 1969.

NÓVOA, Antonio. A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do *repertório* português. In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Educação em revista.** A imprensa pedagógica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.

PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20.** São Paulo: Annablume, 2001.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: N. 104, julho, 1998. p. 144-161.

PEREIRA, Rosimeri. As reformas educacionais do século XX e a disciplina língua portuguesa – entre o ensino clássico e o moderno. In: **VIII JORNADA do HISTEDBR**. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/São Carlos - SP, 7 a 8 de julho de 2008. [www.histedbr.fae.unicamp.br/acer.../txt.../Rosimeri%20Pereira.doc](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer.../txt.../Rosimeri%20Pereira.doc)  
**Acesso em 22/06/2012**

PERES, Eliane. A escola ativa na visão de Adolphe Ferrière. Elementos para compreender a Escola Nova no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. (pp. 114-123).

\_\_\_\_\_. A produção e uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: Queres Ler? e Quero ler. In: **História da Educação/ASPHE**. FaE/UFPEL, v. 3, n. 6, outubro, 1999. p. 89-103.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. 2ª ed, 2ª reimp., Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. O que se lia na velha Porto Alegre: do romance da vida para a vida levada como romance. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (orgs.) **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. pp. 439-455.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura y sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1999.

PINHEIRO, Maria de Lourdes. De didata de méritos a representative-man da escola tradicional: as interlocuções do educador paulista João Toledo. In: **História da Educação**, v. 16, n. 37, maio/ago. 2012, p. 207-225.

PIÑEDA, Silvana S. **Hyloea: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre, Faculdade de Educação, UFRGS, 2003.

POSSAMAI, Zita Rosane. “Lições de coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. In: **VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. São Luís/Maranhão, 22 a 25 de agosto de 2010.

RAZZINI, Márcia. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. (pp. 100-113).

SCHELBAUER, Analete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **História e Memória da Educação no Brasil**. Vol. II – Século XIX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

SILVA, Emerson C. A configuração do *Habitus Professoral* para o aluno-mestre: A Escola Normal Secundária de São Carlos (1911-1923). Dissertação (Mestrado em Educação). Marília/SP, Universidade Estadual Paulista/Capus Marília, 2009.

SILVA, Mirelle A. **A função do jornal *O Lavrador* como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte**. Dissertação (Mestrado em Educação). Fortaleza, Faculdade de Educação/Universidade Federal do Ceará, 2009.

SIMÕES JR., Álvaro. Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX. In: Patrimônio e Memória. UNESP/FCLA-CEDAP, v. 2, n. 2, 2006. (pp. 122-152).

SOUSA, Cynthia Pereira de. A educação pelas leituras: registros de uma revista escolar (1930/1960). In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Educação em revista**. A imprensa pedagógica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III – Século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

TAMBARA, Elomar; HUCH, Michele. A educação em Pelotas: o entusiasmo republicano (1889 – 1920). In: **11º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**. 2005. (CD ROM)

TORRESINI, Elisabeth R. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. (pp. 235-252)

\_\_\_\_\_. **Editora Globo**. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: USP, Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. **A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestre: Queres Ler?** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

VALDEMARIN, Vera Teresa. A escola e a experiência infantil: significados e apropriações para a prática pedagógica. In: Revista Sul-americana de Filosofia e Educação – RESAFE, n. 10, maio-outubro/2008, p. 65-82.

\_\_\_\_\_. Lições de Coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. In: **Cadernos CEDES**, ano XX, n. 52, novembro/2000. p. 74-87.

VIDAL, Diana; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Valdevânia Freitas dos. **O Necydalus**: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911). Dissertação (Mestrado em Educação). Aracajú, Fundação Universitária de Sergipe, 2009.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Por uma história da cultura escrita: observações e reflexões. **Cadernos de Projeto Museológico**. n. 77. V/2001. Escola Superior de Santarém.

\_\_\_\_\_. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*. Continuidades y cambios. Madrid: Ediciones Morata, 2002.

WERLE, Flávia; BRITTO, Lenir; NIENOV, Gisele. Escola Normal Rural e seu impresso estudantil. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte: v. 45, jun. 2007. p. 81-105.

## *Apêndices*

---

## Apêndice 1 – Levantamento geral dos exemplares

Revista: **O ESTUDO**

Anno	Numeração	Ano	Mês	Observações (número de exemplares encontrados)
Anno I	n. 2	1922	junho	1 Exemplar Obs: Revista mensal ilustrada, litteraria, scientifica, didactica, mantida pelo Gremio dos Estudantes da Escola Complementar. Redacção: Escola Complementar
Anno I	n. 3	1922	julho	3 Exemplares
Anno I	n. 4/5	1922	agosto e setembro	2 Exemplares
Anno I	n. 6	1922	outubro	2 Exemplares
Anno I	n. 6/7	1922	outubro e novembro	2 Exemplares
Anno II	n. 1	1923	junho	1 Exemplar
Anno III	n. 1	1925	julho	1 Exemplar
Anno III	n. 2	1925	agosto	2 Exemplares
Anno III	n. 3	1925	setembro	1 Exemplar
Anno III	n. 4	1925	outubro	3 Exemplares
Anno III	n. 5/6	1925	novembro e dezembro	3 Exemplares
Anno IV	n.1	1926	junho	2 Exemplares
Anno IV	n. 2	1926	julho	2 Exemplares
Anno IV	n. 3/4	1926	agosto e setembro	2 Exemplares
Anno V	n. 1	1927	agosto	2 Exemplares
Anno VI	n.1	1928	abril	1 Exemplar
Anno VI	n. 2/3	1928	maio e junho	1 Exemplar
Anno VI	n. 4/5	1928	julho e agosto	2 Exemplares
Anno VI	n. 6/7	1928	setembro e outubro	1 Exemplar
Anno VI	n. 8/9	1928	novembro e dezembro	1 Exemplar
Anno VII	n. 1	1929	janeiro a junho	1 Exemplar Obs: Revista mensal ilustrada, litteraria, scientifica, didactica, mantida pelo Gremio dos Estudantes da Escola Complementar. Redacção: Escola Normal

s/anno	n. 1	1930	agosto	1 Exemplar Obs: Revista mensal ilustrada, litteraria, scientifica, didactica, mantida pelo Gremio dos Estudantes da Escola Normal. Redacção: Escola Normal
Anno IX	n. 1	1931	setembro	1 Exemplar Obs: Revista mensal ilustrada, litteraria, scientifica, didactica, mantida pelo Gremio dos Estudantes da Escola Normal. Redacção: Escola Normal

Apêndice 2 – Descrição física da Revista: **O ESTUDO**

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno I 1922 n. 2 Junho</b>	18,5cm X 27cm	Estado regular. Capa está solta. Com anotações escritas à caneta e lápis. Com uma etiqueta escrita com o número 1. Colocada a posteriori. Cor de fundo: preta Imagem greco-romana, com um globo terrestre e quatro livros	O exemplar encontra-se em estado regular. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Está no verso da capa	26 páginas	Directora-chefe: Ida Silveira Directora – secretaria: Maria Amorim Comissão fiscalizadora: Heloisa Sarmiento, Marieta Almeida, Flora Marques, Maria Lima, Sara Pardelhas, Alda Andrade Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Boa Imprensa – P. Alegre	Pag. 5 – Foto de Dr. Alfredo Clemente Pinto Pag 6 – Foto de Alayde Kraemer Pag. 8 – Foto do Monumento em homenagem ao centenário da independência Pag. 10 – Foto da Praça da Harmonia Pag. 13 – Foto Typo do nosso gaúcho	No final da revista-capa. Sete anúncios no total: F. Nunes Dias Casa de Fazendas, Modas e Miudezas – Especialidade em Tecidos para vestidos.; Pharmacia Caridade, Loteria do Estado do Rio Grande do Sul. A flora medicinal, Livraria Selbach, Na outra página: Carro Ford, Pó de Arroz Lady.

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno I 1922 n. 3 Julho</b>	18,5cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 193. Cor de fundo: marrom Imagem greco-romana com um globo terrestre e quatro livros	O exemplar encontra-se em estado regular.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Está no verso da capa	32 páginas	Directora-chefe: Ida Silveira Directora – secretaria: Maria Amorim Comissão fiscalizadora: Heloisa Sarmento, Marieta Almeida, Flora Marques, Maria Lima, Sara Pardelhas, Alda Andrade Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Livraria do Globo – Porto Alegre	Pag. 3 – Foto de Julieta dos Santos Parrot Pag. 5 – Foto “Canal que liga Porto Alegre a Torres” Pag. 9 – Lição de anatomia (Rembrandt) Pag 11 – Estrella Pag. 15 – Foto - Estrada de ferro das minas de S. Jeronymo Pag. 17 – A Flora (Tiziano) Pag. 21 – A mulher adúltera (Signol) Pag. 23 – Tocador de alude (Quadro de Tintoretto)	Na contra-capla, abaixo do sumário: F. Nunes Dias Casa de Fazendas, Modas e Miudezas – Especialidade em Tecidos para vestidos. Pag. 32: Livraria do Globo No final da revista – capa: Atelier de costuras, Aos grandes armazens de modas, Palais Royal. Casa Barreto Casa Brito Livraria Americana Tinturaria Massini e Progresso Livraria Selbach (anuncio do livro “Rumo ao casamento” de J. Nysten) Armazem de Secos e Molhados Pereira & Cia. Pó de Arroz Lady Cirurgião – Dentista Prudente de Castro.

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno I 1922 n. 4 e 5 Agosto e setembro</b>	18,5cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 194. Cor de fundo: clara (Imagem em homenagem ao centenário da independência)	O exemplar encontra-se em estado regular.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Não contem.	48 páginas	Directora-chefe: Ida Silveira Directora – secretaria: Maria Amorim Comissão fiscalizadora: Heloisa Sarmento, Marieta Almeida, Flora Marques, Maria Lima, Sara Pardelhas, Alda Andrade Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 2\$000 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Livraria do Globo – Porto Alegre	Pag. 3 – Imagem Pag 4 – Três imagens Pag. 5 – Três imagens (pessoas envolvidas nos processos de independências da América) Pag. 15 – D. Pedro I Pag. 27 – Tiradentes Pag. 39 – José Bonifácio	Na contra-capla: Armazem de Secos e Molhados Pereira & Cia. Pó de Arroz Lady. A Esmeralda. No final da revista – capla: Cirurgião – Dentista Prudente de Castro. G. Costa & Cia. Lindolpho Bohrer & Cia. Armazem Central de Cordeiro e Preuss. A. Brockmann & Cia. Casa Masson. Pharmacia Lisboa Expresso Internacional. Pharmacia do Globo Araujo Vianna.

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno I 1922 n. 6 Outubro</b>	19cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 5. Com anotações escritas à caneta e lápis. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação Cor de fundo: vermelho (Imagem em homenagem ao centenário da independência)	O exemplar encontra-se em estado ruim, com páginas soltas. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-capa.	24 páginas	Directora-chefe: Ida Silveira Directora – secretaria: Maria Amorim Comissão fiscalizadora: Heloisa Sarmiento, Marieta Almeida, Flora Marques, Maria Lima, Sara Pardelhas, Alda Andrade Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Typographia Esperança, Rua Senhor dos Passos n.28	Pag. 5 – Foto – Collegio Elementar (Livramento) Pag. 9 – Foto – Collegio Narciso Berlese (São Francisco de Assis) Pag. 14 – Foto – Prof. Andre Leão Puente Pag. 18 – Colegio Elementar Venacio Ayres de Cruz Alta (uma foto dos meninos e uma foto das meninas) Pag. 21 – Foto – Monumento General Bento Gonçalves (Rio Grande)	No final da revista – capa: Aceitam-se anuncios  Tinturaria Massini e Progresso Casa Coelho de Araujo Coelho & Coelho A importadora Typographia Esperança Pó de Arroz Lady. Cirurgião – Dentista Prudente de Castro. Banco Nacional do Commercio Banco Porto Alegrense  “O Estudo” Acha-se á venda na Escola Complementar, na Livraria do Globo, Na Livraria Echenique e na Livraria Americana.

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno I 1922 n. 6 e 7 Outubro e novembro</b>	18,5cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 6. Com anotações escritas à caneta e lápis. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação Cor de fundo: verde (Imagem em homenagem ao centenário da independência)	O exemplar encontra-se em estado regular. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-capa.	28 páginas	Directora-chefe: Ida Silveira Directora – secretaria: Maria Amorim Comissão fiscalizadora: Heloisa Sarmento, Marieta Almeida, Flora Marques, Maria Lima, Sara Pardelhas, Alda Andrade Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$000 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
	Pag. 4 – Foto – Prof. Emilio Meyer Pag. 7 – Foto Embarque de carvão em S. Jeronymo Pag. 9 – Foto- Pequeno Gaucho, Estrella Pag. 13 – Foto – Srta. Luisa Luisi Pag. 17 – Foto – Paisagem, Estrella Pag. 23 – Foto – Frigorifico Cia Swift, Rio Grande	No final da revista – capa: Pó de Arroz Lady. Cirurgião – Dentista Prudente de Castro. Agostinho Piccardo Casas Colombo e S. Paulo Laura Silva

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno II 1923 n. 1 Junho</b>	18,5cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 7. Com anotações escritas à caneta e lápis. Carimbo da Biblioteca do Instituto de Educação Cor de fundo: azul (Imagem em homenagem ao centenário da independência)	O exemplar encontra-se em estado regular. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-capa.	26 páginas	Directora-chefe: Ida Silveira Directora – secretaria: Maria Amorim Comissão fiscalizadora: Heloisa Sarmiento, Marieta Almeida, Flora Marques, Maria Lima, Sara Pardelhas, Alda Andrade Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Livraria do Globo – P. Alegre	Pag. 6 – Imagem - Sagrada família – Quadro de Murillo Pag. 9 – Foto – Dr. Alcides Flôres Soares Pag. 10 – Foto – Gymnasio Julio de Castilhos Pag. 14 – Foto – Sra. D. Florinda Tubino Sampaio Pag. 17 – Foto- Porto Alegre – Delegacia Fiscal e Correio – Telegrapho Pag. 18 – Foto – Tenente Paulo Bidan Pag. 23 – Foto – Carlos Gomes Pag. 24 – Foto – Franz Liszt	Na contra-capa: Rosiclér Casa de chá F. Nunes Dias Casa de Fazendas, Modas e Miudezas – Especialidade em tecidos para vestidos Casa Mariante Paris Modes Pag. 26: Pharmacia Carvalho Pharmacia Brasil Livraria Americana Casa D’Alo Casas Colombo e S. Paulo Pharmacia Firmiano No final da revista – capa: Pharmacia Central Concessionarios A. Meneghetti & Cia – Sudebaker Livraria Selbach Livraria do Globo

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno III 1925 n. 1 Julho</b>	18,5cm X 27cm	Estado ruim. Capa está solta. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 8. Com anotações escritas à caneta e lápis. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto - Instituto de Educação Cor de fundo: preto Imagem greco-romana com um globo terrestre e quatro livros	O exemplar encontra-se em estado ruim. Com marcas de adesivos e páginas soltas. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-capa.	24 páginas	Directora-chefe: Antonhinha Azambuja Fortuna Directora – secretaria: Rosa de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Emilia Fronza, Darcy Pereira, Ruth Caldas, Dionela Macalão, Marina Lima e Adelina Cunha. Redação: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphics do centro da Boa Imprensa – Porto Alegre – Antigo Seminario	Pag. 3 – Foto – Dr. Eduardo Sarmento Leite Filho Pag. 7 – Imagem – Rafael – Os esponsaes da Virgem Pag. 9 – Imagem – Jesus e as crianças Pag. 11 – D. Florinda T. Sampaio e Srta. Olga Acauan	Na contra-capa: Oldsmobile – agentes B. Garcia & Cia Na pag. 24: Escola Remington Offical Livraria do Globo No final da revista – capa: Casa Masson Filippozi, Schütz & Cia Ervedoza & Cia. Droguistas Loja Central F. Leonardi & Cia Casa Brito Casa Mariante Livraria Americana Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul Casa Barreto

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno III 1925 n. 2 Agosto</b>	18,5cm X 27cm	Bom estado. Com uma fita prendendo a capa. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 9. Com anotações escritas à caneta e lápis. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto - Instituto de Educação Cor de fundo: roxo Imagem greco-romana com um globo terrestre e quatro livros	O exemplar encontra-se em bom estado. Algumas folhas estão soltas. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-capa.	24 páginas	Directora-chefe: Antonhina Azambuja Fortuna Directora – secretaria: Rosa de Castro Brasil Comissão fiscalisadora: Emilia Fronza, Silvia Filippozzi, Darcy Pereira, Ruth Caldas, Dionela Macalão, Marina Lima e Adelina Cunha. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphicas do centro da Boa Imprensa – Porto Alegre – Ant. Seminario	Pag. 5 – Imagem - Nossa Senhora da Gloria Pag. 9 – Fotos – Dr. Alcides Flores Soares e Major Dr. Alcides Cunha Pag. 17 – Foto – Restos do antigo Cabildo de São Nicoláu	No final da revista – capa: F. Nunes Dias Pharmacia Caridade Loteria do Estado do Rio Grande do Sul A Flora Medicinal Livraria Selbach (anuncio do livro “Rumo ao casamento” de J. Nysten) Compre seu Ford Pó de arroz Lady

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno III 1925 n. 3 Setembro</b>	18,5cm X 27cm	Estado ruim. Capa está solta. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 198. Cor de fundo: preta Imagem da deusa minerva com um globo terrestre e quatro livros	O exemplar encontra-se em estado regular.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-capa.	24 páginas	Directora-chefe: Antonhinja Azambuja Fortuna Directora – secretaria: Rosa de Castro Brasil Comissão fiscalisadora: Emilia Fronza, Darcy Pereira, Ruth Caldas, Dionela Macalão, Marina Lima e Adelina Cunha. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Typographia do Centro da Boa Imprensa – Porto Alegre	Pag. 5 – Foto – Heloisa Ubatuba Pag. 11 – Fotos bebês – Iria filha do casal Tubino Sampaio e Leonor filha do casal Palmeiro Sarmiento Leite Pag. 15 – Foto – Porto Alegre – Praça da Matriz	Na contra-capa: Banca Francesa e Italiana per l'America Del Sul No final da revista – capa: Pharmacia Minerva Grande Tinturaria Massini Eleutherio Araujo Pharamacia Carvalho Agencia Eboli & Cia. Banco da Provincia do Rio G. do Sul Paris Modes

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno III 1925 n. 4 Outubro</b>	18,5cm X 27cm	Estado ruim. Capa está solta. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 200. Cor de fundo: roxo Imagem greco-romana com um globo terrestre e quatro livros	O exemplar encontra-se em estado regular. Algumas folhas estão soltas.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-capa.	24 páginas	Directora-chefe: Antonhina Azambuja Fortuna Directora – secretaria: Rosa de Castro Brasil Comissão fiscalisadora: Emilia Fronza, Silvia Filippozzi, Darcy Pereira, Ruth Caldas, Dionela Macalão, Marina Lima e Adelina Cunha. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphicas do Centro da Boa Imprensa – Porto Alegre – Ant. Seminario	Pag. 3 – Fotos – Capitão Paulo Bidan e Affonso Guerreiro de Lima Pag. 19 – Imagem de Santa Theresinha	No final da revista – capa: Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno III 1925 n. 5 e 6 Novembro e dezembro</b>	18,5cm X 27cm	Estado ruim. Capa está solta. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 202. Cor de fundo: roxo Imagem greco-romana com um globo terrestre e quatro livros	O exemplar encontra-se em estado regular.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na contra-cap.	48 páginas	Directora-chefe: Antonhinja Azambuja Fortuna Directora – secretaria: Rosa de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Emilia Fronza, Silvia Filippozzi, Darcy Pereira, Ruth Caldas, Dionela Macalão, Marina Lima e Adelina Cunha. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphicas do Centro da Boa Imprensa – Porto Alegre – Ant. Seminario	Pag. 5 – Imagem – não identificada Pag. 11 – Foto – Rio Uruguay Pag. 23 – Foto – Ponte natural – Rio Grande do Sul Pag. 33 – Imagem – Natal Pag. 38 – Imagem – Edificio do Antigo Seminario, visto da rua Cel. Fernando Machado	No final da revista – capa: Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul Voelker, Casper & Cia Banco nacional do Commercio Colombo e S. Paulo

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno IV 1926 n. 1 Junho</b>	18,5cm X 27cm	Bom estado. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 12. Cor de fundo: verde Possui um desenho ao estilo marca d'água, com flores. As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em bom estado.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na capa (frente).	24 páginas	Directora-chefe: Constança de Moraes Fernandes Directora – secretaria: Eugenia Budianski Comissão fiscalizadora: Martha Helm, Dora Bastos, Delia Santiago, Maria Cunha, Maria P. Oliveira, Ilza Krausneck, Celina Martins e Alice Pacheco Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphics do Centro da Boa Imprensa – Porto Alegre	Pag. 3 – Foto – Dr, Alcides Flores Soares, DD Director da Escola Complementar Pag. 5 – Foto – Olinda Boekel Bandeira Pag. 10 – Foto – Achylles Porto Alegre Pag. 11 – Foto – Maria Agueda Vieira Pires	No final da revista – capa: Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul F. Nunes Dias Pharmacia Minerva Livraria Americana Pharmacia Brasil Casa Mariante Biotonico Fontoura

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno IV 1926 n. 2 Julho</b>	19cm X 27,5cm	Bom estado. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 13. Cor de fundo: claro Possui um desenho ao estilo marca d'água, com flores no tom de verde. As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular, com folhas soltas.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na capa (frente).	24 páginas	Directora-chefe: Constança de Moraes Fernandes Directora – secretaria: Eugenia Budianski Comissão fiscalizadora: Martha Helm, Dora Bastos, Delia Santiago, Maria Cunha, Maria P. Oliveira, Ilza Krausneck, Celina Martins e Alice Pacheco Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphicas do Centro da Boa Imprensa – Porto Alegre	Pag. 10 – Imagem - Jesus Cristo Pag. 17 – Imagem – Pia Instituição Chaves Barcelos	No final da revista – capa: F. Nunes Dias Voelker, Casper e Cia Kessler, Vasconcellos & Cia J. Porto & Cia Casa Masson Casa Carvalho Ervedoza & Cia

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno IV 1926 n. 3 e 4 Agosto e Setembro</b>	18cm X 27cm	Bom estado. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 14. Cor de fundo: claro Possui um desenho ao estilo marca d'água, com flores no tom de rosa. As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em bom estado.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na capa (frente).	46 páginas	Directora-chefe: Constança de Moraes Fernandes Directora – secretaria: Eugenia Budianski Comissão fiscalizadora: Martha Helm, Dora Bastos, Delia Santiago, Maria Cunha, Maria P. Oliveira, Ilza Krausneck, Celina Martins e Alice Pacheco Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 2\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphicas do Centro da Boa Imprensa – Porto Alegre	Pag. 25 – Foto – Porto Alegre – Paisagem de Navegantes Pag. 37 – Imagem – Defesa de Numancia (Vera) Pag. 41 – Foto – Um grupo de alumnas do IV ano	No final da revista – capa: F. Nunes Dias Voelker, Casper e Cia Kessler, Vasconcellos & Cia Casa Masson

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno V 1927 n. 1 Agosto</b>	18cm X 26cm	Bom estado. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 15. Cor de fundo: claro Com desenhos geométricos (cor vermelha) As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular com folhas soltas.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Na capa (frente).	16 páginas	Directora-chefe: Esther Menna Barreto Costa Directora – secretaria: Ondina Fauth Comissão fiscalizadora: Nady Ungaretti, Marina Esther de Oliveira, Nair Ramos Pires, Rachel menna Barreto Costa, Estella Budinsky, Adylles Pagano e Normelia Schein Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Officinas Graphicas da Sul Graphica Ltda – Porto Alegre	Pag. 5 – Foto – Ilse Woebcke Pag. 7 – Fotos – Capitão Paulo Bidan e Sr. Afonso Guerreiro Lima Pag. 11 – Foto – Dr. Protasio Alves Pag. 13 – Foto - Dr, Alcides Flores Soares Pag. 15 – Foto – D. Florinda Tubino Sampaio	Na contra-capas: Barcellos, Bertaso & Cia Livraria Americana Na pag. 16: Voelker, Casper e Cia J. Porto & Cia J. R. da Fonseca 7 Cia No final da revista – capa: Vapor Porto Alegre Companhia de Navegação Arnt Sul Graphica Ltda

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno VI 1928 n. 1 Abril</b>	18,5cm X 27cm	Bom estado. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 16. Cor de fundo: claro-rosa Com fotografia de Alcides Flôres Soares As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular com folhas soltas. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Inexistente	18 páginas	Directora-chefe: Hilda Marques Pereira Directora – secretaria: Rachel de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Adelina Toccheto, Fanny Dellamora, Maria Nunes de Andrade e Edilia Queirós Sommer. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 1\$500 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Boa Imprensa – P. Alegre	Capa – Foto de Alcides Flôres Soares Pag. 11 – Foto – Emílo Kemp	Na contra-capa: Casa Senior de Alfred Dennin Livreria do Globo Casa Faillace Na pag. 18: Byington & Co. (importadores) Paris Modes O. H. Barnett & C. Ltda. (carros) No final da revista – capa: Byington & Co. (importadores)

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno VI 1928 n. 2 e 3 Maio e Junho</b>	18cm X 27cm	Estado razoável. Possui uma fita colando a capa ao corpo da revista. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 208. Cor de fundo: verde-claro Com fotografia da Nova Cathedral de Porto Alegre As informações básicas da revista se encontram na capa. Com anotações escritas a lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Inexistente	44 páginas	Directora-chefe: Hilda Marques Pereira Directora – secretaria: Rachel de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Adelina Toccheto, Fanny Dellamora, Maria Nunes de Andrade e Edilia Queirós Sommer. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 3\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Boa Imprensa – P. Alegre	Capa – Foto da Nova Cathedral de Porto Alegre Pag. 25 – Imagem – Santa Theresinha do Menino Deus Pag. 39 – Foto - Basílica de S. Pedro, em Roma e Pia Instituição Pedro Chaves Barcelos, em Porto Alegre. Pag. 53 – Foto - Lourdes, A Basílica e Lourdes A benção dos doentes Pag. 57 – Foto – S. Leopoldo, Vista do Seminário Provincial e da Igreja Matriz. Pag. 61 – Foto – Aparecida do Norte, São Paulo e Ruínas do Templo de S. Miguel da Missões	No final da revista – capa: Chapelaria Americana Associação de Estradas e Rodagem Companhia de Navegação Arnt Sul America Livreria Ideal

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno VI 1928 n. 4 e 5 Julho e Agosto</b>	18cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 17. Cor de fundo: azul-claro Com fotografia (não identificada) As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Inexistente	50 páginas	Directora-chefe: Hilda Marques Pereira Directora – secretaria: Rachel de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Adelina Toccheto, Fanny Dellamora, Maria Nunes de Andrade e Edilia Queirós Sommer. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 3\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Boa Imprensa – P. Alegre	Capa – Foto de Pag. Entre 80 e 81 – Fotos – de Eduardo Sarmiento Leite, Olga Ainda Acauan e Alcides Flôres Soares Pag. 111 – Imagem de Jesus	No final da revista – capa: Companhia de Navegação Arnt Sul America Casa Lux

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno VI 1928 n. 6 e 7 Setembro e Outubro</b>	18cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 18. Cor de fundo: verde-claro Com fotografia do Edifício do Antigo Seminário – Porto Alegre As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Inexistente	24 páginas	Directora-chefe: Hilda Marques Pereira Directora – secretaria: Rachel de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Adelina Tocchetto, Fanny Dellamora, Maria Nunes de Andrade e Edilia Queirós Sommer. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 3\$000 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Boa Imprensa – P. Alegre	Capa – Foto do Edifício do Antigo Seminário – Porto Alegre	No final da revista – capa: Companhia de Navegação Arnt A Flora Medicinal Casa Lux

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno VI 1928 n. 8 e 9 Novembro e Dezembro</b>	18cm X 27cm	Estado regular. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 19. Cor de fundo: verde-claro Com fotografia Vista de São Leopoldo As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Inexistente	41 páginas	Directora-chefe: Hilda Marques Pereira Directora – secretária: Rachel de Castro Brasil Comissão fiscalizadora: Adelina Tocchetto, Fanny Dellamora, Maria Nunes de Andrade e Edilia Queirós Sommer. Redacção: Escola Complementar	Número avulso: 3\$000 Assinatura annual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Boa Imprensa – P. Alegre	Capa – Foto - Vista de São Leopoldo	No final da revista – capa: Casa Masson Casa Faillace Giampaoli & Cia (doces) A Flora Medicinal Casa Lux

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno VII 1929 n. 1 Janeiro e Junho</b>	18cm X 27cm	Estado ruim. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 20. Cor de fundo: azul-claro Com fotografia da Basílica de S. Pedro em Roma. As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular. Com folhas soltas. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Inexistente	32 páginas	Directora-chefe: Dina Rocco Directora – secretaria: Celia Alves Comissão fiscalizadora: Adelia Bastos, Angelina Costa, Conceição Gouvêa, Cassiana Praia e Hercilia Kemp. Redacção: Escola Normal	Número avulso: 3\$000 Assinatura anual: Capital: 7\$000 Interior: 8\$000

Editora	Imagens	Anúncios
Centro da Boa Imprensa – P. Alegre	Capa – Foto - Basílica de S. Pedro em Roma	No final da revista – capa: Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul – Editora do Seminario Catholico Estrela do Sul

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno ? 1930 n. 1 Agosto</b>	18cm X 27cm	Bom estado. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 21. Cor de fundo: claro Com fotografia de Oswaldo Aranha. As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis.	O exemplar encontra-se em estado regular. Com folhas soltas. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Está no verso da capa	43 páginas	Redactora-chefe: Elsa Leivas Redactora – secretaria: Zelia Benicio Roballo Comissão fiscalizadora: Carmelita Marroni, Dalva Dupuy, Maria de Lourdes Vallamil, Balita Drumond, Helga Panitz. Redacção: Escola Normal	Número avulso: 1\$500

Editadora	Imagens	Anúncios
Typ. J. R. da Fonseca & Cia, Porto Alegre	Capa – Foto - Oswaldo Aranha	No final da revista – capa: Casa Massom Pharmacia Central Livraria do Globo

Anno/Ano/ No./ Mês	Tamanho	Capa	Geral
<b>Anno IX 1931 n. 1 Setembro</b>	18cm X 27cm	Bom estado. Com uma etiqueta no canto superior direito com o número 22. Cor de fundo: claro As informações básicas da revista se encontram na capa. Carimbo da Biblioteca Clemente Pinto – Instituto de Educação. Com anotações escritas à caneta e lápis. Anuncio da Livraria Selbach	O exemplar encontra-se em estado regular. Com folhas soltas. Apresenta furos devido ao processo de arquivamento da biblioteca da escola.

Sumário	Total de páginas	Equipe responsável	Valor
Está na capa	36 páginas	Redactora-chefe: Armely Lindenmeyer Redactora – secretaria: Ruth Issler Comissão fiscalizadora: Candita Cezimbra, Jandyra Teixeira, Maria Bocorny, Ilse Drüg e Alice Moura. Redacção: Escola Normal	Número avulso: 2\$000

Editadora	Imagens	Anúncios
?	Pag. 4 – Foto – Festa do III ano, alunas e paraninfo. Pag. 15 – Foto- Direção do Instituto Protasio Alves e vários professores Pag. 17 – Foto – Club de Ciencias “Olga Acauan” em visita ao Aero Porto. Pag. 26 – Foto – Posse da nova diretoria do grêmio com Emilio Kemp. Pag. 33 – Foto – Flagrantes da “hora da arte” (alunas do III ano)	No final da revista – capa: Livraria Selbach Photographia Azevedo Dutra Vinho Coqueiro e Guaraná Majestic

Apêndice 3 – Quadro de todos os anúncios publicados na revista *O Estudo*

ANO	NÚMERO	ANÚNCIO	CATEGORIA	LOCALIZAÇÃO
1922	2	F. Nunes Dias	Casa de Fazendas, modas e miudezas	Capa (final-dentro)
1922	3			Contracapa
1923	1			Contracapa
1925	2			Capa final-dentro
1926	1			p. 25
1926	2			Capa final-dentro
1926	3 e 4			Capa final-dentro
1922	2	Pharmacia Caridade	Farmácia	Capa (final-dentro)
1925	2			Capa final-dentro
1922	2	Loteria do Estado do Rio Grande do Sul	Loteria	Capa (final-dentro)
1925	2			Capa final-dentro
1922	2	A Flora Medicinal	Depósito de plantas medicinais	Capa (final-dentro)
1928	6 e 7		Propaganda de Agua de Junquilha	Capa final-fora
1928	8 e 9			Capa final-dentro
1925	2			Capa final-dentro
1922	2	Livraria Selbach	Livraria	Capa (final-dentro)
1922	3			Capa (final-dentro)
1923	1			Capa (final-dentro)
1925	2			Capa final-dentro
1927	1			p. 16
1929	1			p. 22
1931	1			Capa
1931	1			Capa final-dentro
1922	2	Carro Ford	Carro	Capa (final-fora)
1925	2			Capa final-fora
1922	2	Pó de Arroz Lady	Maquiagem	Capa (final-fora)
1922	4 e 5			Contracapa
1922	6			Capa (final-fora)
1922	6 e 7			Capa (final-dentro)
1925	2			Capa final-fora
1922	3	Livraria do Globo	Livraria	p. 32
1922	6			Capa (final-dentro)
1922	6 e 7			Contracapa
1923	1			Capa (final-fora)
1928	1			Contracapa
1929	1			p. 17
1930	1			Capa final-fora
1922	3	Palais Royal	Atelier de costuras	Capa (final-dentro)
1922	3	Casa Barreto	Sapataria	Capa (final-dentro)
1925	1			Capa (final-fora)
1922	3	Casa Brito	Fazendas, modas e miudezas	Capa (final-dentro)
1925	1			Capa (final-fora)
1922	3	Livraria Americana	Livraria	Capa (final-dentro)
1922	6			Capa (final-dentro)

1923	1			p. 26
1925	1			Capa (final-fora)
1926	1			p. 25
1926	2			Contracapa
1927	1			Contracapa
1922	3	Tinturarias Massini e Progresso	Tinturaria	Capa (final-dentro)
1925	3	Grande tinturaria Massini	Tinturaria	Capa final-dentro
1922	6			Capa (final-dentro)
1922	3	Pereira & Cia.	Armazém de Secos e Molhados	Capa (final-fora)
1922	4 e 5			Contracapa
1922	4 e 5	A Esmeralda	Joalheria	Contracapa
1922	4 e 5	Prudente de Castro	Dentista	Capa (final-dentro)
1922	6			Capa (final-fora)
1922	6 e 7			Capa (final-dentro)
1922	4 e 5	G. Costa & Co.	Despachante	Capa (final-dentro)
1922	4 e 5	Lindolpho Bohrer & Cia.	Ferragem	Capa (final-dentro)
1922	4 e 5	Armazém Central de Cordeiro e Preuss	Armazém	Capa (final-dentro)
1922	4 e 5	A. Brockmann & Cia.	Loja de matéria médico	Capa (final-fora)
1922	4 e 5	Casa Masson	Relojoaria	Capa (final-fora)
1925	1			Capa (final-dentro)
1926	2			Capa final-fora
1926	3 e 4			Capa final-dentro
1928	1			Capa final-dentro
1928	8 e 9			Capa final-dentro
1929	1			p. 22
1930	1			Capa final-fora
1922	4 e 5	Cera Mercolizada de Lisboa	Beleza feminina	Capa (final-fora)
1922	4 e 5	Expresso internacional	Agência de turismo	Capa (final-fora)
1922	4 e 5	Pharmacia do Globo	Farmácia	Capa (final-fora)
1922	6	Casa Coelho	Fazendas, modas e miudezas	Capa (final-dentro)
1922	6	A importadora	Casa de tecidos	Capa (final-dentro)
1922	6	Typographia Esperança	Tipografia	Capa (final-dentro)
1922	6	Livraria Echenique	Livraria	Capa (final-dentro)
1922	6	Banco Nacional do Commercio	Banco	Capa (final-fora)
1925	5 e 6			Capa final-dentro
1922	6	Banco Porto Alegre	Banco	Capa (final-fora)
1922	6 e 7	Cav. Virgilio Callegari	Fotógrafo	Contracapa
1922	6 e 7	Agostinho Picardo	Artigos finos	Capa (final-dentro)
1922	6 e 7	Casas Colombo e S. Paulo	Sapataria	Capa (final-dentro)
1923	1			p. 26
1925	5 e 6			Capa final-dentro
1922	6 e 7	Laura Silva	Professora de piano	Capa (final-dentro)
1923	1	Rosicler	Casa de chá	Contracapa
1923	1	Casa Mariante	Instrumentos musicais	Contracapa
1925	1			Capa fina-fora
1926	1			Capa final-dentro
1923	1	Paris Modes	Artigos finos, chapéus	Contracapa
1925	3			Capa final-fora
1928	1			p. 18
1923	1	Pharmacia Brasil	Farmácia	p. 26
1926	1			Capa final-dentro
1923	1	Pharmacia Carvalho	Farmácia	p. 26
1925	3			Capa final-dentro
1923	1	Casa D´Alo	Instrumentos musicais	p. 26
1923	1	Pharmacia Firmiano	Farmácia	p. 26

1923	1	Pharmacia Central	Farmácia	Capa (final-dentro)
1930	1			Capa final-fora
1923	1	A.Meneghetti e Cia.	Venda de automóveis	Capa (final-dentro)
1923	1	Luiz Voelcker e Cia	Ferragem	Capa (final-dentro)
1925	5 e 6	Voelcker, Casper e Cia	Ferragem	Capa final-dentro
1926	2			Capa final-dentro
1926	3 e 4			Capa final-dentro
1927	1			p. 16
1925	1	B. Garcia & Cia.	Venda de automóveis	Contracapa
1925	1	Escola Remington Official	Escola/curso	p. 24
1925	1	Barcellos, Bertaso & Cia	Venda de máquina de escrever	p. 24
1925	1	Filippozi, Schültz e Cia.	Fazendas	Capa (final-dentro)
1925	1	Ervedoza & Cia	Droguistas	Capa (final-fora)
1926	2			Capa final-fora
1925	1	Casa Central	Fazendas, modas, miudezas	Capa (final-fora)
1925	1	Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul	Casa editora, oficina gráfica	Capa (final-fora)
1925	4			Capa final-dentro Toda a capa
1925	5 e 6			Capa final-dentro
1926	1			p. 25
1926	2			Contra-capas
1929	1		Apresenta uma lista de publicações	Capa final-fora
1925	3	Banca francesa e italiana per L'Amérique del Sud	Banco	Contra-capas
1925	3	Brancol	Cosmético	p. 16
1925	3	Pharmacia Minerva	Farmácia	Capa final-dentro
1926	1			p. 25
1925	3	Eleutherio Araujo	Fazendas	Capa final-dentro
1925	3	Exprinter	Agência de viagens	Capa final-dentro
1925	3	Agencia Ebolli e Cia.	Agência de viagens	Capa final-dentro
1925	3	Banco da Provincia do Rio Grande do Sul	Banco	Capa final-fora
1926	1	Giraffa & Cia.	Venda de terrenos, casas (corretor de imóveis)	p. 25
1926	1	Biotonico Fontoura	Medicação	Capa final-dentro
1926	2	Alamanach da Estrella do Sul	Jornal	Contracapa
1926	2	Royal	Máquina de escrever	Contracapa
1927	1			Contracapa
1926	2	Kessler, Vasconcellos & Cia	Depósito (venda de farelo de arroz)	Capa final-dentro
1926	2	Casa Carvalho	Tecidos, miudezas	Capa final-fora
1929	1		Fardamento colegial	p. 15
1926	2	J. Porto & Cia.	Bazar	Capa final-fora
1927	1			p. 16
1927	1	Vapor Porto Alegre	Transportes	Capa final-dentro
1927	1	Companhia Navegação Arnt	Transportes	Capa final-dentro
1928	2 e 3			Capa final-fora
1928	4 e 5			Capa final-fora
1928	6 e 7			Capa final-fora
1928	1	Casa Senior de Alfred Dennin	Aparelhos fotográficos	Contracapa
1928	1	Casa Faillace	Bazar	Contracapa
1928	8 e 9			Capa final-dentro
1929	1			p. 12
1928	1	Casa Lux	Instalações elétricas	p. 2

1928	4 e 5			Capa final-fora
1928	6 e 7			Capa final-fora
1928	8 e 9			Capa final-dentro
1928	1	Livraria Ideal	Livraria	p. 4
1928	2 e 3			Capa final-fora
1928	1	Banca Populare Italiana	Banco	p. 9
1928	1	Armazem Tamndaré	Armazém	p. 10
1928	1	Café Nacional	Alimento	p. 17
1928	1	Whippet	Automóveis	p.18
1928	1	Byington & Co.	Importadores, engenheiros e empreiteiros	p. 18
1928	1			Capa final-fora (toda a página)
1928	1	Casa Pratt S. A.	Venda de piano	Capa final-dentro
1928	2 e 3	Ensino de língua francesa	Aulas	p. 60
1928	2 e 3	Chapelaria Americana	Chapéu	Capa final-dentro
1928	2 e 3	Associação de Estradas e Rodagem	Propaganda	Capa final-dentro
1928	2 e 3	Sul America Companhia de Seguros de Vida	Seguro de vida	Capa final-fora
1928	4 e 5			Capa final-fora
1928	8 e 9	Giampaoli & Cia.	Fabricante de Doces/balas	Capa final-fora
1929	1	L. Agostinho Piccardo	Fabricante de sombriinhas	p. 15
1929	1	Chapelaria Central	Chapéu	p. 19
1929	1	Carlos J. Mueller	Papelaria, livraria e tipografia	p. 26
1929	1	A boa viagem	Artigos de viagens	p. 28
1929	1	Rocambole	Livraria	p. 28
1930	1	Casa Cecilia Louro	Armarinho, chapéus, perfumes	p. 22
1931	1	Fotografia Azevedo Dutra	Fotografo	Capa final-dentro
1931	1	Vinho Coqueiro e Guaraná Majestic	Bebidas	Capa final-dentro
1931	1	Casa das Molduras	Molduras	Capa final-fora
1931	1	Fábrica Rio-Grandense de velas para filtros e louças de barro	Fábrica	Capa final-fora
1931	1	Café David	Alimento	Capa final-fora